



MATERNIDADES E DOCÊNCIAS

A VIDA DESDE A PANDEMIA

ORGANIZADORAS

Gabriela Nobre Bins

Lisandra Oliveira e Silva

Natacha da Silva Tavares

Simone Santos Kuhn

Tatiana Martins Terragno

Vera Regina Oliveira Diehl

MATERNIDADES E DOCÊNCIAS

A VIDA DESDE A PANDEMIA

ORGANIZADORAS

Gabriela Nobre Bins

Lisandra Oliveira e Silva

Natacha da Silva Tavares

Simone Santos Kuhn

Tatiana Martins Terragno

Vera Regina Oliveira Diehl

FICHA CATALOGRÁFICA

M425

Maternidades e docências: a vida desde a pandemia [livro eletrônico] / [organizado por] Gabriela Nobre Bins et al.. Porto Alegre: Edição do autor, 2023. ePUB.119p.

ISBN 978-65-00-65216-1

1. Maternidade. 2. Docência. 4. Pandemia. I. Bins, Gabriela Nobre. II. Silva, Lisandra Oliveira e. III. Tavares, Natacha da Silva. IV. Kuhn, Simone Santos. V. Terragno, Tatiana Martins. VI. Diehl, Vera Regina Oliveira.

CDU 396:376+614.4

Catálogo na publicação: Leandro Augusto dos Santos Lima – CRB 10/1273



AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer a cada uma das mulheres, mães, professoras e pesquisadoras que aceitaram o desafio de narrar um pouco de suas vidas, suas rotinas, alegrias e angústias neste livro. Leticia, Ivanize, Crissia, Natacha, Gabriela, Kizye, Daniele, Simone, Tatiana, Cristiane, Lisandra, Tainara, Ana Paula, Caroline, Roseli, Helena, Vera, Bárbara, Elisangela, com a riqueza de suas histórias e as belezas dos desenhos das crianças, tornam esse livro muito especial.

Este livro é mais que um projeto do Coletivo Mães F3P-EFICE, é uma semente que fomos plantando e regando com muito trabalho, esperança, afeto e gratidão. Semeamos ideias para colher flores. Nossas histórias, assim como as flores usadas para ilustrar a capa e iniciar os capítulos desse livro, se reciclam a cada dia, a cada novo desafio que se coloca no nosso caminho. Destacamos que as flores que ilustram o livro foram feitas por nosso coletivo, utilizando material reciclado de garrafas *pet*, e colocadas ao longo do caminho do Campus da Escola de Fisioterapia, Educação Física e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para sinalizar e alegrar o trajeto até a "Casa Acolhe Infâncias", sede do nosso Coletivo, onde desenvolvemos um Projeto de Pesquisa e dois Projetos de Extensão sobre maternidade, docência e Educação Física.

Além disso, agradecemos o aceite de Priscilla e de Juliana Marcia para a escrita, respectivamente, do Prefácio e do Posfácio tão sensíveis e profundos, que dão um acabamento primoroso ao livro. A generosidade e a parceria dessas duas mulheres são fundamentais para nossa rede de mães, professoras e pesquisadoras. Para nós, elas são muito além de referenciais teóricos que nos ajudaram e nos ajudam a descortinar a compreensão sobre a mulher mãe na sociedade e na universidade, mas exemplos de coerência, de ética e de luta.

AS ORGANIZADORAS



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
As Organizadoras	
PREFÁCIO	14
Priscilla Bezerra Barbosa	
DANÇANDO NUMA MADRUGADA SEM FIM	21
Letícia Gomes Farias	
DOCÊNCIA, MATERNAGEM E PANDEMIA: UMA REFLEXÃO PARA ALÉM DA GESTÃO DO TEMPO	27
Ivanize Honorato	
NA PANDEMIA	35
Crissia A. Hoffmann de Castro	
RELATO DE EXPERIÊNCIA MATERNIDADE/DOCÊNCIA/PESQUISA	38
Natacha da Silva Tavares	
SER POLVO, SER MÃE E SEGUIR RESISTINDO	42
Gabriela Nobre Bins	
A MATERNIDADE QUE NINGUÉM ME FALOU	46
Kizye Anacleto	
MULHER, NEGRA, MÃE EM PANDEMIA	48
Daniele Da Rosa	
EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE UMA MÃE, PROFESSORA E PESQUISADORA EM TEMPOS DE PANDEMIA E DE DISTANCIAMENTO SOCIAL	53
Simone Santos Kuhn	
OS DESEJOS QUE ME CONSTROEM	57
Tatiana Martins Terragno	
A PANDEMIA E OS ATRAVESSAMENTOS DE SER MÃE PROFESSORA	62
Cristiane da Silva Costa	
"TEXTO AINDA SEM TÍTULO": O DESAFIO DE NOMEAR UMA EXPERIÊNCIA	68
Lisandra Oliveira e Silva	
MATERNIDADE EM PANDEMIA: UM GRANDE PUERPÉRIO	74
Tainara Andressa Becker Bastianello	

ATRAVESSAMENTOS DA MATERNIDADE NO SER MULHER-MÃE-ESTUDANTE DURANTE E APÓS O DISTANCIAMENTO SOCIAL OCASIONADO PELA PANDEMIA	78
Ana Paula Dahlke	
MATERNIDADE: 58 CM DE INFINITAS MUDANÇAS E ALÉM!	85
Caroline Maciel Da Silva	
EPISÓDIOS MATERNS PANDÊMICOS: O CUIDAR DO OUTRO E O CUIDAR DE SI	89
Roseli Belmonte Machado	
DE REPENTE	95
Helena Sisson	
EXPERIÊNCIA DE EXERCER A MATERNIDADE TARDIA	100
Vera Regina Oliveira Diehl	
A MATERNIDADE MANIFESTA A MINHA MELHOR VERSÃO	106
Bárbara Cardoso Aguiar	
EU E MINHA CONSTELAÇÃO DE MARIAS NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA: TENTARAM NOS PARAR, MAS RESISTIMOS E SEGUIMOS... ..	109
Elisangela Venâncio Ananias	
POSFÁCIO.....	115
Juliana Marcia Santos Silva	



APRESENTAÇÃO

Em março de 2020, tiveram início no Brasil, as consequências de um gravíssimo problema sanitário de nível mundial, a pandemia de COVID-19. No campo da Educação, passou a ser constituído o modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE) em decorrência da necessidade de distanciamento social para o enfrentamento ao coronavírus SARS-CoV-2. A partir desse momento, frases como: “o caminho se faz caminhando”, “não temos certeza, nem segurança, nem controle de nada”, “não sabemos o que ainda está por vir”, estavam fazendo muito sentido naquele viver, sobreviver, trabalhar e cuidar contemporâneos. Estávamos vivendo, quiçá, uma das maiores crises sanitárias que a humanidade moderna já tenha passado, e, tudo isso, isoladas e isolados desde nossas casas, lutando para não adoecermos.

Compreendemos que não podemos mais deixar de falar sobre como foi e tem sido viver nossas experiências de trabalho e de vida, especialmente quando vivemos uma pandemia no interior de nossas casas com nossas filhas e filhos. A ideia de escrevermos esse *e-book* emergiu do Coletivo Mães F3P-EFICE, que integra o Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE)¹ da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande Sul (UFRGS).

O Coletivo Mães F3P-EFICE é formado por mulheres, mães, docentes e pesquisadoras da área de conhecimento da Educação Física e da Educação, que trabalham e pesquisam em todos os níveis da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) e do Ensino Superior (Graduação e Pós-Graduação). Temos idades, aproximadamente, entre 20 e 60 anos e somos mães, filhas, docentes e estudantes, ou melhor, sujeitas aprendentes, porque aprender é o que entendemos que fazemos de melhor. Como o aprender não está dissociado do ensinar, em nossa perspectiva, também ensinamos. Ensinamos todas e todos que estão ao nosso redor, quase o tempo todo, porque acreditamos que através do ensino e da relação mediadora que está intrínseca a ele, nos tornamos seres humanos melhores, humanizados, com capacidade de refletir, de transformar e de ajudar. Muitas vezes, nessa caminhada, nos damos conta de que aprendemos mais do que ensinamos, especialmente se tivermos crianças e adolescentes ao nosso redor. E temos. Muitas. Cada uma de nós aqui

¹ Site: <https://www.ufrgs.br/f3p-efice/>. Instagram: <https://www.instagram.com/maesf3pefice/?hl=pt-br>.

tem uma ou mais crianças que ainda não alcançaram nossos ombros, que nos ensinam muito, mas que também nos exigem muitas outras coisas.

Durante a pandemia, a partir de nossas conversas no grupo de *WhatsApp*, e, principalmente, após o contato com o *e-book* "Narrativas de Mães Professoras Universitárias" (COSTA, 2020)² intensificamos nossa rede de escuta com mães, docentes e estudantes que estavam vivendo aquele momento histórico e que tínhamos contato de trabalho e estudo. Nesse sentido, a obra tematiza a vida, o trabalho, o cotidiano, os desafios e as superações de mulheres mães trabalhadoras da Educação nesse momento histórico.

Sabemos que nossa aspiração do aprender e do ensinar não é pequena, temos consciência disso. Portanto, destacamos que falaremos aqui a partir da escolha de dois pontos-chaves que nos unem no momento atual. O primeiro trata do trabalho docente que exercemos na área de conhecimento da Educação Física e da Educação em Escolas e Universidades, de modo que não são novidades as complexidades que envolvem esse trabalho em qualquer nível de ensino. Tardif e Lessard (2007)³ destacam que a docência se constitui através de relações e de interações humanas, ou seja, trata-se de um trabalho interativo, pois está no bojo das profissões que têm "seres humanos" como "objetos de trabalho", a saber: escolas, hospitais, serviços sociais, prisões, dentre outras. Nesses casos, existem relações interativas entre as trabalhadoras e trabalhadores e as pessoas que constituem os processos de seus trabalhos, sejam essas relações de manutenção, de mudança, de cuidado ou de melhora das situações vividas pelos sujeitos. O trabalho sobre e com seres humanos (exatamente o que fazemos) considera as relações entre as pessoas, com todas as sutilezas e as complexidades características. Assim, o trabalho docente não incide somente em executar uma tarefa. Não mesmo? Nos anos de 2020 e de 2021, em tempos de ERE, não somente a palavra tarefa estava atuante, mas nosso trabalho docente vinha se alicerçando, em grande parte, na solicitação de tarefas e mais tarefas via alguma plataforma digital, para que estudantes às concluíssem em determinado tempo.

Entretanto, por mais que a ação que corresponde à palavra tarefa esteja em voga no momento atual, queremos voltar nossa atenção ao entendimento de algo que se chama "sentido". Já é consenso que docentes nas escolas "devem" desenvolver suas aulas ou seus

² FONSECA, Ana Carolina da Costa e (Org.). **Maternidade e solidão**: relatos de professoras em tempos de pandemia. Porto Alegre: Ed. da UFCSPA, 2020.

³ TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

encontros pedagógicos com atividades que façam sentido, a fim de que estudantes possam construir aprendizagens significativas. Isso, porque o trabalho docente é uma “[...] atividade de pessoas que não podem trabalhar sem dar um sentido ao que fazem, é uma interação com outras pessoas: os alunos, os colegas, os pais, os dirigentes da escola [...]” (TARDIF; LESSARD, 2007, p. 38). O trabalho docente é compreendido enquanto experiência, ou seja, “[...] do modo como é vivenciado e recebe significado por ele e para ele [trabalhador e trabalhadora]” (TARDIF; LESSARD, 2007, p. 51). Desse modo, nos perguntamos, ainda sem encontrarmos significativas respostas: qual sentido houve em nosso trabalho docente ter sido alicerçado, no ERE, nas tarefas que solicitamos *online* para as e os estudantes, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior?

O segundo ponto que nos une é que no ERE, estávamos trabalhando desde nossas casas, com dias e noites voltados para aprendizagens de diversas plataformas digitais, ou seja, traduzindo: tínhamos que gravar aulas, salvar em nossos computadores pessoais, baixar essa mesma aula para uma nuvem ou disponibilizar no *Youtube*, avisar as turmas que as aulas estavam disponíveis *online*, ler e corrigir as tarefas, pensar em encontros áulicos com sentido, ler e discutir textos, indicar alguma *live* do momento, pensar em atividades para as e os estudantes realizassem em casa (com ajuda da família para quem precisava e sem a ajuda da família para quem conseguisse), enfim, essas novas aprendizagens, em sua grande maioria tecnológicas, bateram, entraram e solicitaram morada em nossas casas.

Nossas casas se transformaram em territórios de espaço e de tempo integral de viver a e na pandemia. Literalmente, com tudo que envolve esse viver: território de trabalho dos diversos adultos; das crianças e dos adolescentes estudarem, brincarem, se desenvolverem, crescerem, aprenderem; lugar das pessoas comerem, descansarem, se divertirem, se desesperarem; lugar de fazermos (quase) tudo de maneira *online*: cursos, estudos, terapia, participar de *lives*, dentre outras coisas; lugar também de reconstruirmos ou rompermos vínculos diversos, ou seja, um lugar de viver nossa vida cotidianamente e minuciosamente.

A casa sempre foi um espaço de vivermos todas as coisas citadas anteriormente. O fato é que, no período de distanciamento social imposto pela pandemia da COVID 19, fizemos isso 24 horas por dia. Finais de semana já não se diferenciavam dos dias de semana, não havia grandes motivações para feriados. Aniversários, estando sempre ou quase sempre com as mesmas pessoas, sem grandes mudanças de cenários e de afazeres, pois a rotina (pessoal e profissional) estava intensificada, uma vez que se cozinhava em casa, se limpava a

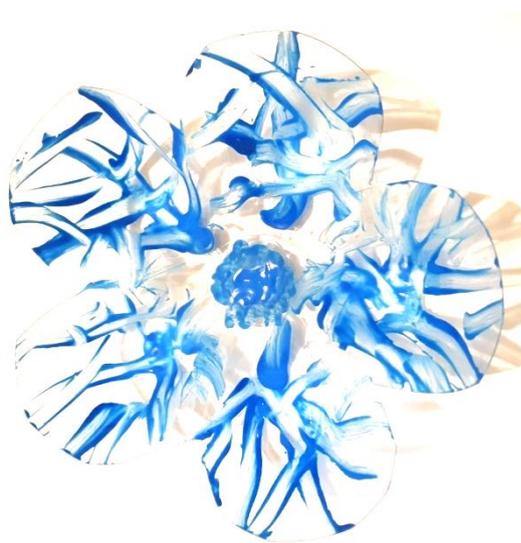
casa, se trabalhava em casa e se saía muito menos ou quase nunca de casa. E, dentro dessas casas, estavam nossas filhas e filhos, naquela época, entre 02 meses e 20 anos de idade, que nos demandavam tarefas de todas as ordens, e, exatamente aí, os fios das teias das nossas vidas começavam a se enroscar.

Assim, o presente *e-book* objetiva tornar públicos recortes das histórias de vida de mulheres mães que são docentes ou estudantes em redes públicas e privadas da Educação Básica e do Ensino Superior na cidade e na região metropolitana de Porto Alegre/RS, através das narrativas de seus cotidianos de vida e de trabalho. Além disso, este livro foi pensado para proporcionar uma reflexão a partir das conversas geradas na ocasião da realização do grupo de discussão sobre Maternidade e Educação Física, a partir da pesquisa de Bins, (2021)⁴, relacionando a maternidade, a docência e o restante das nossas vidas e realidades. Portanto, reúne relatos de mães professoras de Educação Física e de outras áreas do conhecimento sobre como vivem suas maternidades, principalmente no período da pandemia, mas não exclusivamente. Assim, as histórias de vida das autoras aqui narradas, representam diversas maternidades, exercidas por mães solo, por mães jovens, por mães mais experientes, por mães adotivas, por mães brancas, por mães negras, dentre outras formas de viver essa condição.

Desejamos uma excelente leitura para quem se interessa pela temática da maternidade e para quem deseja construir uma sociedade mais sensível às mães e as crianças!

AS ORGANIZADORAS

⁴ BINS, Gabriela Nobre. **Tecendo saberes, tramando a vida** - a Educação Física e a Pedagogia Grê: uma experiência autoetnográfica de uma professora de educação física na RME POA. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10239743>.



PREFÁCIO

Ao início de outubro de 2022, após mais de dois anos sob a pandemia de Covid-19, recebi o convite de uma *recém-companheira* de caminhada para que eu pudesse prefaciara um *e-book* que unificaria relatos de mulheres que, como eu e como ela, são/estão docentes, acadêmicas e mães.

O convite vem através de uma relação que construímos a partir de nossas tão emaranhadas vivências como trabalhadoras/pesquisadoras/escritoras/mulheres/mães. Digo emaranhadas porque sabemos o quanto, de modo geral, nos falta a capacidade de ordenar esses papéis/funções que cumprimos e vivemos. De automático, o *ser-estar* mãe, rapidamente, como se fosse natural, desponta como o primeiro e principal lugar social protagonizado por nós. Entretanto, dentro da trajetória de pesquisa que seguimos a construir ao longo dos últimos anos, nos cobramos um olhar mais atento à toda e qualquer vivência narrada por mulheres em torno da maternidade e dos lugares por ela determinados a nossas experiências. Partimos do entendimento de que todas as nossas experiências, incluindo a maternidade, são delineadas por uma lógica de socialização que se impõe sobre nossas formas de *ser/estar* no mundo. Assim, pensar com mais cautela e menos emoção, nos permite ler, ouvir, refletir e falar com um pouco mais de perspicácia sobre nossas experiências enquanto lugares atravessados pela função materna.

Quando passamos a ocupar o lugar da mulher que é mãe, essa nova atriz social passa a protagonizar outros lugares de nossa vivência, mesmo sem que tenha sido convidada a isso. Passamos então a nos percebermos - e sermos percebidas - como *mãe-trabalhadora*, *mãe-pesquisadora*, *mãe-militante*, *mãe-acadêmica*, *mãe-mulher* entre outras possíveis classificações. Embora muitas de nós possa ter iniciado todas as suas funções possíveis antes do *ser/estar-mãe* ser parido, vivemos numa sociedade que se organiza de tal forma a colocar essa *mãe* antes de todas as demais funções que protagonizamos.

Sabemos que dentro da sociedade em que vivemos - Brasil, 2022 -, todo o ordenamento está assentado sob estruturas de opressão que nos classificam, e o *ser mulher* faz parte desse ordenamento produtor de hierarquias. Ser mulher, trabalhadora e racializada são o início das múltiplas categorias que nos impõem a fim de nos determinarem lugares de submissão. Falo disso, pois, a maternidade, embora ligada a ideia de amor, renúncia e mulheridade acaba delineando experiências por demais pesadas sobre o feminino e que acabam cerceando nossas formas de ser e estar no mundo. Somos

ensinadas, direta e indiretamente, que a maternidade é para ser vivida de forma absolutamente renunciativa e sacrificiosa, que tudo vale à pena por ela, e isso inclui se retirar dos demais lugares sociais pelos quais transitávamos e nos fazíamos/refazíamos gente.

Se éramos mulheres, profissionais, acadêmicas ou qualquer outra coisa antes dos nossos filhos, deixar de sê-los a partir deles, parece ser uma expectativa social. Quando não deixamos de sê-los, e, ainda assim, desejamos conciliá-los com a função da maternidade, percebemos que nosso caminhar se torna um tanto mais extenuante. Parece que a caminhada, que antes fazíamos com disposição e ténis de corrida, passa a ser feita descalça, numa estrada pedregosa, íngreme e por onde ainda arrastamos bolas de ferro. Daí, com dificuldades maiores para nos mantermos e/ou adentrarmos em espaços outros, muitas de nós começam a compreender a existência de uma ideia de *não-lugar*.

Ressalto que, ao falar de uma mudança na condição de seguir caminhando após a maternidade, não quero com isso afirmar que antes de tal vivência nossas estradas fossem repletas de flores. Não é a intenção. Sou, antes de tudo, uma mulher negra, trabalhadora, nascida e feita gente na região metropolitana do estado do RJ, e, que, socialmente, em espaços diversos ao meu, inclusive na universidade pública, sempre me lembraram qual deveria ser o meu lugar na ordem estabelecida. Entretanto, reconheço que, ainda assim, carrego em mim, principalmente no que concerne à racialização, características que me proporcionam lugares e possibilidades que irmãs pretas, mesmo em condições de vida muito semelhantes à minha, não têm.

Passamos, talvez, a compreender que, aquilo dado como íntimo e pessoal tal como toda a tarefa de cuidado, que é justificada pelo fato de sermos mulheres - em especial, quando mães, trabalhadoras e racializadas -, se apresenta em nossas vidas práticas e cotidianas como uma carga exacerbada de trabalho. É o trabalho invisível que, ligado à função da maternidade, fica ainda mais imperceptível e camuflado no discurso do amor incondicional e incontestado de mãe. Situação essa que nos empurra inúmeras impossibilidades de vida, mas da qual nos distraem a atenção nos oferecendo o afago discursivo da mulher “guerreira”.

O contexto de pandemia provocada pela Covid-19, no ano de 2020, vem para escancarar, se não para toda a sociedade, mas pelo menos para nós - *mulheres-mães*-

trabalhadoras - o quanto a sobrecarga é concreta e que não há afago discursivo que retire de nós a sensação de esgotamento físico, emocional e intelectual.

As histórias aqui compartilhadas podem parecer simples relatos, porém, ao lermos com um olhar mais sensível e atento, se faz possível compreender que o que cada uma de nós viveu nos últimos anos - e em toda a vida do ser mulher - têm nos esmagado absolutamente e que nada de belo há nisso.

As histórias aqui narradas, especificamente apontam para experiências de mulheres que são professoras, acadêmicas e mães e que se viram, assim como o restante da humanidade, atravessadas pela crise sanitária global. O recorte trazido em cada narrativa refere-se ao fato de, enquanto professoras e alunas e mães de alunos das mais diversas idades, tais mulheres se encontraram consumidas em tarefas sem fim.

Embora fique evidente que nenhuma delas tenha se encontrado em situação limítrofe de condição de dignidade de vida para si e para suas famílias, enfatizo a legitimidade das dificuldades narradas por cada uma. Tenhamos consciência de que, de forma bastante peculiar, o *ser-estar mãe/professora/aluna* num processo de isolamento social, fez com que se deparassem com grandes contradições entre todas as referidas funções e lugares sociais. Ser professoras em período de ensino remoto e esperar que os seus alunos fossem dedicados, mas verem em casa que seus filhos não davam conta de se dedicar ao novo formato de estudos, assim como, cada uma delas também precisou se adequar a ser aluna no mesmo formato, certamente, sobrecarregou suas vidas somando-se ao fato de se virem convocadas a atender a organização cotidiana de suas famílias.

Ler as experiências aqui narradas nos oportuniza pensarmos em nossas próprias experiências, nos lugares que ocupamos e nas formas como nos permitimos *ser-estar* em tais lugares. Lê-las, nos permite a busca pela alteridade para que possamos nos colocar no lugar de tantas outras que, assim como nós, se sobrecarregam para *dar conta*. Pondero ainda que, ao passo que nos seja possível identificação com determinadas experiências aqui relatadas, devemos também entender o quanto, ainda assim, ocupam-se lugares mais amenos que os de tantas outras que, sendo trabalhadoras, o eram/são, em situação de informalidade ou mesmo desemprego e muitas vezes se viram impossibilitadas de se manterem em isolamento social por questões que não atravessaram nossas vidas.

Cada narrativa apresentada neste sensível trabalho que, trazendo pequenos e profundos pedaços de vida vividos de formas múltiplas, por múltiplas mulheres e suas

famílias, nos brinda ainda com lindas ilustrações elaboradas por aqueles pequenos e adolescentes que compartilharam de experiências intensas em meio ao cenário pandêmico. Assim, ler a vida que pulsa em cada relato apresentado, nos oferece a oportunidade de uma compreensão mais concreta acerca da ideia que diz o quanto o *“o pessoal é político”* e de que devemos sempre treinar nossa capacidade de compreensão, atentando para o contexto social, político, econômico, cultural e racial de cada uma de nós, a fim de entender o peso diverso que cada experiência pode ter sobre vidas diversas. Porém, mais que isso, nos oportuniza entender, ainda, que até determinados pontos, semelhanças e compartilhamentos existem. Assim, desejo que ao término da leitura dessas narrativas, possamos estar mais atentas, mais sensíveis, mais fortes e mais dispostas à alteridade e à experiência coletiva, para que através disso possamos começar a pensar em mudanças que, de fato, nos *(des)sobrecarreguem*.

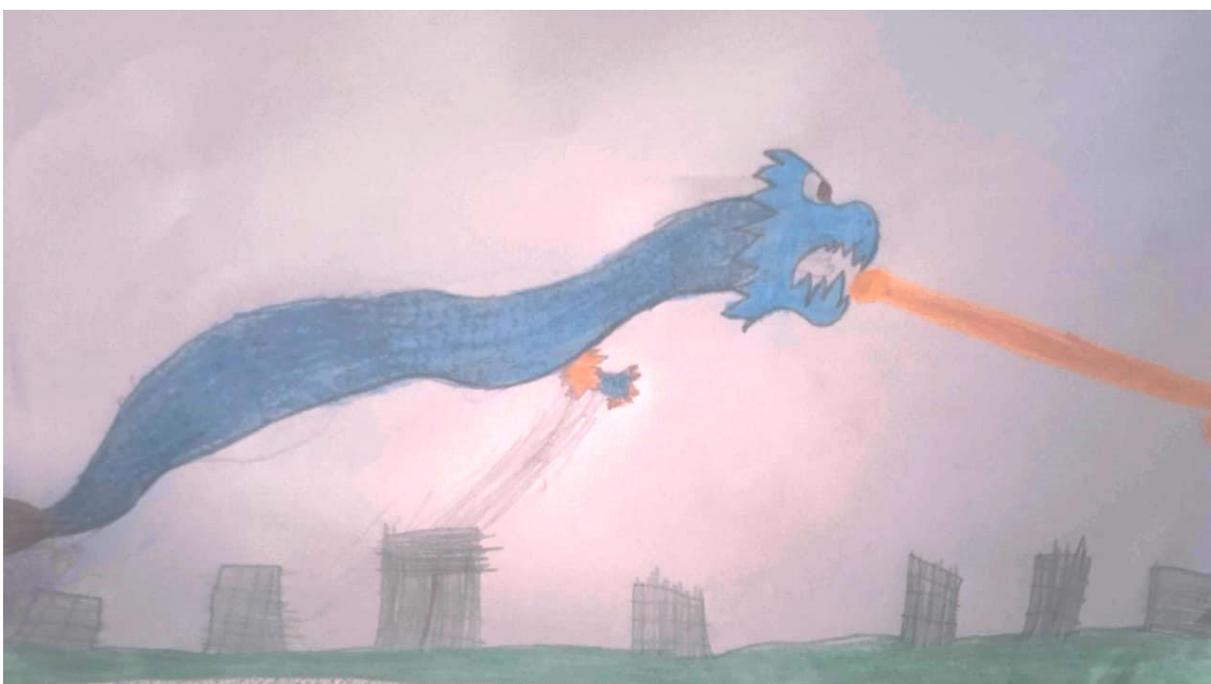
Priscilla Bezerra Barbosa



Priscilla Bezerra Barbosa, Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós graduação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora de História do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal do Pará (IFPA). Mãe da Joana e do Vicente. Autora do livro "O Filho é da Mãe?", da Editora Substância.



NARRATIVAS



Desenho de Luiz Miguel Farias de Aguiar

DANÇANDO NUA NUMA MADRUGADA SEM FIM

Letícia Gomes Farias

Lembro-me de ter assistido ainda quando criança a um filme sobre um menino que vivia em uma bolha. O que dava gosto ao drama do filme, estrelado pelo nada famoso na época John Travolta era o inusitado fator “isso jamais foi visto, isso nunca poderia acontecer”.

Comovia-me o sofrimento do garoto, mas confesso que o que me mantinha ali, na verdade eram os belos olhos do futuro galã de *Hollywood*. Achava o filme no geral estranho, com um galã coberto de plástico, que desfilava em uma espécie de traje espacial laranja.

Hoje, trinta anos depois, repensando sobre aquele filme, nada mais me parece estranho, pelo contrário, o percebo repleto de temáticas surpreendentemente contemporâneas: a atmosfera ansiosa e ao mesmo tempo conformada pela impotência diante da doença, uma convivência estranha com o medo e o isolamento dentre tantas outras. Hoje, pouco me interessa os dramas amorosos do adolescente magrinho que o protagonizava, dou-me conta de que nada sei sobre seus pais e me pego curiosa por entender como eles lidavam com coisas com as quais hoje sou obrigada a lidar.

Eu e meus dois filhos estamos enclausurados há 161 dias, desde o início da pandemia mundial de COVID 19. As aulas foram suspensas e tanto eu, professora, quanto minha filha do 9º ano e meu filho do 3º ano do Ensino Fundamental iniciamos a nada divertida aventura de não termos uma rotina. Se tivesse que descrever essa experiência, diria que sinto como se dançasse nua em uma madrugada sem fim. Não sei o que vem pela frente, ou como as coisas se resolverão, não sei se algo irá me atingir agora, ou nos próximos dez dias. Sinto-me frágil, vulnerável e cobrada a dar sequência à dança da vida, apesar de tudo e como se nada acontecesse.

Semanas atrás vi em um supermercado um bebê completamente plastificado. Seus pais cobriram o carrinho com um plástico grosso formando uma bolha, como a do filme que eu assisti quando criança. A bolha com rodas os permitia desfilarem com seu pequeno em meio ao vírus que segue contaminando e matando em nossa cidade. Ali, lembrei-me da primeira semana de confinamento, onde tive de encontrar um jeito de alertar minhas crianças para o que estava acontecendo sem apavorá-las demais. Esconder o seu medo é uma estratégia

comum para as mães. Sabemos quanta vida o medo nos rouba. Tentamos poupar as crianças pelo menos enquanto for possível. Para convencer uma adolescente de que ela não poderia ir a nenhum dos “encontrões” marcados pelo *WhatsApp* e sugestivamente chamados de “Só os que *quer* morrer”, me peguei aos gritos dizendo que esses eram, na verdade, “só os que querem matar as mães”. Gritava que eu estava ameaçada por ser mais frágil, mas na verdade pensava no pior dos meus pesadelos: perder um deles, só um, e não poder morrer também, pois o outro ainda precisaria de mim.

Não sei como os pais do menino do filme lidaram com isso, não acho que minha maneira tenha sido a melhor, mas foi a saída que encontrei naquela hora em que o pânico batia em nossas portas e mensagens de *WhatsApp* mostravam pessoas caídas pelas ruas da China, supostamente, mortas pelo vírus pelas ruas.

Minha filha, uma adolescente negra, tem o olhar já bastante treinado para procurar representatividade e logo alertou que não havia negros entre as vítimas mostradas nos noticiários. Formulou sua teoria: negros seriam imunes. Minha mente mais experiente logo respondeu que, por se tratar de um vírus vindo de países turísticos, atingiria primeiro as classes mais abastadas, onde a população negra quase não é representada. Porém, quando chegasse às classes trabalhadoras abateria negros como moscas, por terem menos acesso a cuidados de saúde e mais comorbidades, conquistadas na vida difícil de desigual das comunidades populares.

A ideia de uma possível imunidade agradou ao meu filho mais novo, que logo teorizou que eu, por ser mais clara, ainda estaria em risco, exigindo que todos continuássemos em isolamento e tomando todos os cuidados de higiene para sair de casa. Não só me calei quanto às suas teorias, como repeti isso quando ele, diante das notícias, me perguntava com medo se algo poderia acontecer. Mães mentem, sem pudores, se necessário. E muitas vezes, nesse nosso momento “na bolha”, foi necessário.

Nesse enredo realístico todos estamos na bolha. A sensação de estarmos todos no mesmo barco nos consola, mas muitas vezes nos sentimos sozinhos. Estamos cercados do plástico sem vida da tecnologia que nos traz esperança, mas não é capaz de substituir a vida, nem mesmo nos entreter no tempo que nos toma. O tédio é uma constante.

As coisas ficaram simples e complexas simultaneamente. Todo dia meu filho me pergunta o que faremos amanhã. Sei que a pergunta nasce da esperança de que tenhamos algo a mais a fazer, algo que agrade, que divirta. Odeio a pergunta, pois sei que não posso

satisfazer essas expectativas. Alguns dias são melhores do que outros. Percorri o bairro a pé de máscara e arfando, fazendo meus pulmões asmáticos reclamarem com ruídos altos enquanto sorria sem rumo. Foram vários e vários passeios para dar conta dessa expectativa. Várias trilhas, vários piqueniques no jardim. Nos dias ruins a resposta vem recheada de verdade: Não vamos fazer nada! Ou com algum sarcasmo temperado de irritação: dormir, vamos dormir o dia todo!

Pra complicar ainda mais, o isolamento limita muito nossos papéis. Se antigamente tínhamos diversas funções que nos possibilitavam variar de papéis e posições, hoje estamos presos em um jogo com poucos participantes. Eu era mãe, filha, amiga, colega, professora, supervisora, às vezes, até era mulher em um flerte ou outro da vida. Cada um desses papéis trazia novas expectativas, novos desafios, e correspondia a um conjunto de atitudes próprio, linguagens, pensamentos e trocas. Percebo agora o quanto viver todos esses papéis era desafiador e revigorante. Vejo agora, pois o “novo normal” da clausura me reduziu a ser mãe, quase que o tempo todo.

Sou mãe de uma adolescente que tem crises de choro e agora decidiu que precisa ir ao psiquiatra, pois a namorada a diagnosticou pelo *WhatsApp* : crises de ansiedade. Sou filha de alguém que nega a pandemia e traz as mais variadas teorias da conspiração como justificativas. Seriam engraçadas não fossem todas elas desculpas para que as pessoas desrespeitem as recomendações de afastamento e se coloquem em risco. Como já devem ter percebido, nesse papel também sou mãe, afinal mãe é quem tenta impor um pouco de sensatez em meio à inconsequência...

Sou a mãe dessa casa e no sentido social isso quer dizer que cabe a mim tudo que a casa necessita, de alimentos a consertos. Cozinho, limpo, organizo e busco os mantimentos necessários, cumprindo diversos e complexos rituais de desinfecção que incluem a limpeza interna do nariz e da garganta. Reclamo em voz alta diariamente de estar presa em um *looping* temporal, que recomeça quando abro a gaveta para pegar as canecas para o café.

Em alguns momentos tive que ser minha mãe. Acredito que não tive outra escolha. Alguém tinha que me consolar, me empurrar pra frente, ou mesmo me dar um colo pra evitar a insanidade que me rondava enquanto passava mais uma camada de álcool nas mãos já ásperas e machucadas, ou quando começava a surtar por ter esquecido e coçado o olho durante a visita ao supermercado, nos momentos em que o fazer tudo, lembrar de tudo,

pensar em tudo ficava pesado demais. Afinal, quem dá conta de tudo ao mesmo tempo e o tempo todo?

Na tentativa de dar conta, desenvolvi alguns talentos: tornei-me uma excelente padeira, já que as compras são semanais e o pão precisa ser razoavelmente fresco. Sigo em rotinas de trabalho remoto, como professora e supervisora, entrando e saindo de reuniões, planejamentos e orientações. Enquanto equilibro o mundo em minhas costas, respondo a exigência de ser uma excelente profissional, fazendo coisas que não são minha função e para as quais não fui treinada. Mais um bom trabalho que jamais será reconhecido, afinal somos só professorinhas.

Hoje sei mais sobre alfabetização do que sabia antes da pandemia, mesmo sendo formada em pedagogia. A experiência de alfabetizar meu filho em casa me proporcionou perspectivas únicas sobre esse processo. Hoje também, mais do que nunca sei o quanto devo aos professores das escolas públicas que frequentei, pois me lembro o que é um “binômio de Newton” e soube explicar sem titubear os fatores-chaves para a “Guerra Fria”, entre tantas outras coisas nas tarefas remotas de minha filha mais velha.

Não sei se os pais do filme “O garoto da bolha” cometeram erros. Não sei se os outros que estão na mesma situação que eu estão cometendo. Mas, eu estou me contentando em aprender com os meus. Cortei a internet, proibi os *videogames*, já que ninguém mais saía da cama, deitados e conectados. Liberei a internet, pois a crise de tédio quase nos deixou deprimidos. Impus toque de recolher, pois quase todo mundo estava trocando o dia pela noite... Não me adaptei ao toque, pois sou notívaga e simplesmente fingi que esqueci a ordem dada. Se for pra ser hipócrita, que seja por algo mais importante. Racionei a margarina, que nem comida é e só faz mal à saúde, e descobri que a grande vilã do consumo era eu. Impus rotinas de exercícios, que tiveram o mesmo fim do toque de recolher...

Gostaria de terminar explicando a moral da história, mas não acho que essa história termina aqui. Acho que ser mulher é dançar nua pela madrugada, e, a maternidade, a sua marca mais profunda, é uma madrugada linda, assustadora e infinita. A pandemia passará e eu colocarei novamente o filme “O menino da bolha” nas profundezas da minha memória, mas se voltaremos ao normal, não sei. Gostaria de acreditar nessa utopia recém surgida, que diz que após essa provaçãoviveremos um “novo normal”, permeado pelas aprendizagens

alcançadas nesse período difícil. Só espero que nesse “novo normal” se lembrem de incluir as mulheres.

Letícia Gomes Farias é arte educadora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, mãe da Anna e do Miguel. Mestranda no PPGEDU da UFRGS.





Desenho de Laís Honorato Noronha e de Tales Honorato Noronha

**DOCÊNCIA, MATERNAGEM E PANDEMIA:
UMA REFLEXÃO PARA ALÉM DA GESTÃO DO TEMPO**

Ivanize Honorato⁵

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes.
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi
(Emicida)*

Este texto, embora pareça uma página arrancada de um diário pessoal, tem a pretensão de apresentar uma breve reflexão sobre como interage na mesma pessoa a filha, a mãe e a profissional, e como relaciona com o tempo e as “ditas funções” de cada parte dessas, que também me constitui enquanto mulher durante o período da pandemia. Apoio-me nos estudos feministas de bell hooks para compreender um pouco melhor essa construção no decorrer dos tempos, e como nossos comportamentos vão sendo moldados.

Para esta autora, quando há a partilha de histórias, “[...] as peculiaridades de cada voz são ouvidas. Mesmo quando duas pessoas escrevem e falam sobre experiências comuns, há sempre um aspecto único, algum detalhe que separa uma experiência de outra” (HOOKS, 2020, p. 99).

E a minha história inicia na virada de 2020: no hospital, acompanhando minha mãe, recém-saída da UTI, já apontava para um ano diferente, perturbador e altamente reflexivo. Noite atípica, silenciosa, cheia de medos, me fez pensar em tantos outros *réveillons*, descontente por pouca coisa: é a própria vida respondendo aos nossos anseios. Seguiu o “vai e volta” de internações ainda nos meses seguintes, quebrando de vez a rotina de tarefas de casa, escola/trabalho e tempo para os filhos. Situação delicada, necessária, e mesmo diante dos imprevistos somos capazes de nos sentirmos imprestáveis, por não conseguirmos dar conta do todo como sempre. E o estereótipo da mãe e mulher ideal já caindo por terra. Mas, quem disse que precisamos dar conta de tudo? Quem criou essas regras? Por que nos cobramos tanto? Crescemos numa sociedade machista, e partindo do pressuposto de que o

⁵ Filha única, mãe da Laís e do Tales, separada. Licenciada em Educação Física pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora de anos iniciais da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, e professora de Educação Física do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), engajada na luta por uma educação antirracista. E-mail: ivanize.honorato@feliz.ifrs.edu.br.

machismo e o patriarcado tenham deixado marcas não só nos homens, mas também nas mulheres, acabamos por reproduzir conceitos e valores, por vezes de forma inconsciente, e ferindo nosso ego.

Meados de março, e a notícia do tal vírus chega ao nosso hemisfério. As incertezas do COVID 19 trouxeram sensações estranhas. Nesse período, seguia acompanhando minha mãe em mais uma internação num dos hospitais polo de internação do COVID. Foram vinte dias que não saí desse espaço, indo no máximo ao mercado da frente, abastecer mochila (sim, sem geladeira) e farmácia. Com receio de levar o vírus para casa, optei por me afastar dos filhos e dos familiares, e seguir na companhia da minha mãe por tempo integral.

O que seria uma parada de alguns dias se estendeu por mais de um ano. E o novo normal nos trouxe novas rotinas, hábitos, reflexões sobre a vida, as relações, a medicina, a política, a educação, os filhos, o uso exagerado da internet, com as doses certas de vitaminas D, receitas, e tantos outros assuntos ... Mas, pouco se discutiu, ou por falta de tempo ou porque já era uma questão aceita, sobre o acúmulo de tarefas que esse período acarretou para as mães que são professoras. A implementação do ensino remoto descortinou uma situação que já acontecia anteriormente: a sobrecarga emocional e física frente às jornadas de trabalho, que interfere significativamente no grau de expectativas, paciência, cobrança e realização pessoal. Tudo ficou ainda mais complexo e delicado, principalmente por considerar que seria apenas questão de dias, no máximo um mês.

A partir de maio de 2020 foi a corrida para que o planejamento pedagógico chegasse aos nossos alunos: as dúvidas sobre “como quantificar o planejamento em 4hs”, “seguir o conteúdo ou só revisar”, ou “torná-lo de fácil acesso às realidades”. Mas, como tornar acessível para famílias sem internet, ou com escolarização inferior a dos filhos, ou ainda, que as prioridades são outras para os filhos diante daquela situação. O descaso que por vezes surgia no ensino presencial, no remoto só confirma, e aumenta! E como se dá a intervenção pedagógica à distância? Como partir do erro, e construir aprendizagens significativas?

Todas essas angústias nos acompanhavam nas discussões nos grupos de *WhatsApp* de professores, tentando driblar a problemática que estava para além de nossos poderes, e dando conta do nosso trabalho, e, assim, nos reinventando a todo instante. Entre essas conversas no aplicativo de bate-papo, também era o momento de desabafo da sobrecarga, das horas intensas na cozinha, no computador, na organização da casa, no atendimento aos filhos, tudo quase ao mesmo tempo. E o relato de colegas, às vezes entre risadas, também

nos confortava, porque de alguma forma nos sentíamos iguais. Tudo isso ao som de “mãeeee ...”, “manhêeee...”, “mãe? ...”, “mãezinha...” a todo instante.

Revisar material escolar dos filhos, corrigir temas, estudar para provas, verificar notas e trabalhos, acompanhar recados e e-mails da escola, já eram tarefas diárias anteriores à pandemia. Não que eu desse conta antes, me multiplicava para fazer o máximo após as 60 horas de docência na semana. Mas agora, além da rotina que já acumulava, temos as aulas síncronas e assíncronas, atividades em excesso, o uso das mídias e adaptação às plataformas tecnológicas, *links*, vídeos, postagens das tarefas feitas, correções *online*. Tudo parece simples se a criança também quer fazer parte deste novo. Mas não. Se irritam fácil, pois há outros atrativos na internet, se estressam com a quantidade de tarefas, e cansam logo do contato apenas com a tela.

E à minha rotina de filha única, acrescento os cuidados com a minha mãe, que ao ficar acamada, exigiu mais tempo e dedicação. A sombra do vírus a cada internação, os avanços de sequelas de cirurgia neurológica, uma bactéria potente no organismo, a conversa dos médicos tirando as esperanças, o caos na área saúde que aumentou após o decreto da pandemia. Toda essa trilha encerrou no final de novembro de 2020, quando ela preferiu descansar, com altas doses de morfina e carinho. Das únicas certezas que temos nessa vida, a morte, sempre nos pega desprevenidos, difícil de aceitar. Inacreditável, ainda.

Não foram momentos fáceis de lidar com tantas emoções: ser filha, mãe, mulher, professora numa mesma pessoa, tentando acertar e se realizar em todas essas facetas, sem se deixar vitimizar ou se culpar. Difícil. Frustrante. Desanimador. Como consolo, entre os afagos virtuais, li muitas vezes a palavra “guerreira” para a minha caminhada, como forma de elogio. Aceitei, o que me deu forças naquele momento, mas problematizo: até que ponto ser guerreira faz bem para a nossa saúde mental? Qual sentido para a vida ser guerreira o tempo todo? Às vezes a gente só precisa de um banho de mar e uma coca-cola gelada. Ou deitar no sofá e ter a posse do controle remoto. Ou mesmo dirigir sem pressa com a melhor *playlist*. Se permitir. E pronto! Já estamos satisfeitas.

*Pelas pequenas alegrias da vida adulta
Eu vou
Eu vou pro frente como guerreiro
Nem que seja pra enfrentar o planeta inteiro
(Emicida)*

Nem sempre nos deixamos levar por esses pequenos luxos, ou pequenas alegrias da vida adulta, porque a sociedade (ou nós mesmas!) esperamos mais respostas de nossas ações, dessas que salvam o mundo e o nosso pequeno cotidiano. O desafio segue fazer com que a romantização do termo “guerreira” não cubra nossa visão do que de fato acontece, e do lugar que ocupamos. Ser forte o tempo todo é difícil, porque ainda há o imaginário que a mulher suporta e resolve tudo. Ficamos no limiar entre esse ideal de mulher e a realidade. As mulheres também acabam reproduzindo comportamentos sexistas, imersas numa sociedade machista, nem sempre é fácil sair desse lugar sem uma tomada de consciência crítica da realidade, e do seu papel. Por isso a importância de uma educação feminista, pois é preciso compreender, como sugere hooks (2018), que as políticas feministas sejam para todos, de modo que homens e mulheres, crianças e adultos, possam se desprender de atitudes sexistas, e construir uma sociedade mais feminista, produzindo mudanças reais no comportamento. “Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (HOOKS, 2018, p. 13).

*Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós
Tudo, tudo, tudo que nós tem é
Cale o cansaço, refaça o laço
Ofereça um abraço quente
A música é só uma semente
Um sorriso ainda é a única língua que todos entende
(Emicida)*

Sempre oportuna a discussão sobre maternidade e maternagem. Enquanto a primeira refere-se basicamente ao processo biológico de tornar-se mãe, o segundo termo preza pelo amor, cuidado e afeto, uma escolha pessoal para além da maternidade. hooks (2018), propõe uma nova reflexão sobre o que é ser mãe na sociedade, partindo de uma educação mais libertária e acolhedora, sem perpetuar o pensamento sexista:

Dentro de culturas de dominação patriarcal capitalista de supremacia branca, crianças não têm direitos. O movimento feminista foi o primeiro movimento por justiça social nesta sociedade a chamar atenção para o fato de que nossa cultura não ama crianças, continua a enxergar crianças como propriedade do pai e da mãe, para que façam com elas o que bem entenderem (HOOKS, 2018, p. 110).

Educar a partir de uma perspectiva antissexista, antirracista e feminista é a nova ordem. E equilibrar os desejos da mulher e a maternagem tem sido um desafio de quem

resolveu também encarar uma carreira, e seguir na vida acadêmica. Tais áreas não necessitam ficar em oposição o tempo inteiro, mas aceitá-las como campo de construção e reconstrução.

Analisando de forma superficial, poderia até afirmar que o trabalho remoto para as mães seria um sucesso, pois uniria tudo no mesmo espaço: a docência, a maternagem e a vida doméstica. O que parecia um sonho, trabalhar em casa, vai se tornando um pesadelo quando tentamos assumir demais o controle de tudo o que por vezes foge da nossa alçada. Houve uma falsa sensação de sobra de tempo. Essa sequência de atividades diárias, não segue um roteiro conforme o espaço físico que estaríamos ocupando: seria como se no segundo período de aula, pudesse ir ali colocar roupa na máquina e o feijão para cozinhar, e após dar explicação para o nosso aluno, faltasse paciência para brincar de bingo dos animais que a professora do filho solicitou no planejamento.

Vai além da organização das atividades no tempo físico. Implica em gerenciar emoções, estimular nos filhos a autonomia, estabelecer rotinas, administrar diferentes tarefas ao mesmo tempo, e seguir produzindo como se a vida estivesse normal no meio de tantas incertezas que estamos vivendo. Manter a saúde mental tem sido caminho de labirinto em gincana. Ainda que eu possua uma boa rede familiar para dar suporte quando necessário, a gestão do todo passa pelo meu veredito.

Maternidade e magistério: vocação. Quem já não justificou suas escolhas a partir desta ótica? Por muito tempo estas escolhas estiveram relacionadas ao feminino, impactando também em diferentes modos de ser. Embora tenhamos avançado ao longo do tempo, ainda é preciso transgredir a ótica vocacional, não só para que os outros nos reconheçam enquanto profissionais, mas para que possamos assumir outras posturas, com menos culpas e sobrecargas, e mais tranquilidade.

O conceito de gênero perpassa nestas discussões, e no quanto as construções do *ser mulher* atravessam nossas ações. hooks (2018) salienta que uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. São as experiências, as vivências em diferentes espaços, as reflexões, e a conscientização que ressignifica tal papel. Compreender o quanto o patriarcado se transforma num sistema de dominação, mantendo relações de poderes injustas, também transforma.

Possivelmente, haverá pesquisas que evidenciem tal afirmação: “homens seguiram produzindo com sucesso em *home office* no período da pandemia” sem essa preocupação que carregamos. Isso, porque nossa sociedade ainda relaciona trabalho doméstico com o feminino. Isso, porque nós mulheres também acabamos absorvendo este trabalho, por vezes em forma de fardo, sem dividir igualmente as responsabilidades com os filhos e demais membros da casa.

*Vejo a vida passar num instante
Será tempo o bastante que tenho pra viver?
Não sei, não posso saber
Quem segura o dia de amanhã na mão?
Não há quem possa acrescentar um milímetro a cada estação
Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?
(Emicida)*

Ao som de poesia e de reflexões de bell hooks, trago experiências pessoais que despertam uma discussão urgente: maternidade, maternagem e a gestão do tempo. A música me ajuda a pensar, me acalma e de certa forma quebra a formalidade destas discussões. O fardo não precisa ser pesado sempre, a leveza da poesia nos abre outras possibilidades de pensar o mundo, e o “eu” em relação a este mundo que a cada dia nos suga ainda mais. Você também não tem a impressão que o tempo tem passado mais rápido, e que a sensação é de que não vamos dar conta de tudo?

O certo é que não dá para acumular as duas funções numa só com tamanha cobrança. Ou se faz bem uma, e não se culpa pela outra, e segue a vida tranquila; ou se exige duramente nas duas funções, deixando marcas, talvez nem sempre positivas, em filho e mãe. A maturidade, o tempo, as circunstâncias vão ensinando que o bem viver gera muito mais consequências positivas em nossas vidas. A qualidade do tempo precisa ser eficiente e objetiva, seja para o trabalho, seja para atenção com os filhos. Ter clareza de onde se quer chegar contribui muito nesse processo de aprendizagem da vida.

REFERÊNCIAS

Hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.



Ivanize Honorato é mãe da Laís e do Tales. Pedagoga e Educadora Física. Professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre e do Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Membro do NEABI IFRS/Campus Feliz, do GT Antirracismo/IFRS e da Comissão Central de Heteroidentificação de Candidatos Negros nos Processos Seletivos/IFRS.



Desenho de Katharine Castro de Lima

NA PANDEMIA...

Crissia A. Hoffmann de Castro

Somos uma dupla, Mãe e Filha (eu quase 45 aninhos e ela, adolescente de 17 anos). Estamos praticamente trancadas dentro de casa... Somos quase as princesas ogradas isoladas na torre do castelo. Sempre fomos muito amigas e parceiras, mas às vezes se faz necessário lembrar quem é a adulta responsável na relação... Que atire a primeira pedra a mãe que nunca disse: - “eu não sou tuas amiguinhas?”.

Lá no início da pandemia, conversamos bastante sobre os riscos que correríamos se não respeitássemos os protocolos de segurança (distanciamento social e o uso de máscaras, principalmente), pois nós duas temos asma. Por sorte, ou não, nós duas estamos em “*home office*”, ela da escola e eu do trabalho. Ela parou de jogar voleibol, fez muitos treinos físicos em casa e disse muitas vezes que queria poder voltar a treinar com as amigas no ginásio. Mas ainda não deu! Na escola, relaxou no ano passado (2020), e no final do ano fez uma correria maluca para não perder o ano... Deu certo! Aprendeu a lição, pois nesse ano ela está bem mais organizada.

Eu também parei de fazer minhas atividades físicas, me sinto desorganizada mesmo mantendo o trabalho em dia. Tenho focado, ultimamente, apenas em controlar a ansiedade e tentar manter a sanidade mental! E não comer tudo que vir pela frente. Sim, eu me culpo, mas não consigo me organizar direito estando em casa o tempo todo, vivendo nesse ciclo maluco. Confesso que é muito chato ser mãe o tempo todo... Antes da pandemia, tínhamos horários e funções distintas, no trabalho eu era só uma profissional, e, em casa eu era só uma mãe... No barzinho eu era só uma amiga, e por aí vai! Mesmo minha filha já tendo 17 anos, ainda tem coisas chatas de mãe para fazer e dizer: arruma teu quarto; não vai dormir tão tarde; já colocou tua roupa para lavar?; tem que limpar a sujeira dos cachorros. Eu estando em casa o tempo todo, ela meio que relaxa em algumas atividades domésticas, e isso acaba me sobrecarregando um pouco.

A parte boa é que estamos em segurança, temos tudo que precisamos, não estamos passando necessidades, conseguimos assistir nossos filmes e séries preferidos, conversamos sobre quase tudo. Vocês sabem como é adolescente, né? Nem todos os assuntos são possíveis com os adultos, ainda mais com as Mães. Já trocamos o dia pela noite, e a noite

pelo dia, comemos mais do que devíamos, e também comemos muitas besteiras. Tivemos crises de choro, de ansiedade, de insônia, de rinite, de sinusite, e ainda agradeço por estarmos com a questão da asma controlada. Já mudamos móveis de lugares, arrumamos os roupeiros, montamos um móvel juntas, tivemos algumas ideias viáveis, e outras um pouco absurdas. Estamos elaborando alguns projetos juntas, tais como: planejamentos de *road trips* e de um canal no *Youtube*, para o qual ainda não definimos a temática – mas as funções já estão estabelecidas. Também conversamos muito sobre o futuro dela, o que e onde estudar, em que trabalhar, na ideia de morar em outro país, em como aproveitar as oportunidades. Enfim, são muitas ideias e algumas possibilidades.

Esperamos que, em breve, surja alguém muito inteligente que consiga descobrir alguma forma de erradicar o vírus da Covid-19 do mundo inteiro, e que possamos retornar às nossas atividades, às nossas vidas, à uma forma de normalidade bem próxima do que vivíamos antes da pandemia. Será possível isso? Não sabemos, mas temos muita esperança depositada nisso. Uma das questões que discutimos com certa frequência é o tempo que estamos “perdendo” agora, ou o que poderíamos estar fazendo se não existisse essa maldita pandemia. Chegamos a algumas conclusões, entre elas: que bom que existe a internet, para nos conectarmos com nossos familiares e amigos, e com todo o resto do mundo; não estamos perdendo tempo, estamos investindo em conhecimento e planejamento para usarmos quando existir segurança sanitária; melhor se resguardar e manter os cuidados apropriados do que adoecer – ainda mais agora, com o sistema de saúde colapsado; TEMOS QUE VALORIZAR OS BONS MOMENTOS, POIS É ESSA A NOSSA GRANDE RIQUEZA!

Crissia A. Hoffmann de Castro graduada em Educação Física pela UFRGS, em Processos Gerenciais pelo IFRS (incompleta), Especialista em Educação Especial pela UFRGS, caloura do Direito na UFRGS 2022/2. Professora da Rede Estadual de Ensino do RS, Oficial de Mesa FGB, Treinadora de Goalball e de Atletismo na ACERGS, Diretora Secretária e Técnica da FBBM. Mãe da Katharine Castro de Lima.





Desenho de Akin Jamal da Silva de Castro Pires

RELATO DE EXPERIÊNCIA MATERNIDADE/DOCÊNCIA/PESQUISA

Natacha da Silva Tavares

Sou mãe do Akin Jamal, professora da Educação Básica na rede pública, estudante de doutorado, membro de um coletivo negro da minha cidade. Neste relato apresento alguns elementos e situações de minha experiência de maternidade durante essa pandemia de COVID-19, mas creio que não se trata apenas de ser uma mãe durante uma pandemia, mas de tornar-me mãe durante essa pandemia. Estar vivendo duas situações extremamente novas e desafiadoras ao mesmo tempo, onde uma afeta a outra fortemente.

Eu estava grávida de 25 semanas quando o meu município iniciou o isolamento social e suspendeu as aulas presenciais. Não fazia muito tempo que eu havia anunciado a gestação, então não tive muito tempo de aproveitar o momento com amigos e familiares.

Meu bebê nasceu em 25 de junho de 2020. Nesse momento enfrentei uma das situações que me afetou significativamente nesse início de maternidade, que foi a impossibilidade de ter um acompanhante no pós-parto. Ficar 04 dias internada, sem conseguir comer direito, dormir direito, enquanto conhecia o meu próprio filho sem poder ter a presença do meu companheiro foi algo que me abalou bastante. Conheci naquela situação uma Natacha extremamente sensível e insegura, mas também resiliente e determinada. Apesar de serem apenas quatro dias, esse momento acabou impactando e ressoando nos dias e meses seguintes, pois tiveram implicações na questão da amamentação e da minha saúde mental e espiritual.

Até esse momento do nascimento eu vinha me preparando mentalmente, energeticamente e fisicamente para o nascimento dele, mas também seguia envolvida com minhas atividades docentes e acadêmicas. Depois que meu filho nasceu eu percebi que havia me preparado bastante para o momento do nascimento, mas que provavelmente passaria a vida me preparando para a maternidade, aprendendo o que é e como é ser mãe. No momento, ele está com dois meses, e, meus dias e minha atenção após o nascimento de meu filho têm sido dedicados quase que exclusivamente para ele.

Confesso que, em alguns momentos, estranho esse distanciamento da docência, da pesquisa e de outras atividades sociais e políticas nas quais costumo estar envolvida, e me

pego pensando em como será o retorno a essas atividades diante das novas condições colocadas pela maternidade e pelo isolamento social.

Dois momentos me preocupam, o retorno às atividades remotas ao final de minha licença maternidade e o retorno presencial das aulas futuramente. Certamente, as atividades remotas parecem o mais coerente e seguro para o momento, mas pelo o que tenho acompanhado, de relatos, não tem sido tarefa fácil. Imagine com um bebê de 4 meses (que é quando encerra minha licença). Preparar as aulas parece mais viável, mas estar *online* e participar de reuniões semanalmente... Me parece bastante difícil, além da falta de suporte que, geralmente, não é dado pela mantenedora em situações normais (o que deve se agravar neste atual contexto).

Assisti a uma *live*, há alguns dias, na qual participou um representante da secretaria de educação do município, e o mesmo expressou que a secretaria não prevê retorno até que haja vacina. Todavia, não existem garantias de decisões coerentes dos gestores e dos governantes neste momento. Pensar em uma escola da rede municipal atender todos os protocolos de segurança para um retorno presencial me parece inviável, uma vez que em situações normais não temos nem ao menos as condições mínimas de higiene e de bem estar. Pensar em retornar para casa com meu bebê, após horas de contato com diversas crianças me produz muito medo. Imaginar ter que deixá-lo em uma creche para poder trabalhar, sujeito ao contato com outras pessoas e sem garantia de preservação da sua saúde, também.

Algo que eu tenho percebido é a otimização do meu "tempo livre". Hoje, quando tenho algum tempo para fazer alguma leitura, por exemplo, me vejo muito mais objetiva e focada nessa leitura, pois sei que não terei muito tempo.

Ainda que eu esteja focada em mim e no meu filho, neste momento, não deixo de aproveitar algumas oportunidades de estudo/leitura relacionados à docência ou aos meus temas de pesquisa. Isso, porque acredito que também fazem parte de quem eu sou. Sou mãe, sou professora, sou pesquisadora, sou engajada na luta antirracista dentre tantas outras coisas. Uma amiga, consultora em amamentação e terapeuta, me disse que essa fase em que me encontro seria um momento de luto, onde morreria a antiga Natacha e nasceria uma nova, a partir da experiência da maternidade. Achei interessante, mas prefiro pensar em transformação e não em fim/morte/luto. Essa composição é nova pra mim, colocar a maternidade nesta lista não é apenas fazer um acréscimo, e sim reconfigurar e reinventar

todos esses elementos, mas integrá-los. Certamente, a maternidade não ocupa o mesmo espaço que a profissão e as outras atividades, ela está em outra esfera, em outro patamar, mas ela não é a única coisa que me define, que faz de mim quem eu sou.

A experiência da maternidade tem sido maravilhosa, linda, formativa, mas desafiadora, tensa também, e acredito que mais difícil em função do isolamento social, uma vez que nem mesmo com a minha mãe estou podendo ter contato, já que ela trabalha na área da saúde. Não poder passear, visitar ou receber visitas nos limitou a receber o carinho das pessoas à distância, de forma virtual, mas ainda que seja virtual é muito bom receber esse carinho, tanto dos amigos e familiares quanto dos meus alunos, que já se mostravam preocupados, carinhosos e atenciosos durante as aulas (no período que antecedia o isolamento social) e seguiram mandando mensagens perguntando sobre o bebê e desejando felicidades.

Natacha da Silva Tavares é mulher, negra, mãe do Akin e do Ayan, Professora de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Viamão/RS, Mestra e Doutora em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS. Atualmente, Presidente da Associação Ubuntu Ukama.





Desenho digital de Cauã Bins da Silva

SER POLVO, SER MÃE E SEGUIR RESISTINDO

Gabriela Nobre Bins

Olá pessoas! Começo esse relato me dando conta do desafio que lancei para minhas colegas e amigas. Digo isso porque quando convidei muitas delas para escreverem seus relatos eu ainda não tinha escrito o meu. E, quando finalmente consegui um tempo para sentar e colocar em letras meus sentimentos e vivências, parece que minhas ideias saíram cavalgando a galope para outros rumos. Os sentimentos, as memórias estão todas aqui latentes no meu corpo. Mas dói transformá-los em palavras escritas.

Quando a quarentena foi decretada e passamos a não sair mais de casa, fazia exatos 30 dias que eu tinha me separado. Estávamos, então, somente eu e meu filho Cauã de 10 anos em casa. Eu sempre quis muito ser mãe, desde nova sonhava com isso, mas só fui concretizar esse sonho com 37 anos. Sempre me achei uma mãe participativa, costumava sair com o Cauã para brincar com seus amigos, jogar bola e outras atividades que ele gostasse. Nos primeiros meses do isolamento social transformamos a sala da casa em local de jogar bola. Jogávamos basquete e futebol todas as tardes. Foi a forma que eu encontrei para que ele não passasse o tempo todo nos jogos eletrônicos. Às vezes eu não tinha a menor vontade ou energia para jogar, mas, enquanto eu não fosse ele não parava de me enlouquecer. Tiveram dias que eu achei que iríamos destruir a casa, que a vizinha de baixo iria reclamar do barulho. Porém, com sorte a casa sobreviveu e a vizinha tem muita paciência. Os dias foram passando, viraram semanas, semanas viraram meses, e nosso entusiasmo e energia das tardes de jogos foram diminuindo. As horas nos eletrônicos, tanto do Cauã quanto minhas, foram aumentando. Eu precisava terminar de escrever a tese, preparar atividades para enviar para as minhas turmas, e ainda dar conta dos cursos *online* e das *lives* que eu inventava. O Cauã tinha as aulas *online*, as atividades na plataforma da escola e os jogos com os amigos. Cada vez que eu reclamava que ele estava tempo demais nos eletrônicos ele vinha com o discurso de que essa era a única forma de interação social que ele tinha com os amigos (ele começa a argumentar e não para mais... eu fico me perguntando por que insisti tanto com ele desde muito pequeno que tudo sempre tem um porquê e que precisamos saber argumentar quando queremos algo... agora ele não para de argumentar até convencer a gente, aff!). Eu me sentia extremamente culpada por deixá-lo

tanto tempo nos eletrônicos, mas também estava extremamente exausta e sem energia para ficar discutindo ou para ir jogar bola com ele.

Muitas vezes, o medo de uma contaminação por esse vírus me paralisava. Algumas pessoas diziam que eu exagerava. Não deixava o Cauã sair para nada, mas ele precisava ver o pai, pois sentia falta dele também. Só que o Cauã tem asma, o que o coloca no grupo de risco. Então, eu nem cogitava a ideia de ele ir passar o final de semana com o pai, que estava na casa da sua mãe, onde várias pessoas estavam saindo e circulando na rua. Por isso, acabamos combinando que o Eduardo (o pai do Cauã) passaria os finais de semana com a gente para que eles pudessem ter contato. Essa decisão foi nos reaproximando e aliviando um pouco os meus finais de semana, pois agora eu tinha alguém para dividir a atenção do Cauã. Então, eu e o Eduardo acabamos voltando ao relacionamento.

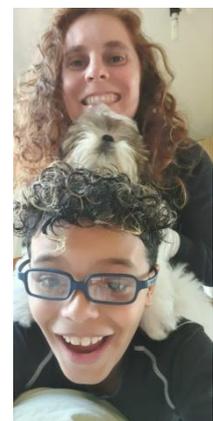
Durante a semana, ainda tinha o desafio das aulas *online* do Cauã. E que desafio... Todo dia era uma briga para que ele entrasse nas tais aulas, se eu não ficasse de olho ele nem entrava. Além disso, muitas vezes, quando entrava deixava a câmera desligada e ia fazer qualquer outra coisa como jogar bola, brincar com o cachorro ou simplesmente assistir vídeos no *Youtube*. Eu ficava pensando: se eu estivesse dando aulas *online* (ao invés de postar atividades na plataforma) será que seria assim com meus alunos e alunas também? Definitivamente, aquelas aulas não o prendiam de jeito nenhum. As únicas vezes que o vi envolvido na aula foram quando a professora propôs alguma competição ou desafio, como uma gincana com perguntas sobre a independência do Brasil que a professora referência fez, ou, uma aula de inventar perguntas malucas para o *teacher* de inglês. Fora isso, nem as aulas de educação física ele queria muito participar. Eu enlouquecia com isso, primeiro pensando nos professores e professoras dele que estavam se empenhando para propor as aulas mesmo sem receber (a escola particular em que ele estuda estava constantemente atrasando os pagamentos); segundo porque me incomodava ele não querer estudar. As atividades que eram postadas na plataforma ele só fazia depois de muito enrolar e argumentar. Todo dia era um estresse, uma briga e um desgaste desnecessário. Eu pensava comigo mesma: preciso desencanar e deixar ele se virar, azar se ele não fizer. Mas, quando via já estava brigando de novo pra ele fazer as tais atividades e prestar atenção na aula. Meio maluco até... Porque eu lia e escrevia sobre procurar outras formas de ser e estar nesse mundo, sobre estarmos vivendo um momento para repensar a vida... Mas, quando se tratava das questões escolares do Cauã, eu queria que ele agisse como se estivesse na

escola, e que se interessasse por tudo. Não, isso não é possível. Preciso constantemente me lembrar disso. Deixar que ele busque as formas de lidar com toda essa situação. Mas, meu instinto de polvo quer meter os tentáculos em tudo e fazer as coisas do meu jeito. Escrever esse relato me fez refletir sobre isso. Não adianta eu postar *hashtags* de “ano letivo se recupera, mas vidas não” e ficar pressionando meu filho a “inventar” uma vida escolar que ele não vê o mínimo propósito nesse momento.

Mas, e meus alunos e alunas? Será que eles estão vivendo esse mesmo dilema? A falta de contato direto com eles e elas me incomoda muito. Eu amo o que faço e estar com as alunas e alunos alimenta minha utopia pela construção de um mundo melhor. Não poder ter o olho no olho, conversar e saber o que eles e elas estão pensando me enlouquece. Como preparar uma atividade e postar em uma plataforma qualquer para alguém que eu não sei como está? O que está sentindo ou vivendo? Por mais que eu entenda a necessidade de postarmos as atividades, de tentarmos reconstruir um vínculo deles e delas com a escola, seja do jeito que for, é difícil pensar uma aula de educação física que tenha sentido sem poder ter o retorno das alunas e dos alunos.

Ser mãe e viver essa pandemia me fez sentir como um polvo que com seus vários tentáculos tem que dar conta de tudo. É a casa, o filho, as tarefas profissionais, o doutorado, o cachorro... E ainda sobreviver. Tenho que dar conta de tudo e não me contaminar... Tenho que viver e reinventar a vida, na tentativa de deixar esses dias mais suaves para o meu filho. Tem horas que tudo que eu queria era não ser um polvo, mas ser um daqueles bichos que se camuflam e se escondem no ambiente, para ficar ali quietinha e invisível... Sozinha comigo mesma!

Gabriela Nobre Bins, mãe do Cauã, é professora de Educação Física da Rede Municipal de Porto Alegre, pós doutoranda no PPGCMH da UFRGS, pesquisadora do grupo de pesquisa F3P-EFICE e integrante do coletivo MÃES F3P-EFICE.





Desenho de Miguel Anacleto

A MATERNIDADE QUE NINGUÉM ME FALOU

Kizye Anacleto

Meu corpo possui marcas, estas que contam a minha história, a mulher que venho me tornando. Quando descobri que seria mãe, tive uma mistura de sentimentos, primeiro veio uma alegria enorme e depois veio o medo, a angústia, de não dar conta. Medo, angústia, pela responsabilidade que é acender os sóis, de dois seres. Colocar um ser no mundo requer entrega todos os dias, até mesmo naqueles momentos em que falta ânimo, forças e esperanças.

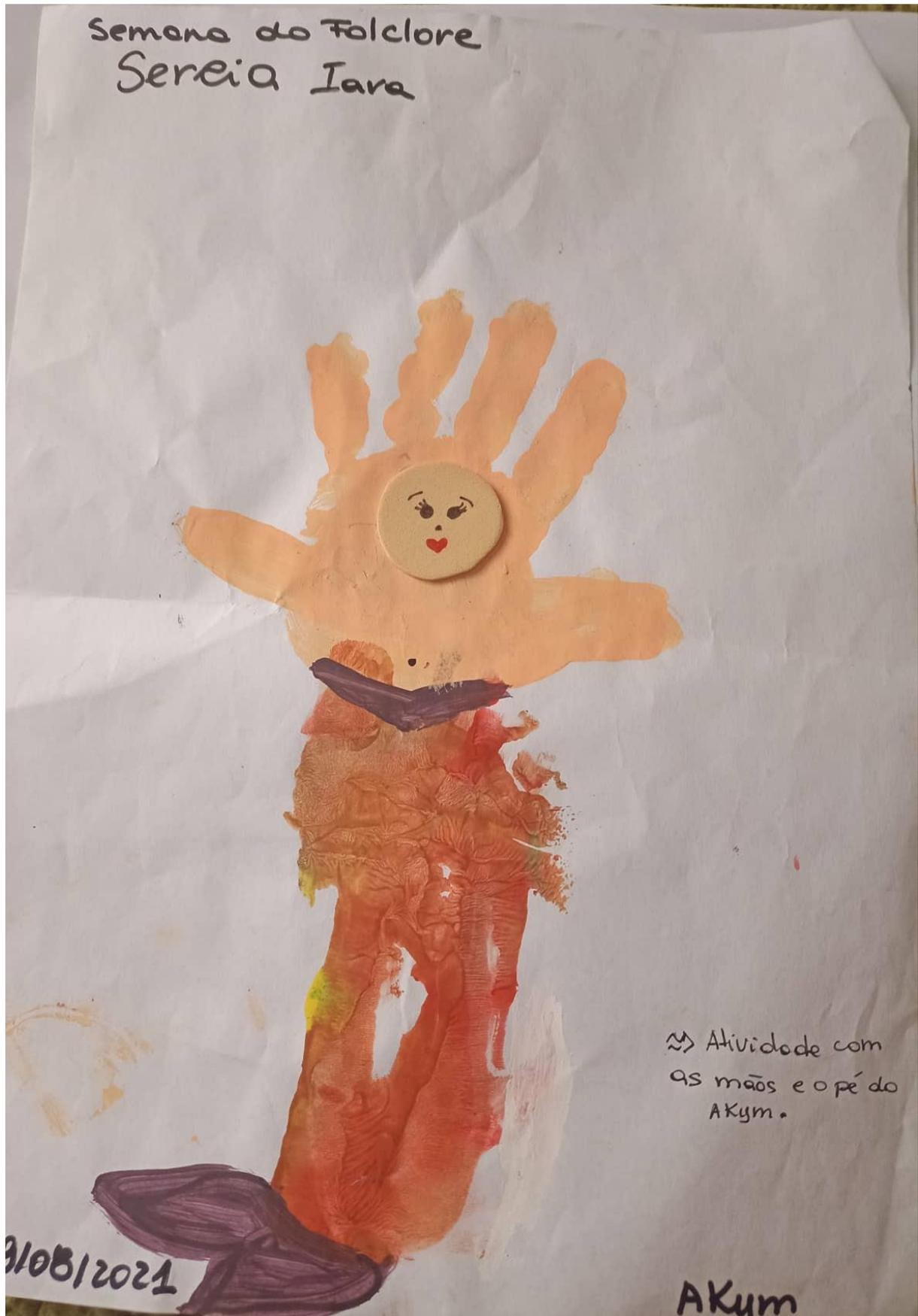
Às vezes, dá até um embrulho na barriga ao pensar que estou colocando dois seres nessa sociedade doente, machista, que se alimenta da masculinidade tóxica, com frases como “homem não chora”, “meninos não choram”. De uma sociedade LGBTfóbica, que mata todos os dias seres que ousam em ser diferentes do padrão que é imposto. Nessa sociedade racista que nos aniquila todos os dias, tirando os nossos sonhos.

São tantos desafios que me pergunto: será que serei capaz de ascender seus sóis com sabedoria? Será que conseguirei mostrar o caminho da empatia e do afeto?

Na verdade, é que a maternidade é cheia de dúvidas. Nem sempre sentimos orgulho de como lidamos com nosso dia a dia, mesmo sabendo que fizemos o que era possível naquele momento; é uma luta diária contra a culpa. Enfim, ser mãe de dois meninos negros, sensíveis, nessa sociedade racista, machista, LGTBfóbica é um ato de revolução.



Kizye Rodrigues Horle Anacleto, mulher negra, agente de saúde, graduada em Ciências Biológicas pelo IPA, estudante de Ciências da Natureza no IFRS, professora na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Mãe do Lucas e do Miguel.



Desenho de Akym Pompeo Demétrio Ferreira

MULHER, NEGRA, MÃE EM PANDEMIA

Daniele da Rosa Pompeo

Sempre utilizei a dança para expressar meus sentimentos. No início, a dança afro me foi impactante. Me senti desafiada a algo novo, eu que, até então, só tinha experiência em dança clássica. Do *ballet* para a dança afro foi uma tremenda mudança. Enfrentei rejeição por parte da maioria dos integrantes do grupo. Eles eram todos amigos e viviam em grupos há mais tempo, e eu era a iniciante que tinha certo grau de amizade somente com a dançarina e colega que estava ministrando as aulas naquele período.

Nesse período inicial, enfrentei o preconceito dos demais dançarinos/as por usar cabelo alisado com produtos químicos. Quando eu chegava às aulas, as colegas diziam: -“Lá vem a nega do cabelo liso”. E assim acabava me isolando dos grupinhos que se formavam nas aulas. Por um bom tempo convivi com essas formas de rejeição e preconceito por parte dos colegas. Alisar o cabelo era um modo de me aproximar de padrões socioculturais de beleza feminina. Existe um modelo de beleza branca que nega a beleza e as características físicas do negro. Conforme Goffman (1988), isso pode ser visto como uma “marca” imposta socialmente e que permanece pela vida toda, parte de um conjunto de características vistas como negativas pelos afrodescendentes e relacionadas à inferioridade, diante dos padrões de beleza constituídos e reforçados pela sociedade, ou seja, o padrão de beleza branco, com corpos longilíneos, cabelos loiros e olhos azuis.

Aos poucos, fui construindo amizade com os/as colegas dançarinos/as. Alguns eram mais resistentes, outros fui conquistando, o que me deixou mais a vontade dentro do grupo e diante do processo de aprendizado ali realizado. Fui ganhando notoriedade e espaço nas coreografias, o que acabou chateando algumas colegas que já dançavam há mais tempo. Mas, era fruto do meu esforço.

Certa vez, a professora escolheu dançarinos/as que representariam os Orixás. Foi então que tive o prazer e a oportunidade de dançar um pequeno solo representando minha mãe Oxum. Segundo Sales (1986), Oxum é beleza, dengue, menina doce ou adolescente divina,

[...] consideram-na vaidosa e coquete, e sua dança, de acordo com toque do Candomblé ou terreiro, representa o banhar-se num rio, o despir-se, o vestir-se, o olhar no espelho, o pentear-se. Tudo isso com um certo dengue, requebro e malícia. Adora bonecas e outros brinquedos; se enfeita com ouro, sendo os seus adornos preferidos, os idés, braceletes, o adê, coroa e o abebê, chamado leque. Sua saudação é: Ora iê iê ô! É uma raiz que significa mãe, já que Oxum é genitora, ligada de certa forma à procriação (SALES, 1986, p. 53).

Minha família sempre teve ligação com a religião de matriz afro-brasileira, na qual, conforme a cultura afro, existe uma intensa ligação com os Orixás de matriz africana. Segundo Brandi (1995/1996),

[...] o quadro das religiões negras, ou religiões afro-brasileiras, é bastante diversificado. Em seu conjunto, até os anos 30 deste século, as religiões negras poderiam ser incluídas nas categorias das religiões étnicas ou de preservação de patrimônios culturais dos antigos escravos negros e seus descendentes, enfim, religiões que mantinham vivas tradições de origens africanas. Formaram-se em diferentes áreas do Brasil, com diferentes ritos e nomes locais derivados de tradições africanas diversas: candomblé na Bahia, xangô em Pernambuco e Alagoas, tambor de mina no Maranhão e Pará, batuque no Rio Grande do Sul, macumba no Rio de Janeiro (BRANDI, 1995/1996, p. 65).

Aos poucos fui percebendo que os valores culturais da religiosidade de minha família estavam presentes nos elementos artísticos da dança afro, o que foi desenvolvendo em mim um maior sentimento de pertença, de cultivo e de crescimento identitário. Fui repensando os padrões de beleza e descobrindo elementos da minha identidade, aprendendo a identificar-me enquanto negra, dançarina, militante. Fui abrindo novos horizontes e oportunidades de assumir minha identidade negra em diferentes dimensões da vida. Os autores Silveira et al. (2011, p.05) afirmam que "há um desejo de se sentir belas, não para aproximar-se das mulheres brancas, mas por compreenderem que a identidade negra não está na aparência, mas no reconhecimento de sua negritude e na mudança de atitude perante a discriminação racial".

As questões de identidade, da dança, e, todas as suas potencialidades às quais fui apresentada, fizeram com que eu optasse por cursar Educação Física e continuar trabalhando com corpo, mente, identificação. Toda minha graduação foi voltada para a dança afro e seus processos de identificação. Foram inúmeros aprendizados e muita troca de conhecimento, que engrandeceram a minha formação.

Aos 32 anos me tornei mãe, em meio à graduação descobri a gravidez. Não foi planejada. Porém, acredito que tenha acontecido no momento certo. Enquanto estudava e

fazia estágio, procurei continuar com todas as atividades que já realizava até o momento do nascimento do bebê. Infelizmente, não foi possível continuar o estágio, pois em um exame de rotina foi diagnosticado diabetes gestacional, de modo que acabou ficando inviável estagiar, pois era necessário ir ao médico mais de uma vez na semana.

Ser mãe se tornou um grande desafio. Meu bebê nasceu de parto cesárea. Foram mais de 24hs em trabalho de parto. Após, foram dias e noites em claro com as terríveis cólicas, exatamente 04 meses. Depois que passaram estes meses, aos poucos, as coisas foram se organizando, o trabalho retornando e a graduação também.

Hoje, vivemos em outra realidade. Ser mãe, mulher, negra, estudante, e trabalhar, acaba sendo um grande desafio. Por um bom tempo estive vivendo somente a maternidade, o que acabou trazendo muitas questões para minha vida. Esqueci de mim. Vivia 24 horas somente para meu filho. Minha autoestima estava baixa. Meu marido era como se fosse um amigo, mantínhamos poucas relações sexuais, o que quase acarretou em uma separação. Minha vestimenta era um pijama com roupão, os meus cachos viraram um “coque” no cabelo, meus cílios que faziam curvas perderam aparência, o lápis do olho perdeu espaço para as grandes olheiras.

Precisei de um “sacode” para acordar e perceber que sou mulher negra, e que preciso me valorizar. Além de ser mãe, sou mulher. Mulher que gosta de uma maquiagem, que tira o tênis e coloca um salto, que troca a *legging* por um *jeans* ou até mesmo um vestido/saia.

Em meio a toda transformação que uma mãe passa, estamos enfrentando esse vírus da Covid 19, que vem nos assombrando e mudando a rotina da população. Meu filho Akym, hoje com 01 ano e 05 meses, iniciaria a escolinha quando as escolas tiveram de ser fechadas. A segurança e a vida das crianças em primeiro lugar. Tivemos que nos reorganizar. No momento, eu estava sem trabalho e meu marido estava trabalhando. Como moramos com os meus sogros, que já são idosos, o cuidado ficou cada vez mais redobrado.

Meu filho está na fase de descobertas: andar, falar... Fomos nos adaptando. Cada dia uma coisa. Ensinando e aprendendo com ele. Afinal, as crianças são uma caixinha de surpresas. Comecei a trabalhar e precisei deixar meu filho com os avós. O medo de sair e voltar para casa com o vírus a cada dia é mais difícil, mas precisamos trabalhar para ajudar na renda familiar. Para nós, que não temos um poder aquisitivo alto, precisamos nos reinventar, nos organizar, pois se não trabalharmos, não teremos o que oferecer ao nosso

filho. Além de trabalhar fora, abri um espaço em minha residência para fazer unhas e vender roupas. Como disse, precisamos nos reinventar.

Essa pandemia, para muitas pessoas mudou a vida, a forma de pensar, de agir, de prestar mais atenção no outro, de amar, de ser caridoso. Percebemos que não se leva nada daqui, e que um dia todos partiremos. Para algumas pessoas nada mudará, pois não fizeram nenhuma reflexão sobre o que as consequências de toda essa pandemia estão causando nas vidas das pessoas. Fico triste, pois infelizmente não podemos mudar a vida e a mente do outro. Fazemos o que podemos. Espero que todos se tornem seres melhores, seres pensantes, seres capazes de se colocarem no lugar do outro, seres que saibam dividir, que saibam o verdadeiro valor da vida.

REFERÊNCIAS

BRANDI, Reginaldo. As Religiões Negras no Brasil: para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 64-83, Dezembro/Fevereiro, 1995/1996.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LC, 1988.

SALES, Nívio Ramos. **Rituais Negros e Caboclos**: da origem, da Crença e da Prática do Candomblé, Pajelância, Catimbo, Toré, Umbanda, Jurema e outros. Rio de Janeiro: Pallas, 1984.

SILVEIRA, Paulo Roberto Cardoso da; et al. **Identidade Negra em Construção**: um estudo sobre o processo de identificação das jovens negras através da dança-afro. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)igualdades. Salvador/BA, 2011.



Daniele Pompeo é Educadora Física, personal trainer, bailarina clássica, dançarina afro-brasileira, porta-bandeira da escola Imperadores do Samba Porto Alegre, porta-bandeira de escolas de samba do interior do Rio Grande do Sul e do Uruguai, coreógrafa. Mãe do Akim.



Desenho de Laura Santos Kuhn

EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE UMA MÃE, PROFESSORA E PESQUISADORA EM TEMPOS DE PANDEMIA E DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

Simone Santos Kuhn

Sou Simone, mulher, mãe, professora de Educação Física, pesquisadora, dentre outros papéis sociais que acumulo em minha vida, alguns por escolha e outros não. Tenho 42 anos de idade e há 21 sou mãe da Laura, uma jovem estudante de Medicina Veterinária. Em março de 2020, Laura e eu iniciamos juntas a experiência de vivermos pela primeira vez em situação de distanciamento social, em decorrência da pandemia de COVID-19. As nossas rotinas diárias foram completamente afetadas, pois nossas atividades fora de casa acontecem, principalmente, em ambientes acadêmicos e educacionais, que suspenderam as atividades presenciais. Passamos, assim, a viver 24 horas por dia em nossa casa, em Porto Alegre/RS, aprendendo a lidar com o ensino remoto emergencial.

Tivemos um período inicial de "colocar a casa em ordem", pois vivendo o tempo todo em casa, logo começamos a nos sentir incomodadas com alguns projetos inacabados e com alguns objetos que precisavam liberar espaço em casa. Assim, dentre outras atividades, limpamos e organizamos todos os armários, terminamos peças artesanais que estavam em andamento e até então não encontrávamos tempo para finalizá-las, restauramos alguns objetos antigos de família que têm valor emocional, construímos uma horta vertical e fizemos mudas das folhagens que minha saudosa mãe [e avó da Laura] mais gostava, para posteriormente replantá-las em vasos e colocá-los em nossa casa.

Nos primeiros seis meses de distanciamento social, as atividades supracitadas nos ajudaram a manter o equilíbrio emocional e a estarmos juntas, pois percebemos que o tempo dedicado às atividades remotas se intensificou e tendia a nos manter distantes sob o mesmo teto, cada uma de nós isolada com o seu *notebook*, e, muitas vezes, com fones nos ouvidos. Nesse período inicial da pandemia, ao mexemos em muitos objetos que estavam guardados em casa, acabamos revisitando memórias afetivas de família e da infância da Laura, como é o caso do desenho feito para o dia das mães em 2009 [que antecede este texto].

Em agosto de 2020, percebemos que estávamos desanimando e decidimos mudar a rotina. Fomos passar algum tempo em ambiente rural, no interior do estado do RS. Com

isso, passamos a fazer caminhadas e a andar de bicicleta em locais sem aglomeração de pessoas. Também começamos a aprender a prática do Yoga e da meditação em casa, através de um Projeto de Extensão oferecido pela ESEFID/UFRGS, na tentativa de lidar com a ansiedade e com as dificuldades de concentração que estavam nos prejudicando nas atividades acadêmicas.

Não tem sido fácil lidar com as incertezas próprias desse período de pandemia, que coincidiu com a maior parte do trabalho de campo da pesquisa que eu vinha realizando em duas escolas, por conta do Curso de Mestrado Acadêmico que estava em andamento. Diante das adaptações que foram necessárias para viabilizar a continuidade da pesquisa, a conclusão do Mestrado, que estava prevista para setembro de 2020, foi possível apenas em março de 2021. Além disso, a partir de outubro de 2020, precisei continuar a escrita da minha dissertação em meio à dor da perda de uma pessoa da família [meu querido padrinho] por COVID-19, e, do temor pelo que poderia voltar a acontecer, diante de outras contaminações que passaram a ocorrer em nossa família [incluindo a do meu pai, que é uma pessoa idosa e com comorbidades]. Em meio a tudo isso, defendi minha dissertação de mestrado na sexta-feira, 05 de março de 2021, sem ter dormido uma noite sequer naquela semana, pois a Laura passou a apresentar crises de pânico, algo completamente novo para nós duas.

A nossa relação mãe e filha que sempre foi bastante próxima e afetiva, tem se intensificado de modo particular nesse período de distanciamento social. A minha experiência de vida e de maternidade durante a pandemia tem envolvido lidar com restrições e com medos nunca experimentados anteriormente, tem demandado atenção extrema e cuidados, tanto com a saúde física quanto a saúde mental. Não tem sido fácil para uma jovem de 21 anos não saber se ou quando terá acesso à vacina, não poder ir à faculdade, ter que abandonar seu primeiro estágio por medo da contaminação, não poder ver pessoalmente suas amigas e seus amigos, e não usufruir de momentos de lazer fora de casa. Do mesmo modo, não tem sido fácil para esta mãe lidar com o sofrimento da filha, ao mesmo tempo em que vivencio as minhas próprias angústias pessoais e profissionais, enquanto professora trabalhando de modo remoto em meio a uma pandemia.

Finalizo este relato com esperança na luta por dias melhores para todas as professoras e as mães brasileiras, e, para nossos filhos e nossas filhas, pois a política da morte que se instaurou em nosso país atualmente não nos paralisará e não nos calará. Este

e-book é a concretização de um passo importante a caminho do que somos capazes de construir juntas! Agradeço pela oportunidade de exercer o meu direito de escrita e de contribuir para colocar luz sobre o invisibilizado tema da maternidade de professoras em meio à pandemia.



Simone Santos Kuhn é mãe da Laura, professora de Educação Física nas Redes Municipais de Ensino de Gravataí/RS e de Porto Alegre/RS, doutoranda em Ciências do Movimento Humano no PPGCMH da UFRGS, pesquisadora do Grupo de Estudos Qualitativos F3P-EFICE e integrante do Coletivo Mães F3P-EFICE.



Desenho de Isabela Terragno Barnasque

OS DESEJOS QUE ME CONSTROEM

Tatiana Martins Terragno

Aquilo que sai do meu peito

*sobre sofrimento.
sobre preferir morrer a ficar sendo acusada de tantas coisas.
sobre não aguentar mais.
sobre me sentir humilhada.
sobre me sentir acuada.
sobre me sentir perseguida.
sobre ter forças a levantar e cuidar dos filhos.
sobre ter nos estudos uma fuga.
sobre não aguentar mais trabalhar.
sobre me sentir um lixo.
sobre me sentir a pior mulher do mundo.
sobre vingança.
sobre castigo.
sobre morte.
sobre dor.
sobre força.
sobre doença.
sobre humilhações diárias.
sobre acusações.
sobre cansar.
sobre desejo.
sobre querer fugir.
sobre querer ficar.
sobre coisas enlouquecedoras.
sobre mentiras.
sobre perseguições.
sobre ilusões.
sobre família.
sobre maternidade.
sobre responsabilidade.
sobre violência.
sobre tentativas.
sobre diversas verdades.
sobre o sentido da vida.
sobre o tempo.
sobre a morte.
sobre o fim.
sobre força.
sobre dor insuportável.
sobre me libertar dos tormentos e fantasmas.
sobre coragem.
(Tati Terragno)*

Minha avó materna era de origem indígena, parteira e curandeira. Ela nunca frequentou a escola. Logo após o falecimento do meu avô, veio do interior para Porto Alegre sozinha, trazendo junto os 10 filhos, na tentativa de melhores condições de vida. Minha mãe

foi a 9ª filha a nascer, frequentou a escola somente por 03 anos, pois necessitava ajudar no sustento da casa. Naquela época, trabalhava em uma antiga fábrica de doces. Um trabalho infantil escravo, de seis horas em pé descascando abacaxis para fazer geleias. Cresci escutando que ela chegava em casa com as mãos sangrando. Ela se casou aos 18 anos, e eu fui a 6ª filha a nascer, a única menina da família até os 14 anos, na adolescência ganhei uma irmã. Cresci escutando que mulher não precisava estudar, pois precisava aprender a cuidar da casa e dos filhos. Minha infância foi marcada por “coisas de meninos” e “coisas de menina”, e, desde lá carrego cicatrizes que foram deixadas pela cultura do machismo. Sempre fui uma menina inconformada com essas questões, mas confesso que por um longo período me tornei uma mulher “moldada” para aceitar essas diferenças. Casei-me aos 32 anos e tive 02 filhos, uma menina e um menino. Desde então, aceitei o desafio da maternidade, de abandonar sonhos, estudos, projetos, trabalhos e me dedicar a eles, pois afinal de contas eu era mãe. E assim vivi por 07 anos, sempre com um sentimento de culpa, pois, apesar de amar muito meus filhos, eu ainda desejava trabalhar e estudar. Era um sentimento muito confuso, mas entendia que isso não seria mais possível... São as escolhas da vida, assim eu escutava.

Foi em um acidente; era final do ano... daquelas coisas da vida que não se consegue explicar. Um acidente de carro, eu estava sozinha (as crianças na escola). O carro rodopiou, eu perdi o controle e a última coisa que lembro foi de ver um muro. Foi lá que eu acordei... São segundos em que toda a tua vida passa pela cabeça te levando a pensar nas tuas decisões.

Que culpa é essa que dizem que a maternidade causa? Será mesmo que é a maternidade ou é a sociedade que quer te dizer o que tu deves ou não fazer depois de se tornar mãe? Que lugar é esse que a gente assume?

O ano virou e eu virei também. Era um ano de muitas expectativas: projetos de mudança de casa, de trabalho, de cidade. Um novo trabalho, uma nova escola, e um desejo intenso de voltar a estudar. Foi por impulso, sim, não foi pensado, planejado, preparado, foi por impulso que me inscrevi no processo seletivo do mestrado. Eu queria muito. O Projeto de Pesquisa foi construído com as crianças ao lado, pois estávamos no recesso escolar de inverno. Estudos na madrugada, e correria para ir atrás de documentos. Eu estava finalmente dando um passo para voltar a estudar e isso me transformava. Apesar das dificuldades, eu estava feliz.

A vida é cheia de surpresas, ou a gente consegue abrir os olhos e enxergar o que antes não via. Era o dia que sairia o resultado do processo seletivo, e eu ansiosa para ver meu nome naquela lista, e, assim, levar adiante um sonho antigo. Finalmente eu seria a primeira mulher da família a ingressar na pós-graduação em uma Universidade Pública, coisa que eu acreditava ser impossível, pois cresci escutando que quem estudava na Federal era filho de rico.

A partir de então, precisei fazer muitas escolhas. Foi um período marcado pela percepção de que o fato de eu ser mulher e mãe me colocava frente a várias estruturas sociais que constroem barreiras e tentam impor processos de interdição. O processo de tornar-me acadêmica na Pós-graduação foi construído em meio a opressões de gênero, presentes em todos os meus espaços de atuação.

Vontade de desistir? Sim, já tive muitas vezes, mas nunca consegui.

A MATERNIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Mãe, professora, orientadora pedagógica, acadêmica. Dois filhos, duas escolas e muitos textos para ler. Sinto-me sufocada pelo trabalho. A escrita me devolve o ar. Meus filhos me dão amor, e a pandemia me proporciona estar mais perto deles. As ferramentas tecnológicas me fazem questionar se dessa forma ainda desejo ser professora. A rotina é árdua: 10 horas semanais de reuniões *online*; filho no colo enquanto respondo *e-mail*; celular não para de tocar com professores pedindo ajuda; café para tentar acordar; banho nas crianças; tarefas da escola; fazer planejamento; “alimentar a plataforma”; preparar vídeo aulas; revisar as atividades dos meus filhos; o almoço; o lanche; a roupa; o sono e a vontade de me sentar no chão e brincar (ou chorar). E a dissertação? Sobre isso o que eu posso dizer é que fui impactada pela falta de uma biblioteca, o que causou lacunas em alguns momentos da minha escrita. Consigo escrever aos finais de semana à noite, logo após meus filhos irem dormir. É quando o silêncio toma conta da minha casa. Sinto orgulho a cada parágrafo escrito, pois estou concretizando algo que me foi dado como impossível. Não tenho rede de apoio. Minha mãe encontra-se doente, minha irmã cuida dela. Devido à pandemia, me afastei de amigos. Sinto falta de encontrar as pessoas. Por vezes, me sinto triste e sozinha, mas também me sinto forte, corajosa e orgulhosa de estar aqui escrevendo esse relato.

Percebo que meus filhos já estão cansados de ficar em casa, e, devido à demanda de trabalho, sinto culpa de não me dedicar a brincar mais com eles. Sinto orgulho da minha filha que é uma menina cheia de autonomia e já consegue se organizar sozinha para as aulas síncronas da escola, mas tenho medo do que esse avanço tecnológico e esse novo entendimento de escola possa causar. No início, meu filho teve muita resistência, mas hoje já consegue participar das atividades de aulas síncronas da escola, sempre contando com minha ajuda. Eu faço muitas coisas ao mesmo tempo... Minhas reuniões muitas vezes são interrompidas por choros, pedidos de colo, de carinho, de atenção. Tento fazer o possível para dar conta da demanda, mas sei que a cada dia ela só aumenta e dar conta torna-se impossível. Eles gostam do fato de eu ser professora e trabalhar na mesma escola que eles estudam, acredito que isso facilitou um pouco o processo para essa adaptação da “escola virtual”. Quando estou muito cansada tento encontrar estratégias para descansar. Quando penso em desistir me lembro deles, da minha mãe e da minha avó.

Percebo o quando as pessoas romantizam este assunto. Os estudos acadêmicos sobre as questões de gênero e a maternidade me parecem sempre mais do mesmo, o que me faz lembrar a letra de uma música do Legião Urbana (1987): “bondade a sua me explicar com tanta determinação exatamente o que eu sinto, como penso e como sou, eu realmente não sabia que eu pensava assim”.

Cada mãe tem uma trajetória, cheia de lutas, de sonhos e de noites mal dormidas. Sim, é possível. É possível trabalhar, estudar, pesquisar, escrever e ser mãe. Não estou dizendo que é fácil, é uma luta diária, mas sim, é possível. E mesmo que uma pandemia tenha bagunçado toda a minha organização e a rotina com meus filhos, eu continuo acreditando que sim, é possível. E isso é o que eu desejo.



Tatiana Martins Terragno é mãe da Isabela e do Eduardo, professora de Educação Física, Orientadora Pedagógica e doutoranda em Ciências do Movimento Humano no PPGCMH da UFRGS. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa F3P-EFICE e integrante do coletivo MÃES F3P-EFICE.



Desenho de Rafael Costa dos Santos

A PANDEMIA E OS ATRAVESSAMENTOS DE SER MÃE PROFESSORA

Cristiane da Silva Costa

Ser mãe solo, mulher, negra, professora e estudante, no contexto brasileiro não é tarefa fácil! Aliás, nunca foi! Em uma situação de pandemia, é algo um tanto mais complexo. Ser mãe solo é um capítulo a parte, dar conta de tudo sozinha é uma sobrecarga bastante significativa. Percebo, a cada dia, com maior intensidade as contradições e os paradoxos desses tempos difíceis! O isolamento social, atualmente, a forma mais efetiva no combate a pandemia, nos afasta das pessoas, do convívio, dos sorrisos, dos abraços...

O isolamento social e o *home office* também, podem até nos isolar do um trânsito caótico e dos horários rígidos. Mas, ora, se é assim, podem ser bons ou não? Depende, pois tudo nesse momento é muito intenso. O cansaço é intenso, as tristezas dolorosas, as renúncias, as perdas... Mas, as alegrias também são intensas. De súbito alguns valores mudam, assim como os modos de viver e de sentir num tempo veloz, que também é lento. Uma verdadeira montanha russa!

A flexibilidade de horários, por exemplo, como quase tudo nessa vida, tem seus prós e contras. De casa, sem os nossos horários, fica difícil manter uma rotina, pois o ambiente, muitas vezes, não está preparado ou adaptado ao nosso trabalho. No meu caso, nunca estive! Ah, mas se não tem deslocamento, se tem mais tempo, não é mesmo? É que não é bem assim... (risos).

A minha "rotina", que não tem nada de rotina, pois cada dia é um dia, é singular e desafiador. São muitos os atravessamentos que perpassam as 24 horas, nos meus momentos de estudos, por exemplo. Momentos esses que, infelizmente, começaram a sofrer alguns revezes. São raras as vezes em que consigo um certo silêncio - fundamental para me concentrar, pois me considero um tanto dispersa. Para estudar em um horário que facilite a minha concentração, seria melhor a madrugada. Na madrugada os cães dos vizinhos não latem, não tem barulho de furadeiras ou qualquer outro da reforma no apartamento vizinho, na madrugada está tudo mais calmo. Seria ótima, então! A solução é estudar na madrugada. Mas, e o dia seguinte? Seria ótimo se no dia seguinte pudesse dormir, descansar. Mas, e os compromissos existentes pela manhã? Ah, que sonho, se tivesse aquele sono reparador, suficiente e de qualidade. O corpo precisa de descanso! Se,

normalmente, já considerava escassa minha quantidade de horas de sono, agora tenho certeza, pois só piorou. Até porque o corpo, nessa pandemia, até mesmo aquele mais inerte está cansado. Precisamos de energia, de disposição e de motivação nesses tempos tão difíceis!

Durante o dia têm as atividades do trabalho remoto, têm as atividades domésticas, a aula dos filhos, também *online*, tudo simultaneamente. Questões que para aquelas que não estavam habituadas a essa forma de trabalho, não se tinha a dimensão da complexidade imbricada em conciliar essas atividades e afazeres num mesmo espaço (seja esse físico ou espaço de tempo mesmo).

“Mas como assim, não consegue fazer o trabalho em casa?” “É só ter disciplina, fazer tudo no horário, manter a rotina, acordar no mesmo horário!” “Não tem aquele trânsito caótico para encarar, mesmo!” “Ganhamos o tempo do deslocamento...” Porém, a falta de um lugar específico para trabalhar faz muita diferença. O trabalho acaba demandando muito mais tempo, e demanda mais tempo porque é algo novo e precisa ser adaptado. Isso, sem falar que agora as crianças estão em casa, ou seja, as crianças estão no nosso trabalho, por vezes, estão participando dele.

É que em casa está tudo junto, o que pode parecer bom em um primeiro momento, pois tudo está ao alcance das mãos. Mas, as atividades domésticas, o trabalho, o estudo, tudo tem suas questões particulares. O ideal seria encontrar um melhor horário para cada atividade. Para além de tudo isso, tem o mundo lá fora “pegando fogo”, em meio a essa pandemia. O número de casos de Covid-19 e de óbitos pela doença atingindo patamares altíssimos. O acréscimo nos números de violência doméstica contra a mulher. Os casos de racismo que não param de aumentar, em número e em crueldade. Sem falar no descaso dos governantes em relação a tudo isso.

Nesse cenário, ser mãe de menino negro é um estar constantemente em tensão, é aquela pressão de tentar explicar um pouco dessa dura realidade sem desfazer da esperança de uma criança. É tentar não embargar a voz ao ter que explicar notícias onde a população negra está sendo constantemente alvo de racismo. É ter que explicar porque o guarda do supermercado fica de olho se, por acaso, simplesmente, ele colocar as mãos nos bolsos. É ter que explicar as notícias de assassinato de crianças negras. “- Mas por que mãe, eles matam essas crianças e por que quase todas elas são sempre crianças negras?”.

Ser mãe e professora, ser professora mãe, ser professora e mãe. São papéis que acabam por vezes se (con)fundindo em meio a esse contexto. Ser mãe professora na pandemia é ter que alfabetizar, é ter (muita) paciência, é auxiliar nas tarefas que depois disso tudo terão significados, é dedicar aquele tempo de atenção, educar, ensinar e também aprender. Paciência e resiliência são atitudes obrigatórias para a manutenção da sanidade mental em meio ao caos que se instalou. Assim como (re)inventar, (re)adaptar, ensinar e aprender terão significados diferentes em nossas vidas.

Ser professora mãe é planejar as aulas, organizar as atividades para os alunos, atender as demandas da escola, e, ao mesmo tempo, atender ao filho e às suas demandas escolares. Saber que, no grupo do *WhatsApp*, as mães dos colegas do filho estão quase surtando também, por vezes, inclusive cobrando dos professores. Então, penso: e nós, as professoras mães? Sabemos que está sendo difícil para todo mundo, uma experiência nada fácil, aliás, bastante complexa.

Mas, isso tudo tem as suas compensações. Tem aquele abraço um pouco mais demorado pela manhã e ao deitar, uma escuta mais atenta numa conversa sobre como foi o dia! O carinho, a ajuda e a cumplicidade, que na correria do dia-a-dia não percebemos que aos poucos vamos deixando de lado. Coisas simples, mas essenciais e gratificantes, que nos fazem tão bem. É uma atividade juntos, uma comida, uma descoberta, uma leitura, um momento de descontração. O que interessa é essa convivência que, na correria, às vezes vai se perdendo.

De fato, suportar isso pode nos fazer sentir doentes, cansadas, com dores de cabeça. Por estarmos tristes com o mundo lá fora e tentarmos não transparecer toda essa tristeza. Por mais que se tente disfarçar, é inevitável ouvir um: “- O que houve, mãe? Por que você está assim? Você está triste?” Nessas horas, explicar isso de uma forma leve, sem esse peso todo, também não é fácil. Esse tempo de pandemia é um tempo também de sentimentos que estão mais aflorados, mais intensos, e, por vezes, contraditórios também.

Como disse anteriormente, também sou estudante. Desde que entrei na escola, há algum tempo (risos), estive sem estudar somente nos 03 primeiros anos do meu filho. Atualmente, tenho que dar conta de uma tese que está a caminho. E esse foi o caminho que encontrei tentando buscar maior satisfação profissional. É nos estudos que encontro a minha motivação para continuar, para seguir em frente, para olhar para frente e ter

perspectivas... Às vezes, penso que meus estudos podem ser uma válvula de escape, uma fuga, aquela necessária para o enfrentamento de situações complexas.

Na verdade, se me perguntam como está sendo minha rotina nesses dias de pandemia, sinceramente, tenho dificuldade de responder de imediato, até porque não sei mais o que é ter uma rotina, cada dia é um pouco diferente. Ora eu acordo tarde, ora muito cedo... Às vezes durmo demais, outras vezes de menos. Mas, quando acordo tarde, sinto-me culpada, pois tem o almoço, tem a casa, tem a aula do filho, tem o trabalho remoto! Isso, quando não tem obra no vizinho (fiquei traumatizada com quase 01 mês de obra para lá de barulhenta: marretada, furadeira, serra. Parecia que a obra era aqui dentro do meu apartamento, e dentro da minha cabeça).

Quando acordo mais cedo, consigo me dedicar um pouco aos estudos e ao trabalho em casa. Tem a hora do almoço, depois à tarde tento conciliar estudo, trabalho e um pouco de atenção para as aulas do meu filho. No vespertino e à noite, têm algumas reuniões de trabalho, aulas, palestras, um tempo mais atencioso com meu filho e assim seguimos. Ainda, têm as atividades domésticas, o cuidado e a limpeza da casa, sendo o que for possível protelado para o final de semana. Sem esquecer que precisamos descansar e nos distrair, nem que para isso precisemos agendar!

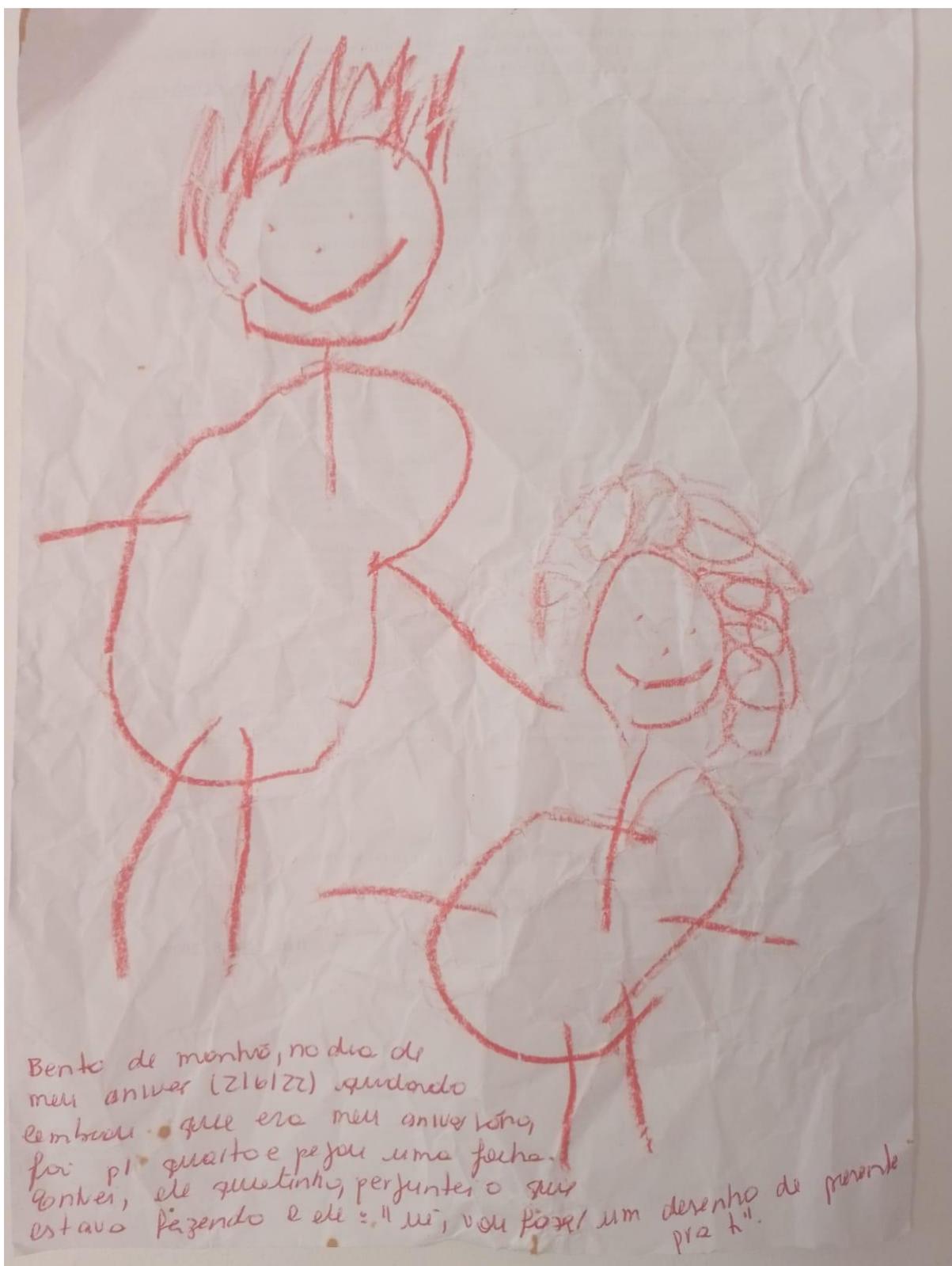
Temos também, com certa periodicidade, que fazer algumas compras de farmácia e de supermercado, mas o melhor mesmo, quando possível, está sendo as compras *online*, pois a parte da higienização dos alimentos também demanda um tempo. Tudo demanda tempo! É mais uma demanda e o dia do supermercado é um dia que acaba sendo somente dedicado isso. Realmente, é tudo muito novo e está mudando o nosso jeito de ver algumas coisas antes não observadas.

Mas, nesse momento também cabem algumas reflexões... Refletir, pensar nesse monte de compromissos em que nos colocamos, sem nos darmos conta da engrenagem toda que está envolvida. Sem nos darmos conta de quantas tarefas assumimos e de como isso tudo estava organizado. Pois, bastou essa organização se desfazer para que as nossas vidas mudassem de um modo tão expressivo. Tento, também, enxergar um lado bom: o aumento desse vínculo mãe-filho; entender que se consegui organizar a casa como queria, *ok*; mas se não consegui, *ok* também; entender que se as redes sociais mostram que minhas colegas solteiras, sem filhos, ou com esses maiores, estão com a casa impecável, limpíssima, e a minha casa está desorganizada, mais uma vez *ok*!

A única certeza que hoje eu tenho é que, enquanto puder, não vou abrir mão de acompanhar mais atentamente o crescimento do meu filho. Não vou abrir mão do abraço, das risadas, das conversas. Isso nos fortalece e faz suportar toda essa pressão. Não vou abrir mão desse momento mágico que tenho todas as manhãs com meu filho. O “bom dia!”, aquele abraço gostoso e o sorriso mais lindo que me ilumina deixam meu dia mais leve, tranquilo e feliz!

Cristiane da Silva Costa, mulher negra e mãe do Rafael. Professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Educadora física, fisioterapeuta, sanitarista e doutora em Educação. Pesquisadora, trata sobre saúde e educação implicada no trabalho docente.





Desenho de Bento Fingstag Rosa Oliveira

"TEXTO AINDA SEM TÍTULO": O DESAFIO DE NOMEAR UMA EXPERIÊNCIA

Lisandra Oliveira e Silva

Até onde consigo evocar a memória, parece que ser mãe, gerar uma vida e/ou ser responsável por uma criança, estava em meu Projeto de Vida. Apesar de em minha adolescência, início de vida adulta e vida adulta, ouvir de minha mãe que "ter filho" era a última coisa que eu deveria fazer na vida, porque depois que "se tem filho" a vida muda. E muda mesmo! E minha mãe listava, ainda, que eu deveria estudar, trabalhar, ter minha casa, ser independente, fazer tudo que eu quisesse na vida primeiro, e, depois, "ter filho". Associado a isso, fui uma adolescente que viveu com a sombra de que "se engravidasse na adolescência" seria algo similar ao fim da vida e do mundo, tudo acabaria ali e ponto. Eu não pensava nem desejava ser mãe jovem e sabia os caminhos para evitar uma gravidez na adolescência.

Já na idade adulta, nas consultas de rotina ao ginecologista, um médico de confiança, volta e meia perguntava se eu "pensava em ser mãe". A resposta era sempre a mesma, "sim eu penso, mas não agora". Com o passar do tempo, lembro que a pergunta foi conectada ao fato de que "com a idade" uma "gravidez natural" poderia ficar cada vez "mais difícil" e daí vinha toda aquela explicação de que a produção de óvulos diminui com o passar dos anos, que a "idade ideal" que o corpo está preparado para gerar uma vida é tal, que eu teria a possibilidade de congelar os óvulos, mas que isso requereria certo investimento financeiro, dentre outros discursos médicos. Não dava muita ênfase porque pensava que eu estava disposta a ser mãe e desejaria gerar uma vida, entretanto, se não tivesse os recursos "naturais", nem um companheiro disposto a isso, a possibilidade de inseminação artificial ou uma adoção eram por mim consideradas.

Em um dado momento, talvez com uns 37 anos, o ginecologista que eu ia desde o início da vida adulta me disse que não atenderia mais obstetrícia e sugeriu que, se eu pensasse realmente em "ter filhos", talvez fosse o momento de procurar outra pessoa. Naquele instante, parece que me deparei com uma realidade que me chamou a atenção para uma ação, porque até encontrar outro médico ou médica, contar minha trajetória de saúde, compartilhar meus projetos de ter uma criança, talvez pudesse levar algum tempo. Ou seja, o inesperado estava posto. E eu tinha que agir.

A partir desse fato, lembro que iniciei a jornada de buscar uma obstetra que trabalhasse na perspectiva do parto humanizado. Assim, fui começando a gestar a ideia, a contatar pessoas para estarem comigo nessa jornada, a ler sobre o assunto, a conversar com pessoas que já tinham filhos e filhas, em uma caminhada, diria hoje um tanto ilusória, de que seria possível fazer algum tipo de "preparação" para a maternidade. Algum tipo de preparar-se é sim possível, mas resumiria que é algo como arrumar as malas para ir para a Espanha e o avião aterrissar no deserto do Saara.

Bento nasceu depois de 02 meses que completei 40 anos e após dois abortos espontâneos. Seria a última tentativa "natural". Foi uma gravidez planejada e uma criança desejada. Tivemos um parto natural no hospital, com médica e equipe humanizada, doula e pai dele no quarto. Cheguei às 20h30 no hospital e às 22h32 ele nasceu, pois já estava "encaixado para nascer" desde os 07 meses, o que me convocou para um final de gestação com muito repouso, sem poder subir escadas, andar de ônibus e fazer atividades físicas. A cada semana que Bento permanecia encaixado (pois não saiu e voltou do encaixe como algumas crianças fazem nos meses finais da gestação), eu tinha dilatações que iam aumentando e indicando que ele poderia nascer "a qualquer momento".

Escolhi narrar esses fatos porque reconheço os lugares de privilégio que tive e tenho: pude planejar meu maternar, tive pessoas que respeitaram esse planejamento, tive rede de apoio de diversos modos, sou uma mulher branca mãe de um filho branco de um pai branco, desejei e planejei a gravidez, tive um parto com boas recordações, mas reconheço que a realidade esmagadora das mulheres mães não é essa. Muitas não desejam ser mães. Muitas se arrependem de serem mães. Muitas são obrigadas a desistirem de seus desejos, sonhos, trabalho, estudo por serem mães. Muitas são abandonadas por serem mães. Muitas adoecem por serem mães. Muitas não têm escolhas quando se tornam mães. Muitas sofrem ao serem mães. Muitas desistem...

E uma das coisas que aprendi e sigo aprendendo com minha história - que mesmo sonhada, planejada e carregada de branquitude; o que não me furtou dos desafios, das dúvidas, das contradições que estar com uma criança 24 horas por dia significa - é compreender que o universo das mulheres que são mães é diverso, plural, contextual, ou seja, perpassado por relações de poder de diversas ordens, por renúncias, por sofrimentos, por um cansaço como caminho diário. Por isso, não podemos mais falar em maternidade como uma condição única, "que tudo vale a pena e que não tem preço", e que diz respeito

ao universo (individual) das mulheres. Penso que uma nova narrativa trata de compreendermos e acolhermos as maternidadeS, pois essa condição/experiência é vivida de muitas formas, a partir de condições sociais, econômicas, culturais, afetivas muito diversas, o que faz com que cada experiência seja única, apesar de múltipla. E o preço que se paga para maternar em nossa sociedade machista e patriarcal é muito alto. Se paga com saúde mental abalada; se paga com sobrecarga de diversas ordens; se paga com nosso tempo corrompido; se paga com nosso apagamento nas esferas sociais. Essa foi uma das aprendizagens que tive com a experiência da maternidade: é preciso desconstruir a visão romântica dessa experiência e começar a narrar, desde muito cedo, os desafios que envolvem ser responsável pela vida de outro ser humano.

A segunda aprendizagem, talvez possa dizer que veio depois de passados os primeiros dois anos desde que Bento nasceu, que, por escolha e possibilidade, fui presença intensa e diária em sua vida. Tive uma licença maternidade que me possibilitou estar inteiramente com Bento em seus primeiros meses de vida, com aleitamento exclusivo nos meses indicados como benéficos para a saúde e desenvolvimento de bebês; construí, junto com outras famílias, um Coletivo Parental para cuidarmos e acompanharmos nossas crias, pois compreendíamos que a Creche tradicional não seria o local que gostaríamos que as crianças estivessem desde tão pequenas; e pude retornar ao trabalho e para as funções que exercia antes da licença maternidade, algo que não é muito comum na realidade de docentes que se tornam mães, pois muitas, quando retornam, não conseguem voltar para a escola, para as atribuições ou para o coletivo que integravam antes da licença. Esse emaranhado de causas e condições que foram de extrema importância para que eu passasse pelo puerpério, que dura muito, mas muito mais do que dois meses, tem um nome: rede de apoio e de afetos. Essas pessoas que estão em diversos lugares, para além da família e do trabalho, mas principalmente da família e do trabalho, contribuem para que a experiência da maternidade seja vivível com mais humanidade, com mais dignidade e com mais coletividade. E essa é outra desconstrução que nos cabe sobre a experiência da maternidade. Esta não é algo individual, que diz respeito somente à mãe, ou somente a ela e sua cria, pois "o filho não é só da mãe". Eu pari, mas o embalo é de todes! A luta por uma maternidade coletiva, já anunciada e praticada pelos povos ancestrais, deve ser aprendida por nós humanos do século XXI. Imediatamente. E em todos os espaços e tempos da sociedade.

Por fim, destaco que quando a pandemia da COVID eclodiu e o isolamento teve início em março de 2020, nos próximos meses Bento faria 03 anos. Já estava uma criança autônoma, falante, brincante, que frequentava o Coletivo Parental com mais 08 crianças desde os 09 meses. E, literalmente, nos vimos dentro de nossa casa, eu, ele e seu pai. Cada pessoa passou a pandemia de um modo, tem as marcas desse momento histórico dentro de si, e de um jeito ou de outro, vem lutando para superar esse hiato que vivemos isolados e isoladas, com medo, adoecendo e sobrevivendo. E foi nessa pandemia que a terceira aprendizagem proporcionada pela maternidade se concretizou. Tal aprendizagem trata das aproximações que tive com outras mulheres mães e a possibilidade de transformar as experiências vividas em conhecimento. Essas outras mulheres foram as mães do Coletivo Parental Aldeinha, a mãe que me gerou, as mães da minha família, as mães dos mais de 30 "Coletivos de Mães" criados nas Universidades brasileiras nos últimos anos e nas diversas áreas de conhecimento, e as mães do Coletivo de Pesquisa que integro desde 2004. Esse último grupo se constituiu e se fortificou na pandemia. Em setembro de 2020 nos unimos no *WhatsApp* ; em março de 2021 começamos a nos reunir quinzenalmente; e desde esse ano nos encontramos semanalmente para estudar, pesquisar, produzir conhecimento e compartilhar sobre as experiências das maternidades.

Assim, as principais aprendizagens que venho construindo nesse Coletivo tratam da ampliação do olhar para além de mim, de meu filho e de minha experiência com a maternidade. Ou seja, percebo que uma experiência como o materno, comum a um grupo de mulheres, pode ter elementos que as aproximam, contudo, possui um par de outros que as diferenciam. Além disso, estar em um Coletivo me possibilita refletir sobre a experiência da maternidade, para além deste cotidiano e amplia minha relação com as demais mães que encontro no caminho. Percebo que empatizo com estudantes, colegas, mulheres que são mães e com aquelas que não desejam ser mães, porque sei, literalmente na carne, no corpo e na mente, a luta que é ter uma criança que depende da gente nessa vida. E, como também trabalho com crianças, percebo que olho para elas com mais abertura, entendendo naquele ser toda a potência para aprender, para a autenticidade e para a construção de si.

A experiência da maternidade afetou e afeta minha vida, meu corpo, meu tempo, minhas relações com tudo que eu vivo, meu pensamento, prioridades, ações, o que eu como, consumo, o entendimento que eu tinha de um possível eu, casa, espaço, vida. Enfim,

foi e está sendo uma daquelas mudanças que transformam a vida. Nada mais é como antes e nada mais será como antes. Morreu uma Lisandra. E uma outra ainda está renascendo!



Lisandra Oliveira e Silva é docente do Curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mãe do Bento. Pesquisadora do Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE) e integrante do Coletivo MÃES F3P-EFICE.



Desenho de Rudá Becker

MATERNIDADE EM PANDEMIA: UM GRANDE PUERPÉRIO

Tainara Andressa Becker Bastianello

Existe algo mais desafiador do que a maternidade? Eu arrisco dizer que é a maternidade em tempos de pandemia.

Passei no vestibular para o curso de Licenciatura em Dança (UFRGS) em 2020. Junto com toda a euforia e certo receio de voltar à universidade com 36 anos, dois filhos pequenos e algumas lembranças difíceis da última passagem por uma universidade, tendo recém me tornado mãe. Nem de longe imaginava “viver” o campus da ESEFID por 10 dias e só retornar depois de 02 anos. Justo agora?! Lembro-me de ter sido uma das primeiras frases a pensar.

Escrever sobre esse período é querer não romantizar um período tão difícil por tantos motivos (emocionais, políticos, econômicos...) e que me fez repensar muito mais sobre as maternidades, sobre relações, sobre conhecimentos, sobre o papel das universidades, das escolas - da educação como um todo -, das amizades, da vida, do tempo.

Foi, mais do que nunca, seguir de olhos abertos às injustiças, às violências, e, dentro do meu limite, poder ser solidária a quem estava perto, ou mesmo longe. Sobretudo, frente às dificuldades das mães que historicamente vivem em situações de sobrecarga, medo, abandono e solidão materna (mesmo sendo, muitas vezes, casadas).

Como mãe e pessoa que também passava pela primeira vez por uma epidemia mundial, como explicar para duas crianças de 03 e de 05 anos que precisaríamos ficar em casa, isoladas (os) por tempo indeterminado? Sem poder ver as vovós, o vovô, o irmão que também mora com a mãe, as amigas, os amigos, sem as festas, sem poder pisar na rua? Como explicar que o inimigo era invisível? Rudá, meu filho mais velho, com 05 anos, disse uma frase que pode definir de alguma forma o que foi a pandemia ao abrir a janela diariamente: - Mamãe, a pracinha está tão perto e tão longe, né?! Assim era a vida lá fora... tão perto e tão longe.

Logo nós, mães que, muitas vezes, sabemos o que vai acontecer, agora não tínhamos previsão de nada. Rodeadas de incertezas, que logo foram acompanhadas pelo cansaço e pela quebra da rotina, que aos poucos não se sustentava mais. Terminei de desmamar meu filho mais novo, Ikê, logo no início da pandemia. Era o fim do segundo puerpério?

Depois de um semestre sem aulas, o primeiro semestre do ensino remoto foi um misto de ansiedade e euforia. Como reorganizar o *tempo* de estudos? Como estudar e ter *tempo* para brincar e estar com as crianças? Como dar conta dos prazos (*tempo*) do trabalho, da relação com o companheiro, das contas, da casa, das idas ao mercado, das possíveis perdas? Foi nesse contexto que a ansiedade se manifestou e sigio com ela como uma das sequelas da pandemia.

Lia os relatos de outras (os, es) colegas e de outras mulheres mães e estudantes que estavam desistindo da faculdade no momento. Se eu pensei nisso? Quase todos os dias! Porém, estudar, ao mesmo tempo, era o que me mantinha mais ativa. Buscava não me cobrar tanto, mas sempre que pensava em desistir lembrava-me da emoção de ter passado no vestibular e da minha defesa de mestrado (sou graduada em Jornalismo), quando já com Rudá fora da barriga e amamentando um bebê de 01 mês apenas, ouvi de um integrante da minha banca sobre a decepção ao ler meu trabalho. Pensei que desistir seria voltar a essa cena que até hoje, às vezes, me soa inacreditável, mesmo sendo uma mulher bem lúcida e realista frente a essa sociedade machista e patriarcal em que vivemos.

A vida ficava em sua maioria enquadrada pelo celular e pelo computador. A saudade tinha formato, e, assim como as notícias boas, alguns sorrisos e vozes vinham deles. As notícias inesperadas e indesejadas também. Pelas graças de Oxalá não perdi ninguém que amo, mas era impossível não chorar em cada publicação lamentando alguma passagem de alguém querido que partia. Doía em mim também.

Foi na força coletiva materna, e nos grupos de *WhatsApp* que se formaram - entre amigas mães e de estudantes da UFRGS -, por onde trocamos conversas, medos, risadas, choros, receitas e incertezas madrugadas a dentro, que a solidão materna encontrava companhia.

Criamos o que eu chamei de “Rede do Cansaço”. Aceitar (ou tentar) que não damos conta, que não temos responsabilidade sobre tudo, e poder ser acolhida e acolher, foi de extrema importância para seguir com alguma saúde mental. Assim como chorar, dançar, escrever, plantar, cozinhar com os pequenos e abraçá-los muito, foram movimentos importantes de autocuidado e de amor, compartilhados também com meu companheiro e com meu enteado.

Também foi difícil não fechar ciclos: o semestre que termina sem um possível lanche coletivo, sem uma ida ao bar, sem uma dança na grama da ESEFID; ou o filho mais velho que

termina a Educação Infantil e que não entende a ida para a nova escola sem a festinha de formatura. Mesmo com tantas dificuldades e conflitos internos, poder estar mais tempo com as crianças para acompanhar suas descobertas, para brincar no pátio (a casa amarela foi um dos melhores lugares para se estar), para ver um dente cair e para dar e ser abrigo e amor, foi o que também me manteve forte.

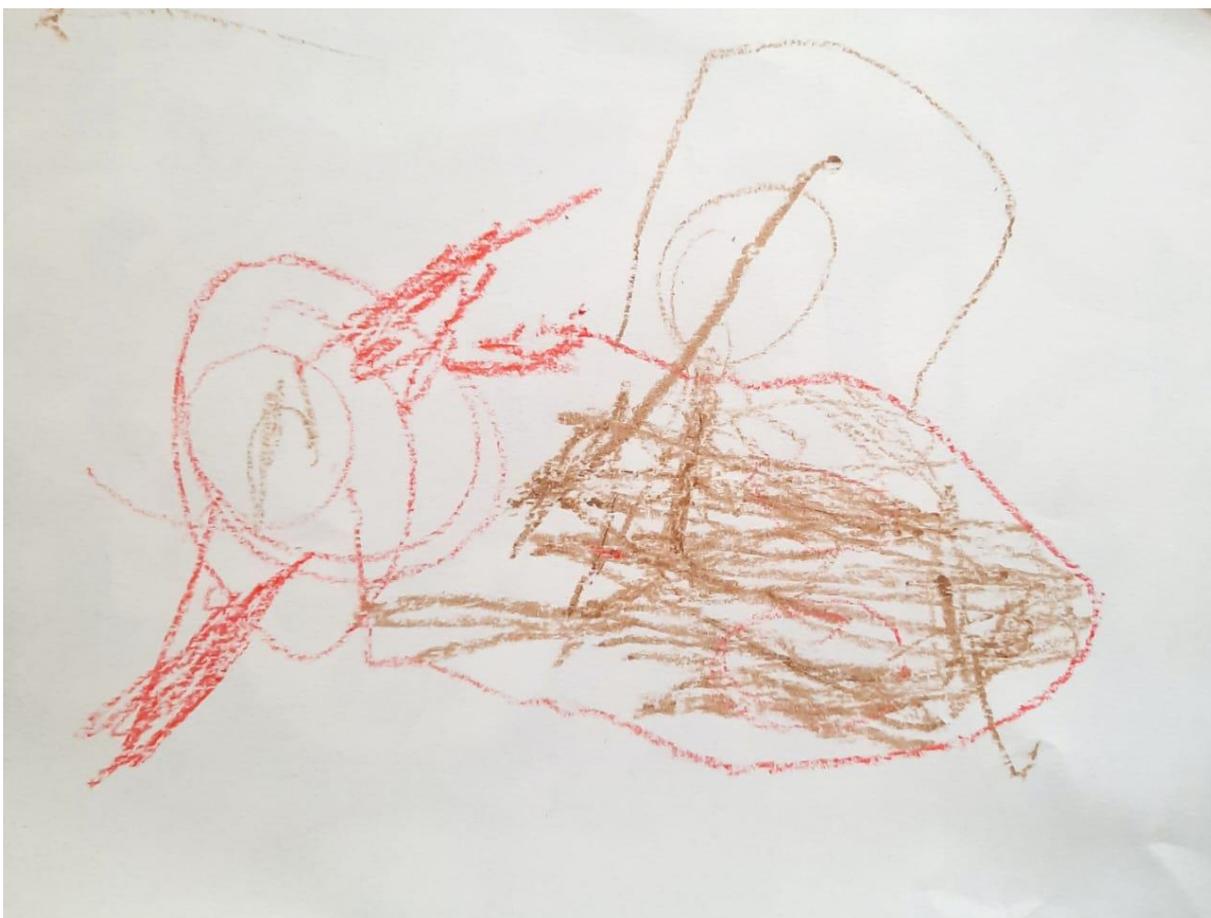
Das mães e mulheres que me acompanharam e que ainda me acompanham, ainda não consegui conhecer todas "aqui fora" e nem a nossa fogueira saiu, mas tive a oportunidade de agradecer a cada uma delas pelo bem que me fizeram e por quanto nos tornamos mais fortes e leves por estarmos juntas.

Depois da vacina, poder voltar ao campus para estudar e estar com amigas (os, es)/colegas ainda é um misto de sensações. Afinal, "essa aula poderia ser remota", algumas vezes vem à mente, mas logo se esvai na certeza de que devemos mais do que nunca (nós, mães e mulheres), estudar, viver e ocupar os espaços universitários de pesquisa, de docência e onde mais quisermos estar.

O retorno à vida aqui fora me parece mais um puerpério: incerto, cansativo e que ainda me deixa perguntas: quem sou eu depois da maternidade? Quem sou eu depois de uma pandemia?



Tainara Andressa Becker Bastianello, 38 anos, Mulher, filha de Yemanjá e mãe de Rudá e de Ikê. Graduada e Mestre em Ciências da Comunicação, Jornalismo. No momento, resolvendo um caso de amor antigo com a Dança (estudante de Licenciatura em Dança pela UFRGS). Um ser militante, coletivo, brincante e que sabe que não anda só.



Desenho de Ian Bach

ATRAVESSAMENTOS DA MATERNIDADE NO SER MULHER-MÃE-ESTUDANTE DURANTE E APÓS O DISTANCIAMENTO SOCIAL OCASIONADO PELA PANDEMIA

Ana Paula Dahlke

Início esta escrita dizendo quem sou e de onde venho. Me chamo Ana Paula, tenho 39 anos, sou mãe do Ian, de 03 anos e 08 meses, e companheira do Rafael há 10 anos. Sou pesquisadora do Grupo de Pesquisa Políticas de Formação em Educação Física e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde 2013, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano e servidora pública federal na mesma Universidade. E, como costume dizer, sou atravessada pela maternidade o tempo todo – a maternidade me atravessa e define quem sou: mulher, companheira, trabalhadora e pesquisadora/estudante.

No período pandêmico, a maternidade passou a ter outros contornos. Outras determinações. Da mesma maneira que tantas outras mulheres-mães precisaram adaptar suas possibilidades de ser, estar e permanecer sendo mulheres-mães-trabalhadoras-pesquisadoras (SOUZA; MACHADO, 2021; STANISCUASKI et al., 2021; ZANELLO et al., 2022), eu também precisei. Até mesmo porque o tempo não parou, as demandas não foram interrompidas e as crianças não pararam de crescer, de se desenvolver e ocupar cada vez mais um espaço maior na casa, na vida, no trabalho, na sociedade.

As pesquisas que procuraram dar visibilidade às mulheres-mães são uníssonas em dizer que essas foram as que mais sofreram devido à exaustão pelo acúmulo de demandas, compromissos e responsabilidades. Do mesmo modo, foram as que mais apresentaram algum tipo de sofrimento mental e queda brusca na qualidade de vida e na produtividade, em especial as mulheres-mães solo, pretas e periféricas (LINHALIS, 2022; MINELLO, 2020; NOAL, 2021; OLIVEIRA, 2020; SILVA et al., 2020; STANISCUASKI et al., 2021). Mesmo antes da pandemia, a sobrecarga das mulheres-mães já era intensa, com o isolamento/distanciamento e os filhos e as filhas sem poderem frequentar a escola, e somando todas as outras demandas que não deixaram de existir, essa sobrecarga ficou ainda maior.

No final do ano de 2019, já era possível ouvir rumores sobre a contaminação pelo novo coronavírus na China e a forma como o vírus estava rapidamente se alastrando. No

final de janeiro de 2020, pelo aumento exponencial do número de casos e de países emitindo relatórios sobre o avanço da doença, a Organização Mundial de Saúde declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (CRODA; GARCIA, 2020). No Brasil, em fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde apresentou um Plano de Contingência relativo à Covid-19, no qual definia os níveis de resposta (Alerta, Perigo Iminente e Emergência em Saúde Pública) (BRASIL, 2020). Em março já estávamos em uma Emergência em Saúde Pública, com a interrupção dos serviços, fechamento do comércio, escolas e instituições de ensino superior.

Nesse mesmo momento, no início de 2020, eu me preparava para retornar à rotina de trabalho, estudos e procurava escolas para matricular meu filho. Quero esclarecer que, durante todo o ano de 2019, fiquei afastada das minhas atividades laborais e de pesquisa por dois motivos: pelo nascimento do meu filho e por tratamento de saúde. Então, em 2020, eu tinha a expectativa de retornar à vida dita “normal”. Mas, assim como o mundo todo, fui surpreendida pela emergência da pandemia.

Não havia o que ser feito. Mesmo parte do meu tratamento de saúde, que tinha certa urgência, foi suspenso por conta da situação estabelecida e da superlotação dos hospitais. A retomada da vida “normal” teria que esperar mais um pouco.

Passamos a ser expectadoras/es do cenário mundial e brasileiro; e eu percebi que havia recebido a possibilidade de estar/cuidar mais do meu filho, de estar mais tempo presente, ver ele crescer e se desenvolver de maneira mais próxima, diária, sem interrupções para qualquer outra atividade externa à casa. Enquanto aguardávamos o retorno à “normalidade”, vimos, a cada dia, que não seria tão rápido quanto o esperado.

Consegui realizar o meu tratamento de saúde em julho de 2020, quando a ocupação dos leitos hospitalares e o número de mortes teve uma leve queda. Em julho também, a UFRGS, instituição a qual estou vinculada como trabalhadora e como estudante, por meio do seu Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, emitia a Resolução n. 25/2020, com o estabelecimento do Ensino Remoto Emergencial (ERE) e prorrogava pela décima vez a portaria que tratava sobre o período de afastamento das/os servidoras/es, a qual estava sendo prorrogada a cada 15 dias, desde 17 de março de 2020 (Portaria n. 2286/2020), em uma expectativa de retorno breve. Logo no mês seguinte, em 19 de agosto, as aulas foram retomadas no modelo de ERE.

No entanto, somente em outubro de 2020 fui liberada pela equipe de saúde para voltar às minhas atividades. Consequentemente, a partir daí, fui me reinserindo no mundo acadêmico e começando a perceber os desafios que se desenhavam para conciliar a vida doméstica, principalmente os cuidados com meu filho, e a vida acadêmica.

Como descrito em outra publicação na qual relato esse momento, o retorno às atividades acadêmicas significou ajustar toda minha vida, minha casa e as demandas do meu filho, já que as escolas ainda não haviam voltado à presencialidade. No isolamento, sem rede de apoio, conciliar as aulas síncronas, os trabalhos de pesquisas e a vida doméstica tornou-se um desafio sem tamanho (FRAGA et al., 2022).

Minha casa que, em outros momentos, fora significado de refúgio, descanso e acolhimento, passou a ser o meu “novo” ambiente de trabalho, de reuniões, de pesquisas e de aulas. A UFRGS ocupou minha casa e foi adentrando nos momentos das refeições, no preparo da comida, nas trocas de fraldas e de brincadeiras. Fato que resultou em momentos interessantes, que certamente devem estar registrados nas gravações das aulas síncronas: risos, choros e correrias, panela de pressão, lavadora de roupas e alguns sustos nos momentos em que me concentrava mais nas questões acadêmicas e me distraía do que acontecia ao meu redor, dentro de casa, sendo a única cuidadora de uma criança de 2-3 anos, enquanto meu companheiro, pai do Ian, estava em suas atividades laborais presenciais.

Não tivemos alternativa a não ser reinventar e adaptar os modos de existir nesse momento tão conturbado, de muita insegurança e incertezas sobre o futuro. As rotinas tiveram que ser adaptadas, os cuidados com a casa postergados e a “cria” foi incluída nas aulas e reuniões. Procurei fazer a ciência possível a partir do meu lugar, com os imprevistos, desafios, afetos, risos e colos que um lar de criança abriga.

Em meados de 2022, a Universidade decidiu retornar à presencialidade. Os casos de infecção e de mortes pelo Coronavírus começaram a cair de forma significativa a partir da vacinação da população, apesar de termos e estarmos vivenciando a pior gestão mundial da pandemia⁶. O governo genocida que se instalou no Distrito Federal foi responsável por

⁶ Informações em: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-fez-a-pior-gest%C3%A3o-do-mundo-na-pandemia-diz-estudo/a-56369231>.

milhares de mortes (685 mil⁷ e seguimos contando), pessoas que eram o amor de alguém/alguéns. Minha família e eu sobrevivemos!

A retomada da presencialidade significou fazer um novo ajustamento da rotina da casa, da ciência, do meu filho. Com o retorno das escolas, ele foi inserido nesse espaço social, no qual eu acredito e compreendo como de imenso valor para a socialização, aprendizado, compartilhamento de saberes e desenvolvimento, que possibilita que as novas gerações possam “sentir-se em casa no mundo” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009, p. 14).

A adaptação nessa nova rotina foi tomada por muitos reveses. Durante algum tempo, vivi intensamente a escola e a rotina escolar do meu filho. Foi a maneira que encontramos, a coordenação da escola, a professora da turma e eu, para que ele, após 03 anos vivendo “grudado” em mim e em isolamento⁸, ou seja, toda a sua vida, pudesse criar laços e vínculos e permitir-se vivenciar outras experiências.

Confesso que essa situação foi a mais desafiadora de toda a minha vida. Levar meu filho para a escola, estando ele agarrado no meu pescoço, implorando para que eu não o deixasse, causava um sofrimento sem tamanho. Nesses momentos não havia escolha, eu abandonava todos os meus compromissos, prazos, reuniões, para acolher esses sentimentos e passar segurança para ele. Eu permanecia no pátio da escola e, muitas vezes, minhas mãos tremiam e não era possível conter as lágrimas. Eu não conseguia me concentrar em nenhuma outra atividade, doméstica ou acadêmica. Minha energia, meu pensamento e foco estavam voltados para ele. Com muito amor, paciência e acolhimento, fomos, meu filho e eu, permitindo-nos esse afastamento, esse novo momento das nossas existências, com os novos amigos e amigas, com as professoras e um universo que ele não conhecia.

A escola apresentou-se como rede de apoio real, de acolhimento e escuta, de amor e afeto. Para que esses sentimentos possam ser compreendidos, relato uma das lindas experiências que esse espaço nos proporcionou. O Ian criou um vínculo intenso com a professora que recebe as crianças todos os dias no portão. Durante o período prolongado de adaptação, essa professora o recebia carinhosamente no portão e o levava para a sala. Com ela, ele ia sem pensar duas vezes. Num certo dia, a professora não poderia acompanhá-lo

⁷ Informações: <https://news.google.com/covid19/map?hl=ptBR&mid=%2Fm%2F015fr&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>.

⁸ Cabe esclarecer que, durante todo o meu tratamento de saúde e durante a pandemia, mantivemo-nos de fato isolados. Por não possuímos familiares próximos e não mantermos uma rede de amizade significativa, o Ian não havia tido muitas experiências de socialização e contato com outras crianças. A escola foi a primeira inserção social dele fora do seu núcleo familiar.

até a sala. Quando chegamos, ela entregou uma flor de pano para o Ian e pediu que ele entregasse para a professora da turma, que logo ela estaria lá com ele. Ele foi bravamente, segurando a flor, cumprindo seu compromisso de entregar o pedido. Na porta da sala, a professora da turma logo perguntou se ele havia trazido a flor, que seria importante para complementar a atividade que já acontecia na sala. Ele se despediu de mim e entrou na sala, porque compreendeu que sua presença naquele espaço era importante. Fui emocionada, chorando e aceitando que ele estava no melhor lugar possível. A partir desse dia, fui conseguindo guiar meus pensamentos, meu foco e energia para os trabalhos de pesquisa e de docência que venho desenvolvendo no doutorado.

Cada dia vivido, uma nova e intensa experiência. O período da pandemia permitiu que meu filho e eu pudéssemos estar juntos o tempo todo, 24 horas por dia. A retomada da presencialidade gerou certo sofrimento, pelo afastamento e pela diminuição do nosso tempo juntos. Situação para a qual fomos criando meios de nos adaptarmos.

Quase finalizando o ano de 2022 e sigo com as muitas demandas acumuladas pelas adversidades, obstáculos e contratemplos dos últimos anos. A maternidade segue me atravessando e moldando minha forma de ser, estar e me mover no mundo. A cada novo dia, um novo desafio, uma nova aprendizagem, um modo diferente de amar e de entender como é criar/cuidar de uma criança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública COE-COVID-19. **Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo Novo Coronavírus COVID-19**. Brasília, 2020.

CRODA, Julio Henrique Rosa; GARCIA, Leila Posenato. Editorial: Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. v. 29, n. 1, 2020.

FRAGA, Alex Branco; et al. Uma professora de educação física, uma servidora em licença, uma professora associada, uma profissional liberal, um orientador de pós-graduação: singularidades de um grupo de pesquisa em meio à pandemia da Covid-19. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 25, 2022.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF Escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**. Florianópolis, v. 1, p. 9-24, set. 2009.

LINHALIS, Flavia. Families, what have you been doing to help teach your children during the pandemic? **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 4, p. e45310414319, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14319>. Acesso em: 6 jul. 2022.

MINELLO, Alessandra. The pandemic and the female academic. **Nature**, [S.L.], 17 abr. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/mbGv>. Acesso em: 06 jul., 2022.

NOAL, Mirian Lange. A pandemia e a ponte fechada na fronteira: reflexões sobre ser mulher, mãe, estudante, professora. In: ROCHA, Patrícia Graciela da. **Línguas e linguagens na universidade: ensino, pesquisa e extensão**. Campinas: Pontes Editores, p. 14-37, 2021.

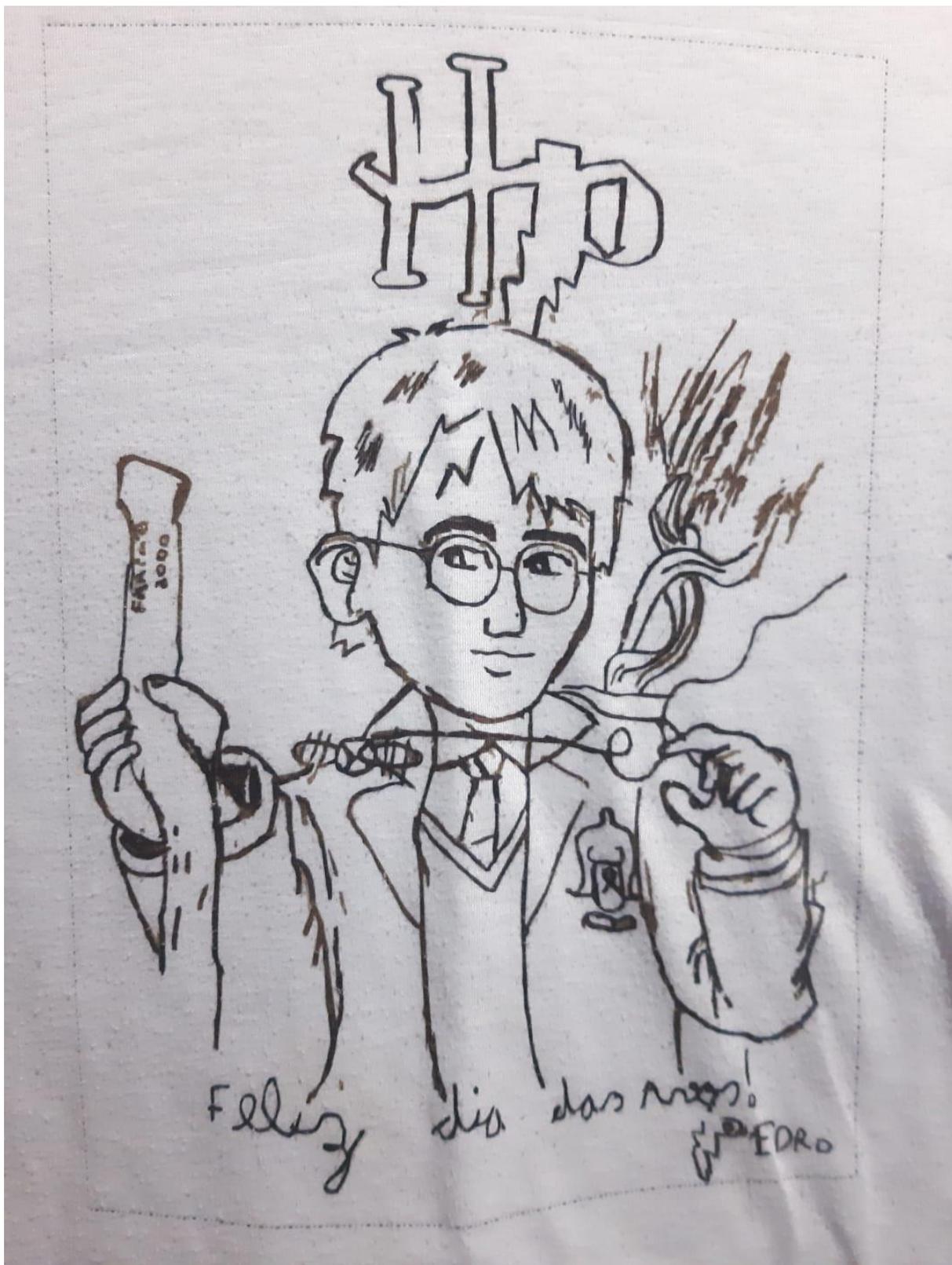
SILVA, Adriana Fernandes et al. Estágio supervisionado remoto: desafios e possibilidades em tempos de pandemia. In: REIS, Marilene Barbosa de Freitas; OLIVEIRA, Daniel Junior de; FREITAS, Carla Conti (Org.). **Educação no contexto atual: interlocuções teóricas e práticas**. Goiânia: Scotti, 2021.

SOUZA, Lorena Francisco de; MACHADO, Luiza Helena Barreira. Casa, maternidade e trabalho no distanciamento social: A “pandemia” da sobrecarga de trabalho para as mulheres. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 17, n. 32, p. 282–308, 2021.

ZANELLO, Valeska et al. Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 30(2): e86991, 2022.



Ana Paula Dahlke é mãe do Ian Bach e companheira do Rafael Bach. Curitibana, mora em Porto Alegre desde 2010. Cursa doutorado no PPGCMH da UFRGS e é servidora da mesma Universidade.



Desenho de Pedro Maciel da Silva Viana

MATERNIDADE: 58 CM DE INFINITAS MUDANÇAS E ALÉM!

Caroline Maciel

“Bom, eu estou às voltas de terminar a dissertação, aula para 13 turmas, preenchimento de infinitas tabelas para a escola. Porém, o Pedro me toma muito tempo, pois a escola manda quilos de tarefas como se estivessem em sala de aula. Estou muito preocupada, pois ano que vem ele irá para o 6º ano. Sei que é um ano atípico, que vão ter que respeitar essa transição. Já cobrei da diretora da escola dele esse compromisso, mas... Pelo que vejo, é para elas imperativo que se continue enviando matéria, como se os tempos e prioridades fossem as mesmas... Acho que não será cumprido. Enfim, tem mais o stress de ele não querer fazer as atividades da escola, passar muito tempo jogando... Nesse meio tempo, tem a casa, as roupas, o marido... Temos que ser muitas ao mesmo tempo. Tenho ainda minha mãe que me ajuda, na medida do possível, pois ela tem 78 anos... Mas, se não fosse a ajuda dela, com certeza estaria pior. Por muitas vezes eu largo tudo e convido o Pedro para uma volta de bicicleta, caminhar, nem que seja pra ir buscar pão... Distrair um pouco”.

Volto a olhar esse mini texto em meados de setembro/22. Muita coisa já mudou desde que o escrevi. Terminei a dissertação em fevereiro de 2021, mas ela ainda me consome, pois agora chegou - ou melhor já passou - o momento de publicizá-la, mas... Cadê a vontade? Estou procurando.

Em junho de 2021, retornamos ao trabalho presencial nas escolas e o medo nos consumiu. Sou professora da Rede Municipal de Canoas/RS, da disciplina de Educação Física - e, em diversas vezes, de qualquer disciplina quando falta algum colega. Uma avalanche de alunos/pais contaminados pela Covid-19, e, mesmo assim, seguimos firmes - com receio, mas seguimos atendendo aos nossos estudantes da melhor forma possível. Há muita demanda de trabalho e muitos colegas professores estão de atestado por diversos motivos, alguns muito alegres, como uma colega que está grávida, e outros nem tanto. Um número elevado de estudantes ainda “não deu as caras”, tanto presencialmente quanto nas aulas *online*. Não sei como isso se dará ao longo dos próximos anos, mas as lacunas que foram abertas nesse período serão muito difíceis de fechar.

Meu filho acabou trocando de escola, mais para facilitar a logística da casa. Está no sétimo ano e já não me ocupa com seus afazeres como antes, mas é prazeroso ajudá-lo. Ele cresceu muito desde que comecei esse relato, digo fisicamente e socialmente. Entende melhor a importância da escola e a necessidade/responsabilidade de suas tarefas, e isso me deixa mais tranquila e mais esperançosa. No começo, relutei muito em mandá-lo na aula presencialmente, mas as demandas de casa acabaram por me convencer. Hoje, ele está treinando em um time de voleibol e isso o ocupa bastante, e me deixa extremamente feliz, pois encontrou algo que gosta de fazer.

Em contrapartida, vejo minha mãe, que já completou 80 anos, perdendo sua independência física e social e, até mesmo, financeira. Ela é aposentada e sua renda já não a sustenta por completo, necessitando da minha ajuda. E como não assumir mais essa responsabilidade? Jamais negarei essa ajuda, mas admito que está impactando em todas as esferas. E no meio disso tudo, têm os cachorros (Urso e Frederico) e a gata (Nina). Mas o que seria de nossas vidas sem eles? Amo sem moderação meus três companheiros.

O turbilhão da pandemia ainda está presente em nossas vidas, entretanto, minha válvula de escape voltou: meus amados treinos de voleibol. É lá que eu extravaso, me divirto, dou risada, encontro amigas de longa data, amantes do esporte tanto quanto eu.

Apesar de todas as mazelas que esses últimos anos trouxeram, tive uma feliz notícia: participei de uma seleção para uma bolsa de doutorado pela Rede Municipal de Ensino em que trabalhei e fui contemplada. Voltar a estudar me deixou muito alegre, e, ao mesmo tempo, pensando que vou assumir mais um enorme compromisso. Contudo, também penso que é uma oportunidade que não posso deixar passar. Como se diz por aí: "cavalo encilhado não passa duas vezes". Então, vamos encarar os desafios.

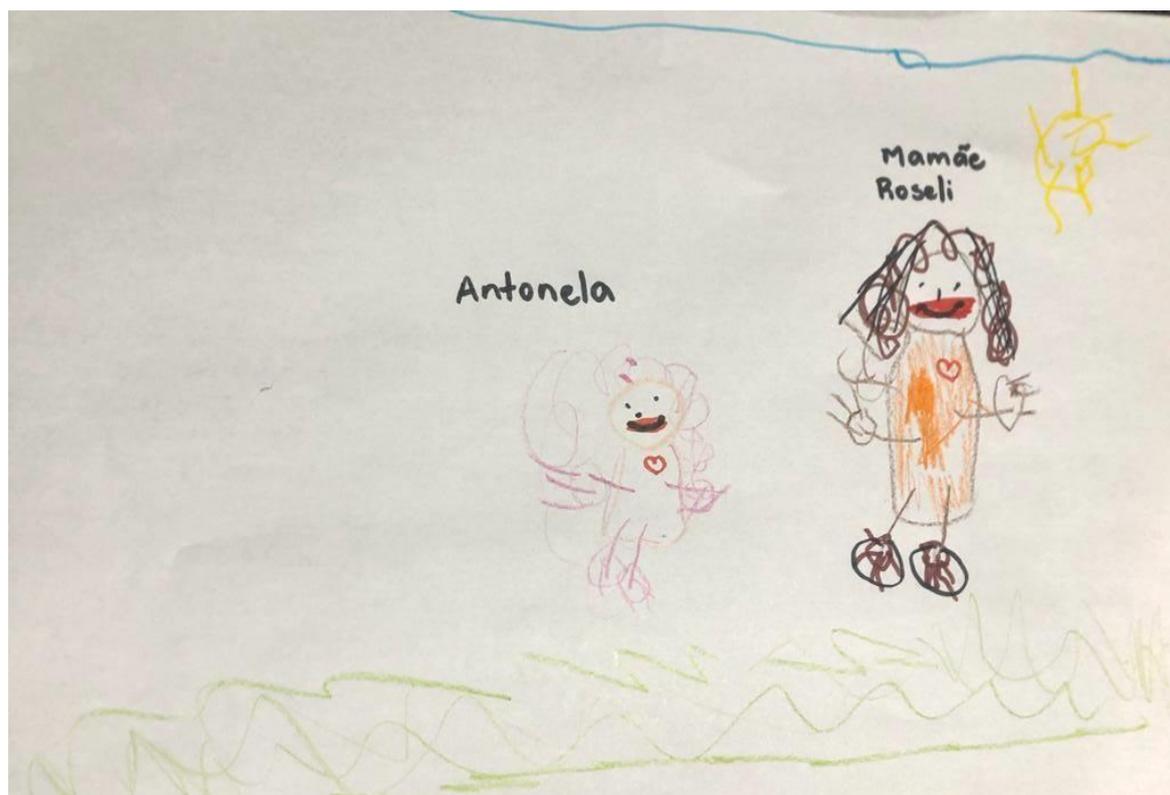
Nesse começo de inverno/22, a Covid-19 me encontrou por duas vezes. Quanto sentimento de impotência, pois eu nunca havia me sentido tão doente. Certamente, não foi uma "gripezinha", como muitos ladraram por aí. Tive que fazer fisioterapia para os pulmões e, até hoje, carrego no corpo algumas sequelas, como falta de ar, cansaço por nada, perda de cabelos... Enfim, levo a vida como está sendo possível.

Apesar de todos os contratemplos que a pandemia nos trouxe, e que ainda continuam se apresentando, retomo a "normalidade" da vida. Sinto que sou extremamente responsável pela casa, pelos afazeres domésticos, pela vida financeira da família, abastecimento, etc.

Também entendo que assumi esse papel, pois sou muito centralizadora. Tenho em meu marido um companheiro, amigo e tudo o que eu poderia desejar dele nesse momento, mas não consigo distribuir as demandas, e, por isso, acumulei tudo. Mudar? Sei que é necessário, mas não sei se consigo ser diferente. Tenho que estar sempre no controle de tudo, senão parece que as coisas não funcionam como deveriam. Dizem que isso é coisa de pessoas do signo de Leão, que é o meu caso. Eu não entendo nada desse assunto, mas sabe que até estou aceitando...

Caroline Maciel da Silva, Doutoranda em Educação pela Universidade La Salle, Mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS, Professora de Educação Física dos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Ensino de Canoas/RS. Mãe do Pedro de 12 anos.





Desenho de Antonela Machado da Silva

EPISÓDIOS MATEROS PANDÊMICOS: O CUIDAR DO OUTRO E O CUIDAR DE SI

Roseli Belmonte Machado

“Mãe, você já acabou de trabalhar no seu computador”?

“Podemos ir brincar juntas”?

“Nós vamos sair? Cadê as nossas máscaras”?

(Antonela, entre 01 e 03 anos de idade).

As frases que fazem a epígrafe deste texto podem não ter sentido para muitas pessoas; por outro lado, podem ressoar com familiaridade para outras mães. Em mim, abrem um rombo no peito e as lágrimas surgem. São representativas de dores, expectativas, medos, desejos e de muito amor. Amor que foi traduzido em cuidado e proteção à filha. Amor na crença do desempenho profissional digno e no anseio desse desempenho. Amor ao desejo de não se esquecer de ser mulher em meio a tudo isso.

Michel Foucault, um filósofo que tenho trabalhado, ao mergulhar no estudo da hermenêutica das técnicas de si, destaca algo que me inspira para este relato: a escrita de si e o exame de consciência. Sinto-me fazendo um exame de consciência, um pouco como Marco Aurélio que, nas palavras do filósofo, nos diz:

O exame de consciência começa com a escrita de cartas como essas [...] exame de consciência que se pratica no fim do dia. Marco Aurélio vai se deitar e examinar seu caderno a fim de ver se aquilo que havia feito corresponde àquilo que havia previsto fazer. A carta é a transcrição desse exame de consciência. Ela é a recordação daquilo que o indivíduo fez, e não daquilo que ele pensou (FOUCAULT, 1982, p. 52).

Para o autor, nessa cultura, a escrita como cuidado de si era importante. “Dentre as tarefas que definem o cuidado de si, há aquelas de tomar notas sobre si mesmo – que poderão ser relidas – de escrever tratados e cartas aos amigos, para os ajudar, de conservar os seus cadernos a fim de reativar para si mesmos as verdades da qual precisaram”. (FOUCAULT, 1982, p. 60). Sinto que esta “escrita de si”, que estou produzindo, se relaciona com essa ideia do exame de consciência, uma revisão do que foi feito e quase como uma análise a ponto de aprovação, um cuidado de si que foi realizado pelo cuidado do outro.

Lembro exatamente como foi o fim do meu dia 13 de março de 2020. Peguei a Antonela na escola, coloquei no carro e vim para casa aos prantos. Lembro-me de olhar pelo retrovisor e conversar com ela na tentativa de dizer que tudo iria ficar bem, que iríamos

sobreviver. De fato, não era ela quem estava tensa, era eu. O desafio durante 26 meses (entre 13 de março de 2020 e 20 de julho de 2022 – data em que a vacina foi autorizada para crianças acima de 03 anos no Brasil) foi o de fazê-la viver, se desenvolver, ser feliz, aprender, conhecer o mundo, se socializar, brincar, em meio ao caos do mundo, do Brasil, da nossa vida. Entre os seus 01 ano e 04 meses e seus 03 anos e 08 meses, as tarefas da mamãe foram essas⁹ e é sobre isso que será este texto. Para tal propósito trarei episódios – pequenas narrativas que descrevem um conjunto de momentos – de nossas¹⁰ vidas nesse período.

Episódio A: Máscaras

Assim que foram disponibilizadas as primeiras máscaras infantis, começamos a fazer uso na Antonela. Brincadeiras com máscaras em casa iniciaram nos seus 18 meses de vida. Logo ela estava habituada e a cada momento que nos preparávamos para sair ela nos olhava e dizia: “Cadê nossas máscaras?”.

Quase inacreditável o descaso de parte da população com o uso de máscaras como equipamento de proteção individual. Um cuidado com o coletivo, com o outro e consigo, amplamente difundido pela comunidade científica nesse período, sendo negado por muitos, incluindo parte de nossos governantes. Algo que ensinamos e conduzimos nossa filha a realizar, uma brincadeira que representou a preservação da sua vida e da vida dos outros, sendo descartada por muitos.

Episódio B: Escola remota

Antonela frequentou quinze dias a escola e veio a necessidade do distanciamento social. Na semana seguinte, recebemos a notícia de que suas aulas – realizadas numa escola privada de Porto Alegre – seguiriam de forma remota. Toda a semana, recebíamos materiais, e todos os dias chegavam tarefas pela agenda eletrônica. Uma vez por semana encontros online com as professoras e com a turma. Ela amou essa rotina. Esperava ansiosa pelas tarefas e pelo dia do encontro com sua turma.

Temos discutido, por dentro dos nossos grupos de pesquisa, a partir das análises que nos debruçamos a realizar, os distintos efeitos e configurações do ensino remoto. As

⁹ Peço desculpas pelo detalhamento de tempo, mas pensar sobre o “tempo” durante o distanciamento foi cotidiano e olhar para os números é necessário para não se esquecer do que foi vivido.

¹⁰ Este texto é um relato sobre esse materno no distanciamento social, na pandemia de Covid-19. Mas, preciso marcar que o uso do “nós” encerra a presença do Sandro, pai da Antonela, como a rede de possibilidades e atuação constante junto à filha e a mim, desde sempre.

dificuldades foram imensas e agravadas no contexto dessa forma sindêmica que a Covid-19 atingiu nosso país, exacerbando as diferenças econômicas, os contextos de saúde, destacando dificuldades educacionais, limitando o acesso a direitos, dentre outras coisas. A forma de não parar, de seguir sem refletir sobre o momento, imersos na ordem do capitalismo neoliberal, trouxe esgotamentos para a docência e o fracasso de grande parte do alunado. A situação em que me encontrava pode ser considerada de privilégios. Dois professores trabalhando – intensamente e exaustos – de forma remota, mas que estavam em casa, com alimentação, com trabalho e com condições de permanecer em distanciamento. Nesse contexto, a relação que estabelecemos com a escola foi muito distinta da ampla maioria da população brasileira. Era um modo de trazer algo novo para a filha que estava restrita ao espaço da casa e sem contato com outras pessoas. Era um modo de socializar. Sabemos que muito diferente do conceito que temos sobre aprender e socializar, pois ainda estávamos no espaço doméstico e nada substitui a escola enquanto instituição. Todavia, vê-la feliz, nos trazia momentos felizes.

Episódio C: Espaços para respirar.

Nos tornamos “caçadores” de espaços vazios ao ar livre. Esse foi o primeiro movimento. Manter contato com grama, árvores, ver animais, mostrar a natureza e suas belas formas à Antonela foi nossa primeira meta. Logo após, entendemos que ela precisava e desejava encontrar com crianças. A missão ficou mais difícil. Já com a flexibilização na circulação, passamos a procurar por lugares (ainda ao ar livre) que tivessem crianças (usando máscaras) para ela ver, brincar, socializar. Dias difíceis, uma missão quase impossível.

Difícil encontrar com pessoas que, ao ar livre, estivessem usando máscaras. Ainda mais difícil que as crianças as estivessem usando. De tanto procurar, acabamos nos relacionando com poucas famílias que seguiam os mesmos protocolos que nós, e, vez que outra, nos encontrávamos em espaços abertos, de máscaras, para um pequeno brincar entre as crianças. A necessidade de estar com o outro é fator preponderante na condição de desenvolvimento humano. Sabíamos disso. A questão era ponderar sobre os riscos. O que resolvemos agora? Optamos por preservar nossa vida, preservar a dela, cuidar de nós e cuidar dos outros. Após as vacinas, começamos a circular um pouco mais, contudo, foi apenas em julho de 2022, com as duas doses da vacina da Antonela que passamos ao convívio social maior.

Episódio D: Casa como espaço de vida.

As invenções se multiplicavam. Todas as datas possíveis foram comemoradas com festas (em nosso trio), com decoração e alimentação confeccionada por nós, dentro de casa. Momentos de leitura, de arte, de brincar, de jantar especial, de cinema, habitavam o final de semana. Um parquinho e um parque aquático (nas invenções e na imaginação) também surgiram.

A restrição da circulação e a necessidade de viver situações que propiciassem um convívio familiar prazeroso movimentavam nossa criatividade. Por inúmeras vezes ela brincou sozinha, esteve em seu ócio – principalmente quando a intensidade dos trabalhos não permitia atenção a ela. Após os primeiros meses do distanciamento, Sandro retornou ao presencial. Ficamos em casa, eu e ela, somente. Dentro das possibilidades do momento, saindo da rotina cansativa do trabalho e da vida semanal, procurávamos pensar e promover momentos que nos fizessem alegres, que fosse possível não sofrer com os acontecimentos da realidade brasileira. Ao mesmo tempo, proporcionávamos à Antonela espaços felizes junto da mamãe e do papai. Sem dúvida, um privilégio.

Episódio E: Vacina é segurança.

Impossível não se emocionar com o dia da vacina da Antonela contra Covid-19. Embora já tivéssemos com três doses, ela ainda estava vulnerável. Embora sua carteira de vacinação estivesse em dia, faltava esse cuidado. De tanto nos ouvir, de tanto presenciar nossas atitudes, ela sempre fala: “gente, vacina é segurança”.

A irresponsabilidade do governo brasileiro em relação às campanhas atuais de vacinação e, em especial, à compra, distribuição e recomendação do uso das vacinas contra a Covid-19 impressionaria, caso não soubéssemos que se trata de uma forma de governo que não privilegia a vida. Após 26 meses da declaração da pandemia no Brasil, as vacinas chegaram ao público maior de 03 anos. Esse modo de agir de nossos governos trouxe efeitos em parte da população, que passou a duvidar da eficácia da vacina, e, mesmo, a acreditar que poderiam ser prejudiciais. Absurdos que ocasionaram diferentes ondas de contaminação nesse período e ceifaram vidas que poderiam ter sido preservadas.

Os cinco episódios relatados – que de fato reúnem situações que vivemos – não retratam outras ocorrências e vivências desse tempo. Junto a tudo isso, tinha uma professora que ensinava, pesquisava, fazia extensão e atuava em órgãos da administração de uma das mais conceituadas universidades deste país. Junto a isso, uma mulher que desejava dar continuidade a cuidados e tempos que a faziam olhar para si e se reconhecer.

Nos episódios não está presente o choro, a dúvida, a angústia, a dificuldade de lidar com o trabalho remoto, a culpa, a falta de tempo, a insônia, a inconformidade, o cansaço, o medo. Resolvi trazer memórias que me fizessem, por dentro de meu exame de consciência, me encantar, privilegiar, reconhecer meus cuidados de si pelo cuidado do outro.

Agradeço a oportunidade de escrita deste texto, de uso do mesmo como uma tecnologia de si. Ainda em Foucault (1982, p. 75), ele nos diz que havia uma relação entre escrita e vigilância nos gregos, em que se presta atenção “às nuances da vida, aos estados da alma e à leitura, e o ato de escrever intensifica e aprofunda a experiência de si. Todo um campo de experiências que não existia anteriormente se abre”. Imersa em outra racionalidade, ainda sinto que esta escrita compõe a experiência desse tempo vivido. Na companhia de Larrosa, entendo que é condição da experiência estar envolvido em um fazer, em uma prática, estar imerso no mundo que chega a nós, que nos envolve, que nos compromete, ou, às vezes, exige de nós ou nos impõe, exigindo reflexão (LARROSA, 2018).

Por fim é preciso dizer que sobrevivemos. Agora, vamos continuar, mas, com certeza, outras. Outra mãe e outra filha, pautadas pelo intenso tempo de amor, cuidado e companhia.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Tecnologias de Si**. Technologies of the self (Université du Vermont, outubro, 1982. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. Dits et écrits. Paris: Gallimard, 1994.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.



Roseli Belmont. Mulher. Mãe da Antonela. Professora no Curso de Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Doutora e Mestre em Educação. Pós-graduada em Biomecânica. Graduada em Educação Física. Pesquisadora do GEDAEF/UFRGS e do GPCC/UFRGS. Atual coordenadora do GTT Inclusão e Diferença do CBCE.



Desenho de Maya Sisson

DE REPENTE

Helena Bolognini Sisson

*De repente a gente não está mais uns passos à frente das nossas filhas...
De repente é tudo totalmente novo e, além de novo, é vivido junto, 24h diárias juntas.
De repente o trabalho invade a tua casa.
De repente a maternagem, já sempre desafiadora, ganha ares professorais.
De repente a gente perde gente do dia-a-dia, do convívio, do abraço.
De repente a gente só olha pra baixo quando conversa, porque a única fala olho no olho é com a filha de 09
anos.
De repente teus alunos são apenas avatares, não mais movimento, ruído, cor.
De repente a gente não é mais filha, ela não é mais neta...
Uma vez aqui, muitas vezes no país, o vírus ganhou e a gente perdeu.*

Esse é um resumo de quase 02 anos de pandemia estando professora de educação física da rede estadual e municipal, estudante de psicologia e sendo mãe separada da Maya. Aqui havia o espectro da perda, do cuidado constante e intenso, desde o início devido à minha mãe, avó da Maya, ter de realizar hemodiálise 03 vezes na semana. Era a mãe da Maya, filha da Rossana, que levava e buscava todas as vezes. E, durante esses deslocamentos, Maya teve que ficar sozinha. Aprendeu que, às vezes, a gente cresce sem querer, sem que seja justo, mas sabendo que é necessário. Uso constante da máscara, higienização total, foi incorporado e segue desde então.

Os 05 meses iniciais foram focados nisso: tentar evitar que a avó tivesse COVID. Foram meses tensos, pareceram anos. Maya sozinha por 01h30 ou levá-la junto. Ela ficava em casa, melhor brincar do que ficar presa no carro. Saía tensa, preocupada com ela e, muito, comigo. Imagina se algo acontece no caminho? E se acontece com ela em casa? Aconteceu. Trânsito lento, aquela 01h virou 02h. Quando entro no apartamento, Maya está sentada no sofá, chorando porque caiu do tecido acrobático. Ufa, não foi nada sério... Não foi nada sério? O que é sério? Quebrar um braço? E a falta de acolhimento no susto da queda, do colo? Essa é só a primeira “culpa” que vai se somar a todas as outras que a maternagem nos empresta. Então, aqui ela teve que crescer mais um pouco, entender e acolher também a culpa da mãe.

Não havia como evitar o inevitável. A avó contraiu COVID. Apartamento recebe a tia para atender a avó. Todas isoladas por 15 dias. Vem o primeiro teste, é ruim, dói, mas todas negativadas. Porém, seguimos em isolamento. Tudo difícil, intenso e preocupante.

Em uma tarde, Maya me chama no quarto. Quando chego lá, ela está com os pezinhos para fora da janela e diz:

- Vem mamãe! Coloca teus pés aqui também. A gente não pode sair, mas pelo menos eles podem ficar na rua por nós. Deita aqui que eu sei que a rua te faz muita falta também.

E ficamos ali deitadas por quase uma hora, abraçadas com nossos pés “olhando” a rua...

Quando os 15 dias passaram, e junto o segundo teste negativo da vovó, a vida parecia que poderia voltar a ser vivida com alguma rua. Voltaria a andar de bicicleta, visitar o pai que não via há 05 meses. Exatamente nesse dia, 06 de agosto de 2020, a avó, que morava no apartamento em frente, chamou. Exatas 2h antes de irmos para a hemodiálise.

- Maya, fica aqui, vou atender a vovó.

Em 30 minutos não havia mais vovó. Uma provável embolia em decorrência da COVID levou minha mãe, a vovó. Outro daqueles crescimentos forçados. Outra grande lição que aprendemos juntas.

Nova rotina. Seguimos 100% do tempo em casa. O segundo ano escolar pede por aprendizagens que nem sempre estou preparada para suprir. O acolhimento dado pela escola Waldorf Querência e pela professora Michele não tem preço e nem palavras para descrever. Fomos amplamente acolhidas, todas as famílias, nas dificuldades. Pudemos manter nossas crianças longe de rotinas rígidas, tempos determinados e aprendizagens engessadas.

Lavamos e cardamos lã, construímos castelos com reis, fadas, gnomos e anões para a matemática; construímos livro de poesias para a gramática; fizemos desafios físicos e juntas cantamos todos os dias. A angústia de estar falhando existiu, mas foi, certamente, mais minha do que dela. Ela apenas reclamava em alto e bom som:

- A professora Michele não briga tanto!

- Eu não sou tua professora, Maya, sou tua mãe!

A aprendizagem cognitiva veio. Mais lenta, menos inchada, mas veio. O crescimento, o amadurecimento, a dedicação e a alegria de aprender puderam se manter em um bom nível. Graças à metodologia de ensino e ao crescimento e amadurecimento da nossa relação.

Em uma tarde, daquelas que fazia falta estar com pessoas, amigos, alunos, parentes, Maya me pergunta:

- Mamãe, qual o nome daquela praia linda que tu foi e depois vai me levar?
- Fernando de Noronha, filha. Por quê?
- Nada.

Passados uns 40 minutos, ela estava com o avião de papelão que construímos há 02 anos, uma flauta e um papel na mão. Era meu passaporte para Fernando de Noronha. Mandou-me subir no avião e, ao chegar à sala, estava na parede uma canga do Morro dos Dois Irmãos, uma colcha azul no sofá, um guarda sol aberto, uma canga estendida e tartarugas no sofá/mar.

- Vi que tu estavas triste, mamãe, porque não podemos viajar esse ano. Então, arrumei Noronha pra nós. Vai colocar um biquíni (detalhe que a temperatura estava em 10º), eu já estou com o meu. Te espero no mar!

E foi pulando para o sofá nadar... Assim é a Maya. Assim foi boa parte da pandemia. Acampamos para ver a chuva de meteoros em maio. Foi lindo, lindo. Aamos a terra na escola para plantar o trigo. Algumas vezes ela estava na rua e dizia:

- Vem, mamãe! As outras mães estão aqui no pátio. Agora vem conversar olhando reto. Tu só olhas pra baixo pra falar comigo.

E lá ia eu, conversar com as mães...

Toda essa intensidade, acompanhada de ter que dar conta de um ensino não preparado para receber aulas de educação física. Com alunos em situação de vulnerabilidade social, em sua maioria sem acesso à internet. No primeiro ano, não consegui atingir nenhum aluno, mas conseguia dar conta de atender as demandas da casa e da filha. Terminei 2020 em falta com minha vida profissional. Para o ano de 2021, construí aulas na ferramenta Prezi, tentando dar conta de todo o conhecimento teórico que a educação física escolar muitas vezes peca em passar, muito por ser a disciplina que fornece um pouco de “ar” e de interação entre os alunos.

De 07 turmas da escola estadual, duas eram bastante participativas. Foram bons momentos de troca e pude me sentir uma boa profissional. Organizaram uma pequena surpresa, colocando seus avatares com personagens do seriado Carrossel, e repetiam em coro: “- Sim, professora Helena!”.

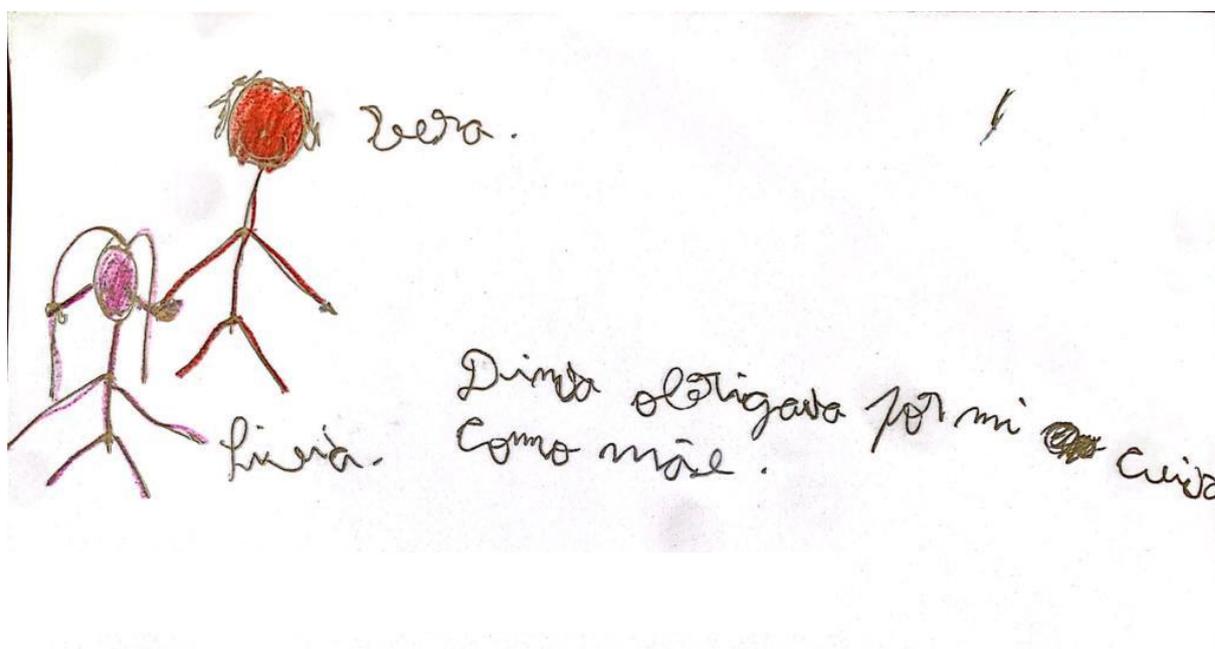
Na escola municipal não houve interação alguma. De 08 turmas, apenas 04 alunos entregaram alguma das tarefas enviadas. Assim foi durante todo o tempo de trabalho remoto. O significado de estar professora não existia mais. Sem o vínculo não há qualquer forma de aprendizagem.

*De repente Maya aprendeu.
De repente os laços se refizeram.
De repente a professora descobriu uma forma.
De repente a vida voltou a girar e a correr.
De repente o gosto e o gozo se fez presente na ensinagem.
De repente chegamos juntas numa maternagem mais ciente do processo.
De repente decidimos recontratar e reconquistar tudo, todos os dias.
De repente a gente cresceu...*



Helena Bolognini Sisson, formada pela ESEFID/UFRGS e pós-graduada em jogos cooperativos pela PUCRS. Está professora da rede pública desde 2000 e mãe por adoção há 05 anos de uma maravilhosa menina chamada Maya, que agora está com 10 anos. Moram juntas em um apartamento pequeno com suas 04 gatas: Cruela, Sarabi e Baguera.





Desenho de Lívia Diehl

EXPERIÊNCIA DE EXERCER A MATERNIDADE TARDIA

Vera Regina Oliveira Diehl

Pensar sobre maternidade, geralmente, nos remete ao aspecto biológico, gravidez e nascimento de uma criança. É comum pensar em todo o processo que envolve o conceito de maternidade, posto que isso abrange desde o desejo de engravidar, a decisão pela gravidez, a passagem dos nove meses de gestação e, por fim, o nascimento da criança. Porém, esse não é o único modo de assumir e de exercer o papel da maternidade. A parentalidade adotiva é uma das possibilidades.

Sou madrinha (dinda), tia e guardiã legal, e exerço a função materna de uma menina de 11 anos desde junho de 2018, criando-a como se fosse minha filha. Eu sempre gostei muito de criança, inclusive, fui proprietária de uma escola infantil que acolhia crianças de 0 a 06 anos de idade. Nessa escola infantil, criei laços afetivos com várias crianças. Uma delas, que frequentou a escola desde os 02 meses de idade, até hoje me considera sua segunda mãe. Além disso, ajudei a criar o meu irmão mais novo, o que me fez sempre ter fortes vínculos com bebês e crianças.

Contudo, renunciei a ser mãe para realizar meus projetos pessoais e manter minha autonomia, visto que sempre tive receio de não conciliar esse conjunto de ações com a maternidade. Portanto, com a chegada da minha afilhada, fui privilegiada para exercer a maternidade por circunstância da vida, como narrarei a seguir.

Minha irmã, até 2017, quando foi diagnosticada com carcinoma de mama, criou sua filha sozinha, minha afilhada, apenas com apoio da minha mãe que, na época, tinha aproximadamente 80 anos, meu e de amigos próximos. O desafio de lidar com as demandas do seu trabalho e com o tratamento do câncer (mastectomia e quimioterapia), juntamente com o exercício da maternidade, fez com que ela negligenciasse os cuidados básicos com a filha.

Diante dessa circunstância, minha afilhada apresentava problemas emocionais para lidar com a situação. Na escola, tinha dificuldades de relacionamento, tanto com as professoras, quanto com os colegas. Não conseguia permanecer na escola durante o turno de aula, pois não conseguia realizar as atividades, além de manifestar intolerância quando contrariada, apresentando comportamento agressivo com colegas e professoras, bem como

com pessoas próximas. Ela também apresentava dificuldade em lidar com frustrações e com situações estressantes, desorganizando-se rapidamente.

Tendo conhecimento da situação familiar, a escola passou a me chamar para resolver problemas relacionados à minha afilhada no ambiente escolar. Os problemas eram comportamentais e de desempenho pedagógico, além de atitudes desafiadoras, confusas, e, em determinados momentos, agressivas. Além disso, ela não conseguia se organizar no tempo e no espaço, e, conseqüentemente, não fazia as atividades em sala de aula e nem em casa. Minha afilhada apresentava sofrimento psicológico que, de acordo com a psicóloga, lhe causava sofrimento emocional e cognitivo. A manifestação desse sofrimento psíquico era demonstrada por comportamentos agressivos em diversos ambientes em que convivia, como forma de expor sentimentos e vivências não suportadas em seu psiquismo.

Diante do funcionamento familiar desorganizado e emocionalmente disfuncional, causando situações de vulnerabilidade e de risco, o Ministério Público e o Judiciário me chamaram para assumir a guarda provisória da filha de minha irmã, visto que, desde o nascimento estive envolvida com cuidados em relação à criança, construindo, assim, um vínculo afetivo com ela.

A partir desse momento, minha afilhada passou a ocupar integralmente um espaço na minha vida. Sem rede de apoio para ajudar nos cuidados dela, me deparei com dificuldade de organizar uma rotina apropriada para uma criança que exigia atenção, acompanhamento psicológico e psiquiátrico, carinho e dedicação em tempo integral. Nesse momento, me deparei com novos desafios, pois teria trabalho doméstico dobrado, além de reorganizar minha vida para continuar com meus projetos pessoais, de pesquisar, trabalhar e seguir estudando. Não foi fácil.

No segundo semestre de 2018 até início de 2019, os laudos do tratamento terapêutico mostravam que a menina já apresentava estabilidade emocional, em comparação com os laudos do primeiro semestre de 2018. Eu, a psicóloga e a psiquiatra atribuímos sua melhora à minha dedicação em tempo integral, à rotina cotidiana, ao acompanhamento medicamentoso, e ao espaço continuado de terapia. Tudo isso junto pode ter contribuído para ressignificar suas vivências e compreender seus sentimentos.

Porém, entre 2019 e 2021, ocorreram vários episódios traumáticos que, somados com a pandemia, afetaram emocionalmente nossa família, especialmente, minha afilhada. Em setembro de 2019, o suicídio do meu irmão mais novo abalou a estrutura da nossa

família, afetando emocionalmente o nosso contexto familiar, e, novamente, minha afilhada foi a mais afetada. Após o ocorrido, a menina passou a ter atendimento psicoterapêutico duas vezes na semana, com acompanhamento psiquiátrico quinzenal. Tudo porque se constatou uma regressão psíquica, verificada por algumas dificuldades emocionais como: novos episódios de instabilidade emocional, comportamentos agressivos e enurese noturna e diurna. Além disso, demonstrava dificuldades nas atividades escolares. Com tudo isso, eu passei a precisar de apoio emocional. Então, comecei a fazer atendimento terapêutico uma vez por semana para melhor apoiar minha menina.

No início da pandemia que assolou o planeta, em 2020, nos isolamos em nossa casa no litoral norte do Rio Grande do Sul. Apesar da insegurança, das incertezas e do isolamento social, nos primeiros dois meses nossa convivência foi tranquila. Minha afilhada demonstrava estar estável emocionalmente, possivelmente pelo fato de ter permanecido na praia, dando a impressão de continuidade das férias de verão. Eu e minha afilhada seguimos com acompanhamento psicoterapêutico *online*.

A doença da minha irmã, mãe de minha afilhada, não deu trégua, submetendo-a, constantemente, a se deslocar aos hospitais e postos de saúde, o que restringiu ainda mais o contato presencial entre mãe e filha. Depois de alguns meses isolada, no dia 21 de julho de 2020 acompanhei minha irmã em um procedimento no hospital. Sua aparência cadavérica me assustou. Questionei se ela queria ver a filha, e sua resposta foi que preferia se recuperar um pouco para que a menina não a visse naquela situação. No dia 28 de julho do mesmo ano, minha irmã, mãe da minha afilhada, faleceu.

O fato de perdermos duas pessoas da nossa família abalou todos nós profundamente, principalmente minha mãe de 87 anos que perdeu dois filhos em menos de dez meses. Com tanta perda, minha mãe optou por morar comigo, o que considerei apropriado, uma vez que mantê-la próxima da neta, que ajudou a criar desde que nasceu, poderia amenizar o sofrimento emocional e psicológico das duas.

Em setembro de 2020, depois que minha irmã faleceu, o judiciário me concedeu a guarda definitiva da minha afilhada. Embora essa decisão tenha possibilitando o planejamento do nosso futuro (eu, minha mãe e minha afilhada), o falecimento da minha irmã afetou a menina, que apresentou regressão emocional novamente, afetando seu humor e comportamento, uma vez que se mostrava mais ansiosa, insegura e agressiva.

Durante o ano de 2021 foi possível perceber progresso, melhora tanto emocional, quanto de comportamento. Porém, no início de 2022, minha mãe e avó materna de minha afilhada, faleceu, desestabilizando novamente a nossa estrutura emocional e familiar.

Em meio aos desafios de exercer o papel materno, vivemos momentos difíceis após o falecimento da minha irmã, uma vez que a falta de rede de apoio foi decisiva para dificultar a adaptação da minha rotina existente antes de acolher minha afilhada, pois não contava com outras pessoas para me auxiliarem a cuidar dela.

Assim, para continuar participando das atividades acadêmicas e do Grupo de Estudos e Pesquisa, minha sobrinha precisou me acompanhar, porque não tinha como deixá-la com outras pessoas estranhas ao nosso convívio. Sendo assim, busquei compartilhar as implicações dos sentidos da maternidade e minhas angústias e dificuldades de exercer a função materna com algumas mães, principalmente Lisandra e Gabriela, do Grupo de Estudos e Pesquisa F3P-EFICE, do qual faço parte desde 2000. A escuta e a partilha de experiências têm me ajudado a sobreviver.

Em 2019, fui convidada a participar de um grupo de discussão com colegas mães sobre o tema da maternidade, organizado pela Lisandra e pela Gabriela. As participantes eram docentes de Educação Física da Rede Municipal de Porto Alegre e pesquisadoras do Grupo de Estudo e Pesquisa F3P-EFICE.

Em 2020, a pandemia possibilitou a criação de um grupo no *WhatsApp*, denominado de Mães F3P-EFICE, com o objetivo de discutirmos a maternidade e de produzirmos textos sobre essa temática. Visto que, o interesse comum do grupo em aprender, compreender e aprofundar os conhecimentos relacionados às experiências, aos desafios e às implicações da maternidade, da docência e da pesquisa, em tempos de quarentena se fez mais forte.

Essa experiência solidária me possibilitou aprender sobre a força do trabalho coletivo e sobre como a maternidade muda o sentido e o modo de vida, pois temos que redimensionar o nosso tempo e as nossas prioridades. As responsabilidades maternas e as reflexões do Grupo Mães F3P-EFICE têm me provocado sentimentos ambíguos como frustração, inquietação, dúvidas e muitos questionamentos, dentre os quais destaco:

(I) A maternidade interfere na construção da identidade feminina?

(II) As mudanças sociais e culturais ocorridas no decorrer dos tempos interferem/impactam no modo de exercer a maternidade?

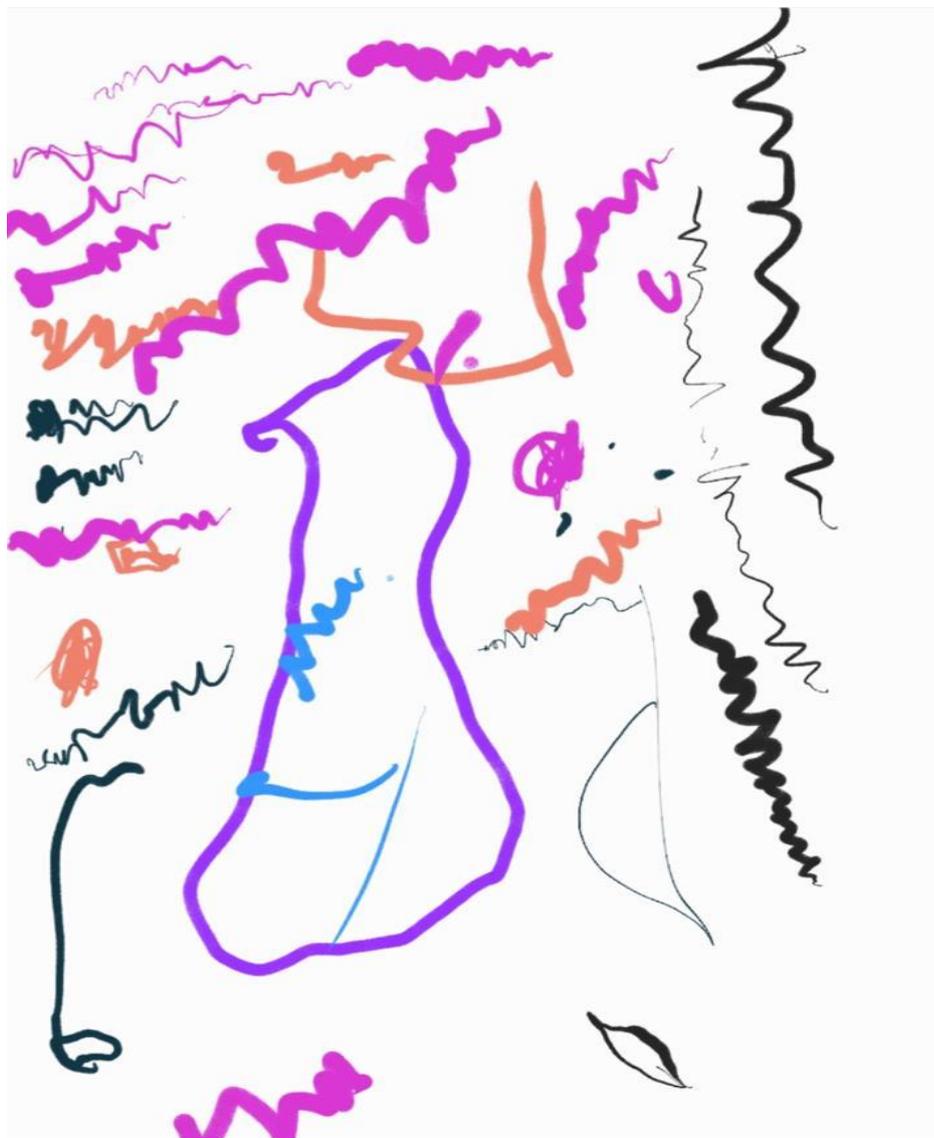
(III) Se há, em que aspecto essas mudanças sociais e culturais interferem/impactam no modo de exercer a maternidade?

(IV) Como as docentes, pesquisadoras e estudantes experienciam a dinâmica de conciliação entre o trabalho, a pesquisa, o estudo e a maternidade?

Pertencer ao coletivo Mães F3P-EFICE tem contribuído para reconhecer o quanto exercer a maternidade é difícil e desperta sentimentos ambíguos e contraditórios. Esta proposta de narrar a experiência vivida ao exercer a maternidade suscitou questionamentos que me parece pertinente pensarmos a partir de agora: com o que a escrita desta narrativa tem contribuído no exercício da maternidade? Que possamos cada vez mais nos fortalecer como coletivo! Seguimos na luta! Obrigada por existirem.

Vera Regina Oliveira Diehl é docente de Educação Física, aposentada da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, doutora em Ciências do Movimento Humano pelo PPGCMH da UFRGS, pesquisadora do Grupo de Pesquisa F3P-EFICE da UFRGS e integrante do Coletivo MÃES F3P-EFICE. Dinda da Lívia.





Desenho de Melissa Cardoso Aguiar Teixeira

A MATERNIDADE MANIFESTA A MINHA MELHOR VERSÃO

Bárbara Cardoso Aguiar

A maternidade faz com que eu me descubra uma pessoa diferente a cada dia. Isso, desde que descobri a gestação, mas, principalmente, ao conhecer Melissa pessoalmente. Tanto as vulnerabilidades quanto as qualidades ficaram mais “à flor da pele” e meio que gritando para serem desenvolvidas, trabalhadas. Nesse sentido, o “ser mãe”, para mim, é o chamamento para o agora e para o meu eu mais verdadeiro, sem intervalos ou desculpas.

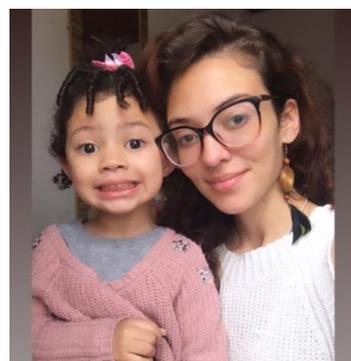
E, foi nesse trajeto de desenvolvimento pessoal, que ocorre diariamente e sem pedir licença, que eu decidi entrar no curso que sempre quis: Educação Física. Foi na adolescência, aproximadamente aos 14 anos de idade, que tive o primeiro *insight* da profissão que gostaria de trilhar. Essa ideia surgiu fazendo meus olhos brilharem e permaneceu em uma parte de mim mesmo com todas as voltas que a vida deu, afastando-me de concretizá-la.

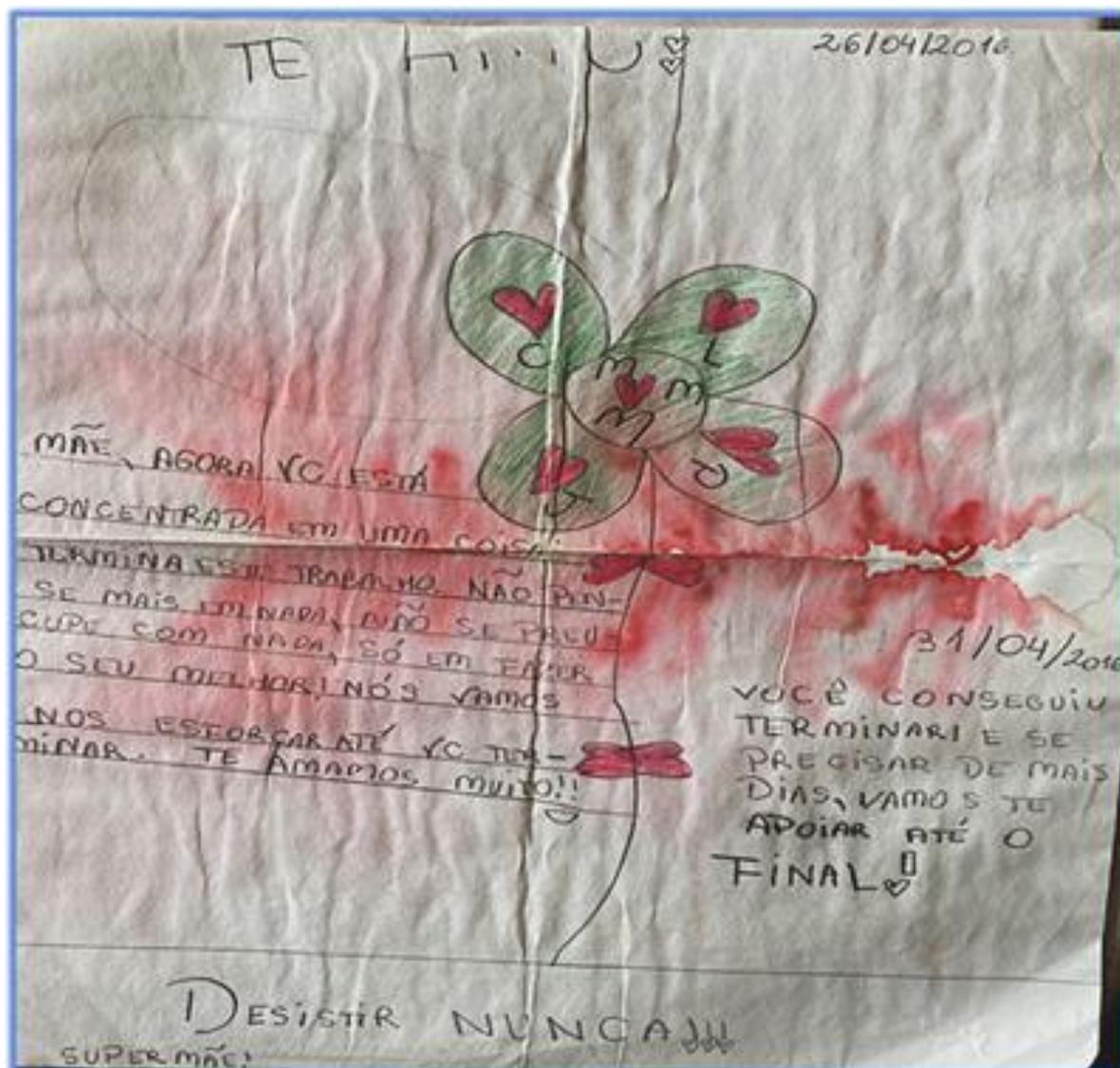
Então, depois de ser mãe, e saindo de um puerpério conturbado, refleti e tomei a decisão de seguir uma espécie de “instinto racional”, que, de certa forma, sempre me chamou para ser professora de Educação Física. Fiz isso por mim e também pela minha filha, pois eu quero que ela saiba que a mãe dela segue seus objetivos com os pés no chão, mas também com brilho nos olhos. Quero que ela tenha essa referência, de alguém (muito) próxima que “saiu da curva” daquilo que esperavam dela. Não com a intenção de agredir alguém, mas por seguir seus próprios caminhos, ainda que já tenha escutado vários e vários “nãos” da vida anteriormente.

Por fim, cabe dizer que o “maternar” em uma sociedade que não enxerga os direitos da mulher - que existe, não por de trás, mas concomitantemente à mãe em que se transformou - não é fácil, dadas as inúmeras dificuldades que lutamos para lidar e superar. Por exemplo: uma universidade com horários inflexíveis e inviáveis para alguém que deve se responsabilizar inteiramente pela criação de uma criança; cargos profissionais que não compreendem que, quando o filho adoece, alguém precisa levá-lo ao médico e cuidar dele em casa; a falta de uma rede de apoio que auxilie nos cuidados de um pequeno (que incluem não apenas alimentação e vestimenta, mas também a saúde física e mental, dentre outras tarefas), etc..

Contudo, mesmo com todo o tipo de adversidade que enfrentamos, minha filha é hoje minha maior inspiração para ir mais longe e melhor em todas as áreas da minha vida (incluindo no âmbito estudantil). É a partir do futuro que quero proporcionar a ela, que minha motivação é acionada, mesmo nos momentos de maior turbulência pessoal. E, é também através dos valores que desejo ensinar à minha filha, que retiro forças para alcançar através de luta e de persistência todos os lugares que hoje, enquanto mãe e mulher, tenho dificuldade em acessar como gostaria.

Bárbara Cardoso Aguiar, 27 anos, mãe da Melissa de 03 anos, bolsista do Projeto de Extensão “ESEFID Acolhe Infâncias” e estudante do Curso de Bacharelado em Educação Física da UFRGS.





Desenho/Bilhete de Maria Luiza Venâncio Ananias.
 Nas pétalas da flor, representadas com as Letras J – Julia, C- Celeste, L- Luiza, P- Pai.
 E no miolo da flor M – Mãe.

EU E MINHA CONSTELAÇÃO DE MARIAS NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA: TENTARAM NOS PARAR, MAS RESISTIMOS E SEGUIMOS...

Elisangela Venâncio Ananias

Sou Elisangela, uma mulher negra, professora de Educação Física, mãe de três meninas negras, Maria Julia (25), Maria Celeste (19) e Maria Luiza (16), com as quais tenho, cotidianamente, a oportunidade de ser mãe, amiga, confidente, em uma constante troca de afetos. Mas, por vezes, nos deparamos com alguns desafios que precisamos superar coletivamente. Assim, digo que formamos um coletivo de feministas negras. Feita esta breve apresentação, parto para tentar dar conta da tarefa de narrar minha maternidade durante o recente período que vivemos de crise sanitária, social, financeira, cultural e, sobretudo, de humanidade, ocasionada pela pandemia da Covid-19.

Em fevereiro de 2020, fomos surpreendidas, impactadas com a chegada de notícias vindas da Europa, com relação a um tal vírus letal que, já naquele contexto, impôs a lógica do isolamento social e restrições de mobilidade nas cidades, principalmente na Itália, na França, e em outros países. Frisando que, a China se configurou como o ponto de origem do vírus e das medidas acima mencionadas.

Início assim minha experiência com minhas meninas no Brasil, mais precisamente em Florianópolis-SC, onde residia com a Maria Celeste (17 anos) e com a Maria Luiza (13 anos). A mais velha, Maria Julia, com 23 anos, já morava em São Paulo, onde faz faculdade. Diante das medidas de isolamento social, de restrição de acesso aos mais diversos locais, de adaptação ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) e do impacto do cessar das relações sociais, do convívio com colegas, amigos, familiares e demais rotinas que eram cheias de afetos, ficamos, em um piscar de olhos, reclusas em nossas casas.

De forma pontual, na sexta-feira, 13 de março de 2020, já estávamos acompanhando as notícias de que havia casos no Brasil desde fevereiro, e de que as escolas, possivelmente, fechariam na semana seguinte, pois os casos de Covid cresciam, assim como acontecia na China e em países da Europa. Sem sombra de dúvidas teríamos que iniciar, mesmo que tardiamente, com os cuidados e medidas protetivas de isolamento e de restrição da vida social em todos os âmbitos, nos quais havia o convívio com outras pessoas.

Diante destas notícias, decidi que a partir de segunda-feira, 16 de março, eu não iria ao trabalho, pois, como lecionava as disciplinas de Estágio Supervisionado, teria que estar nas escolas de Educação Infantil. Também decidi que minhas filhas mais novas, Maria Celeste e Maria Luiza, ficariam em casa, e, para Maria Julia a recomendação foi a mesma, de ficar em casa e nada de Universidade ou estágios, evitar ao máximo sair de casa, solicitar compras pela internet, evitar o contato com muitas pessoas, usar máscara e luvas sempre que o contato fosse necessário.

Feito este relato, passo às mudanças em nossa rotina diária. Em um ímpeto de mãe superprotetora, decidi que eu sairia de casa para as compras e outras questões que fosse necessário serem resolvidas fora de casa. Não esquecendo de que, à época, meu marido estava fora do país a trabalho, em uma cidade histórica chamada Isfahan, no Irã, onde os casos também aumentavam, e, como todos os que vivem em países de regime político fechado, o governo tentava abafar as mortes. No caso de meu marido, ele também já estava recluso em casa, com a diferença de ter pouquíssimos contatos que pudessem auxiliá-lo com a vida fora do apartamento. Assim, podem imaginar meu desespero por aqui, mas esta é outra história, que narrarei em outro momento. Mas, fica o registro de que minha preocupação e aflição não se limitavam aos metros quadrados de nosso apartamento no bairro do Estreito, na cidade de Florianópolis.

Cabe aqui outro pequeno parêntese. No prédio em que morávamos, só tínhamos vizinhos idosos, e, como o risco para eles era maior, assumi, além de nossas tarefas fora de casa, a de duas famílias de pessoas idosas em nosso prédio, mas esta também é outra história que fica para outro momento.

Com isso, mercado, padaria, pagamento de contas em bancos, remédios no postinho, todas estas funções foram assumidas por mim, acumuladas com o medo sempre constante de trazer o vírus para o nosso prédio. Redobramos os cuidados com a limpeza, reduzimos o contato uns com os outros, entrei em campanhas de arrecadação de alimentos e de roupas para famílias que estavam em situação de maior risco. Mas, importante lembrarmos que isso era ainda primeiro semestre de 2020, muita coisa ainda estava por vir, mas não tínhamos ideia.

Voltando ao nosso apartamento, somos uma família de pai e mãe professores de Educação Física. Então, nossas meninas, como podem imaginar, sempre estiveram

envolvidas com esporte, dança, ginástica e tudo mais que diz respeito a uma vida ativa e saudável.

A Maria Julia, em São Paulo, no quinto semestre de Ciências Sociais, teve as aulas presenciais suspensas, o acesso ao centro de pesquisa em que cumpria estágio fechou, o trabalho com movimentos sociais sofreu mudanças, principalmente, das atividades presenciais, pois teve suas sedes fechadas. Gradativamente, foi se adequando com compras online, exercícios físicos em casa. Sem saber iniciava um ciclo que, mais tarde, desencadearia um obstáculo ao retorno presencial, com dificuldades de socialização.

Maria Celeste, nossa filha do meio, recém tinha iniciado o terceiro ano, ano em que prestaria vestibular e, de repente, se viu sem poder sair para as aulas, participar dos plantões de dúvidas, dos laboratórios de redação, do convívio e do estudo com as/os amigas/os, sem poder ir aos treinos de vôlei e à academia de ginástica. Ou seja, a vida desacelerava, justamente em um ano tão decisivo, para o qual ela vinha se preparando havia algum tempo, para viver de forma intensa, mas que não ocorreu como esperava.

Maria Luiza, então no oitavo ano, acabara de iniciar em um colégio novo, já tinha frequentado um mês, mas viu aos poucos a escola suspender as aulas, o clube onde treinava vôlei interromper todas as atividades, as aulas de *ballet* passaram a ser remotas, a professora de piano não podia mais vir em casa. Restava, assim, encontrarmos algo para fazermos em casa, juntas ou separadas, mas não poderíamos parar totalmente, com o risco de vermos nossa saúde mental declinar aos poucos.

Como puderam perceber, minhas filhas não são pequenas, já havia passado minha fase de auxiliar com tarefas, organizar os estudos para as avaliações, orientar os trabalhos nos quais elas tinham alguma dificuldade. Ou seja, aquelas tarefas que mães de crianças pequenas estavam vivenciando da pior maneira possível, e que, em certa medida, eu não enfrentei diretamente, mas outros desafios foram apresentados.

Na verdade, por serem adolescentes, as meninas tinham certa autonomia para os estudos, e, com isso, não enfrentei grandes problemas, pois elas rapidamente assumiram novas rotinas de estudos. Foram jovens guerreiras, pois acordavam cedo para as aulas *online*, aproveitaram o privilégio de cada uma ter seu quarto, com seu computador, com uma internet estável, que não foi o caso de muitas das crianças e mesmo dos jovens adultos para os quais lecionava no ensino superior.

Muitos tiveram dificuldades de várias ordens – financeiras, de acesso à internet, trabalho, mudança de escolas, enfim, todas aquelas situações que ainda hoje, mais de dois anos após o início de todos os desafios, ainda estamos nos refazendo para retornarmos ao que perdemos, ou mesmo, para enfrentarmos mudanças necessárias, assumindo outras formas de viver, estar e conviver.

Passados alguns dias do início de nosso isolamento social, já ajustadas com as atividades escolares remotas, minhas filhas começaram a receber aulas e treinos *online* de seus respectivos treinadores e professoras. Assim, eu que tinha por hábito correr, aliás, ainda tenho, passei a fazer os treinos com as minhas filhas. Intercalava minhas corridas, nas quais me adaptei a fazer com o uso da máscara, com as *lives* de treinos das minhas filhas.

Na tentativa de não as deixar perder a alegria que tinham em se exercitar, e, mais que tudo, conviver com as colegas, passei a uma rotina de, além de fazer minhas atividades de trabalho da universidade *online*, participava dos horários em que havia *lives* dos treinos delas. Na verdade, o preparador físico do clube em que a Maria Luiza treinava vôlei passou a fazer, periodicamente, *lives* para que elas não perdessem totalmente o contato com a modalidade e com as colegas. Então, conseguia me organizar para estarmos juntas, eu e a Maria Luiza, nesses momentos que eram muito divertidos, às vezes eu me passava...



Foto 1: Elis e Maria Luiza,
após *live* em maio/2020

A Maria Celeste também participava de algumas *lives* de exercícios físicos, tinha os momentos em que conversava com as amigas do colégio, assistiam filmes e séries de

maneira síncrona e depois comentavam juntas, numa resenha. Esta foi a estratégia que encontraram para não perderem o contato.

A Maria Julia morava com duas amigas em São Paulo, que também estavam em casa e passaram a ter suas atividades de trabalho e acadêmicas *online*. E, para manter atividades diárias, ela também, assim como a Maria Celeste, fazia treinos da internet, assistia séries e filmes, e tinha certo convívio com as colegas de república.

Eu passei a assistir as séries que elas assistiam, com cada uma delas. Com a Maria Luiza assistia *Atypical* e, às vezes, *Stranger Things*; com a Maria Celeste, *Vampire Diaries* e *Casos Criminais*, e, com a Maria Julia, *This is Us*, alguns filmes longa metragem, que fazem parte de nossa rotina até hoje, inclusive com idas ao cinema.

Entre idas e vindas, choros e risos, tristezas e alegrias, em parte, estes foram os momentos que, ciclicamente, passamos durante a pandemia. Houve, nos momentos de perda e de longa duração do distanciamento, sofrimentos mais profundos, mas nos refizemos, nos apoiamos e resistimos. Aliás, um exercício quase que ancestral de nossa negritude.

Embora tenhamos enfrentado muitos desafios, de forma individual e enquanto família, durante o período de pandemia, penso que, em muitos momentos, estreitamos nossos laços de mãe e filhas. Inclusive entre elas, que formaram um grupo de *WhatsApp* para, com certeza, num *Complô*, debaterem questões que não concordavam comigo e com o Glydiston (meu marido e pai delas).

Posso afirmar, com toda certeza, que somos outras pessoas depois deste período conturbado, do qual ainda restam certas sequelas, vividas de forma dolorida, pelas perdas que sofremos de parentes próximos, pelo período de distanciamento que tivemos de meu marido e da Maria Julia, pela impossibilidade de estarmos juntos durante um longo período, pois como estavam longe, não tinham como entrar num ônibus ou avião e virem para casa, nosso lugar e porto seguro enquanto família. Mas, resistimos!

Faço, assim, uma breve consideração a respeito deste nosso período, que infelizmente, ainda não findou. Penso que, aquelas/es que puderam ter o privilégio de conviver em família, mesmo diante das dificuldades de convivência, tentam ver por outras lentes, viver e resolver certas desavenças que só acontecem quando estamos realmente juntos e, mais que tudo, olhar através da janela, sair pela porta e, com dignidade,

compartilhar, chorar, acreditar, esperar juntos/as neste entre tempos que ainda estamos a viver, mas que parece estar custando a passar e a transformar alguns de nós.

Como num exercício vital e profundo de inspirar e expirar, que de tantos foi ceifado neste período, é possível esperarmos juntas, caminharmos mais um trecho juntas, assim como faço com minha constelação de Marias, diariamente, seguindo, resistindo, existindo...



Elisângela Venâncio Ananias, mãe da Maria Júlia, da Maria Luíza e da Maria Celeste. Licenciada em Educação Física pela Unesp-Rio Claro, Especialista em Gestão Escolar pela USP-Esalq, Mestre em Ciências da Religião pela PUCSP, Doutora em Ciências da Motricidade pela Unesp-Rio Claro. Professora da ESEFID/UFRGS. Membro do Núcleo de Pesquisas em Educação Física - Nepef (Unesp/RC), do Centro de Pesquisa Internacional sobre a Formação e Profissão Docente - CRIFPE-Brasil, do Grupo de Estudos F3P-EFICE da ESEFID/UFRGS, do Coletivo Mães F3P-EFICE da ESEFID/UFRGS, e Coordenadora adjunta do Projeto de Extensão SêNegra-Esefid/UFRGS.



POSFÁCIO

Encerrar esta obra é uma honra e um enorme prazer, mas uma tarefa que exige uma delicadeza tremenda, pois acredito que não existem palavras que descrevam a riqueza do que lemos até aqui. As tantas vivências relatadas neste livro pelas mulheres mães docentes e estudantes demonstram parte do grande espectro em que as maternidades se desenvolvem. Além disso, o livro em si já apresenta a urgência que as mães brasileiras possuem em falar e relatar que o senso de maternidade precisa ser ampliado e diversificado, ou seja, é imperativo falar em maternidades, no plural.

A apresentação dos textos que são introduzidos pelas ilustrações dos filhos e das filhas das autoras traz de maneira simbólica para os leitores que atrás de cada palavra escrita há mais do que a autora, há a mãe que também é mulher, também é filha, irmã, esposa, prima, tia, “dinda” e tantos outros papéis que desempenhamos enquanto mulheres. Como mulheres, sabemos que esses papéis são imbuídos de cuidado, de responsabilidades que não nos permitem estar cansadas, ocupadas, sem tempo ou sem condições.

A pandemia de Covid 19, que atravessa todos os textos, traz novamente a diversidade, pois os relatos dançam nus numa madrugada sem fim ou se apresentam em poemas, trechos de músicas, encontram-se representados em citações acadêmicas, se medem em centímetros, viram desabafos em grupos de *WhatsApp*, ou, até mesmo, viajam para Fernando de Noronha dentro de uma sala de estar que, vez ou outra, é academia ou campo de futebol, e, assim, a pandemia mundial se torna singular dentro de cada casa e de cada família. A saída desse ambiente causava temor, pois entre uma camada de álcool em gel e uma troca de máscara, a culpa daquela inocente esfregada no olho nos faz temer por sermos aqueles que vão levar o temido vírus para a vida daqueles que amamos.

Frente a esse dilema de cuidar de si e dos outros, a tecnologia que tanto preocupava os nossos pais vira aliada da escola, e, porque não dizer? Vira aliada da mãe que já não sabe o que inventar para acabar com o tédio dos filhos e das filhas, pois em tantas semanas de isolamento social já não há manual, estratégia psicopedagógica ou tutorial do *Youtube* que consiga vencer o grande “nada de bom pra fazer” que habita entre as paredes de casa.

A tal tecnologia que trouxe as redes sociais e o *WhatsApp* começa a parecer menos vilã e mais amiga. Os grupos de desabafo viraram a válvula de escape de tantas mães que puderam confidenciar suas frustrações, suas felicidades e suas descobertas, ao mesmo tempo em que se sentiam representadas na sobrecarga da outra, podendo não se sentirem

tão sozinhas nem tão culpadas por não estarem vivendo a mesma pandemia das mães *influencers* das redes sociais – que também são vítimas da figura da mãe perfeita, fruto do mito do amor materno. Buscar a ilusão de vida social ativa nas redes foi apenas uma forma de se manterem sãs, pois sabemos que a saúde mental das mulheres mães durante a pandemia foi duramente afetada – tanto pela sobrecarga, quanto pelo isolamento – e foi nesse novo “mito da caverna”, em que as imagens do mundo externo eram projetadas pelas telas, que nos fizemos e refizemos em *loops* eternos de centenas de dias que pareciam iguais. Mas, como vimos nos relatos, todos os dias exigiam uma mulher e mãe diferente.

Dentro da rotina universitária, como citam várias mães aqui neste livro, os coletivos se mostraram ferramentas importantes de organização e de acolhimento, conectando diversas mulheres que habitam o mesmo espaço e vivenciam desafios tão semelhantes e, ao mesmo tempo, tão diferentes. As rotinas aqui apresentadas, que são atravessadas por gênero, raça, etnia, sexualidade, classe, religião e tantos outros marcadores, fazem deste um livro para estar na cabeceira de gestores de instituições de ensino e também de gestores públicos que têm em suas mãos o poder de transformar as vidas destas e de tantas outras mulheres que ocupam as universidades nos mais diversos espaços e posições.

Gostaria de concluir esse Posfácio desejando que os leitores e as leitoras façam deste livro um primeiro passo para uma mudança de atitude na busca de uma sociedade mais empática com as mulheres e em especial com as mães – sugiro comecem com suas próprias mães. Esse é um livro para todas as mulheres, pois somos nós convocadas ao materno desde a infância e medidas pelo parâmetro da inalcançável figura da mãe perfeita. A vida nos mostra que falar de mulheres parece um desafio, mas ser mulher é um desafio ainda maior. Por isso, devemos estar conectadas, unir forças por dias melhores, dias mulheres.

“Eu aprendi há muito tempo que a coisa mais sábia que posso fazer é estar no meu próprio lado, ser um advogado para mim e para outros como eu.”
Maya Angelou

Juliana Marcia Santos Silva

Juliana Marcia Santos Silva, doutoranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismos e Bacharela em Serviço Social pela Universidade Federal da Bahia. Mulher sem filhos, ativista da luta de mães universitárias e criadora do Mapa Nacional de Coletivos de Mães Universitárias. Pesquisadora do GTMCMP/UFG, CIGE/NEIM/UFBA e GPAAR/PUC-Rio.



